



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura

Mafalda Sofia dos Santos Grilo

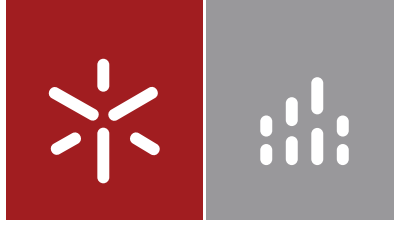
Evolução histórico-formal da Igreja de São Pedro, Elvas

Evolução histórico-formal da Igreja de São Pedro, Elvas

Mafalda Sofia dos Santos Grilo

UMinho | 2019

outubro de 2019



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Mafalda Sofia dos Santos Grilo

Evolução histórico-formal da Igreja de São Pedro, Elvas

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Cultura Arquitectónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Jorge Manuel Simão Correia

DECLARAÇÃO

Nome: Mafalda Sofia dos Santos Grilo

Endereço eletrónico: mafalda.grilo93@gmail.com

Telefone: 967439922

Número do Bilhete de Identidade: 14190502

Título dissertação: Evolução histórico-formal da Igreja de São Pedro, Elvas

Orientador: Professor Doutor Jorge Correia

Ano de conclusão: 2019

Ramo de Conhecimento: Cultura Arquitetónica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor Jorge Correia pelo acompanhamento, paciência e partilha de conhecimentos indispensáveis para a realização deste trabalho.

Ao Sr José Martins, pelo acompanhamento e disponibilidade nas visitas à cidade de Elvas.

À Sr^a Graça Carvalho, pela disponibilidade, simpatia, e pelo acompanhamento na visita inicial à Igreja de São Pedro.

À minha família pela paciência e apoio incondicional.

A todos aqueles que contribuíram com a sua amizade, paciência e compreensão para que o trabalho fosse possível, muito obrigada.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

A dissertação consiste numa análise histórica e morfológica da Igreja de São Pedro, em Elvas. Do século XIII, o edifício conheceu vários períodos de intervenção, tendo passado de torre de muralha islâmica a igreja cristã. A sua atual função foi definida no período de transição entre o domínio árabe e a reconquista cristã, altura em que surge como cabeça de uma das quatro paróquias criadas à data da sua fundação e que organizavam a cidade de Elvas então. Esta proposta visa a compreensão do conjunto edificado, tendo como objetivo refletir o seu percurso histórico-construtivo, procurando atualizar o estado do conhecimento sobre o objeto, de modo a que possa ser ferramenta útil para futuras intervenções, conscientes do seu valor patrimonial.

Paralelamente ao levantamento do caso de estudo, e respetiva análise da implantação, forma e influências artísticas, procedeu-se à interpretação de cada fase construtiva e a contextualização das mesmas. A pesquisa bibliográfica possibilitou a reconstituição cronológica das diferentes fases de intervenção do objeto, sua inserção urbana e valor patrimonial. Esta investigação procura também alertar para o reconhecimento do património edificado, e seu valor, contribuindo para o enriquecimento, em contexto regional e nacional, da historiografia da arquitetura.

ABSTRACT

This dissertation consists on an historical and morphological analysis of Saint Peter's Church, in Elvas. From the XIIIth century, this building has known several periods of architectural intervention, it went from a tower that belonged to the islamic wall of the city to a christian church. Its current program was defined on the transition period between the arab dominion and the christian reconquest, a time when this particular object emerges as the head church of one of the four parishes that were created then and which allowed the organization of Elvas. This thesis aims to comprehend the building and its annexes, and has as it's main goal not only to reflect on its historical and constructive narrative, seeking to update the state of knowledge about the object, so that it can be a useful tool for future interventions, aware of its patrimonial value.

In parallel with the survey of Saint Petter's Church, and the analysis of its placement, form and artistic influences, an interpretation of each constructive phase, and respective context, was made.

The bibliographic reasearch allowed the chronologic reconstitution of the different phases of intervention on the architectonic object, its urban setting and cultural value. This investigation intends to acknowledge the arquitectonic heritage, and its value, contributing to the enrichment, on a regional and national context, of architectural historiography.

SUMÁRIO

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	11
0 INTRODUÇÃO	13
Objeto	15
Objetivos	17
Metodologia	19
1 DO LUGAR	23
Dos antecedentes	25
Da história edificatória do objeto	37
Do presente	47
2 DAS INTERVENÇÕES	59
Introdução às Fases	61
Da construção do “Altar”	63
Da implementação de um novo modelo	79
Dos elementos clássicos	93
Das consequências do terramoto	105
Das Intervenções da D.G.E.M.N.	117
Síntese Cronológica	125
3 PARA UMA INTERPRETAÇÃO DA IGREJA DE SÃO PEDRO	129
4 SÍNTESE FINAL	143
5 BIBLIOGRAFIA	147
Fontes Escritas	148
Imagens	152
6 ANEXOS	159

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está organizada em sete partes distintas. A primeira parte corresponde a um capítulo introdutório (capítulo 0) que servirá para apresentar o objeto sobre o qual recai esta investigação de modo sucinto e os objetivos pretendidos na sua realização. Este primeiro capítulo integra também uma explicação sobre a metodologia proposta para conduzir o trabalho apresentado, bem como a estrutura das fontes mais importantes recolhidas ao longo deste percurso de investigação.

A segunda parte assenta sobre o Lugar e subdivide-se em três capítulos: o primeiro denominado *Dos Antecedentes*, onde se apresenta uma breve história e evolução da cidade de Elvas desde o período em que os primeiros sinais de ocupação se manifestaram no território elvense até ao período da reconquista da urbe – altura em que o caso de estudo é implantado na cidade. O segundo capítulo da segunda parte designa-se por *Da história edificatória do edifício* e descreve o conhecimento existente até ao início do presente trabalho, nomeadamente as fases identificadas pelas fontes encontradas e a integração de elementos construtivos em intervalos temporais. A terceira parte do capítulo é composta pela investigação mais recente e atual que se realizou sobre a igreja de São Pedro, incluindo todo o trabalho de campo executado para o levantamento da obra. Nesta parte inclui-se o levantamento métrico da igreja, bem como um levantamento fotográfico do objeto de estudo, sem negligenciar as fontes escritas consultadas para o mesmo efeito. Neste capítulo é revisto todo o conhecimento e informação escrita ou visual que existia sobre o objeto arquitetónico em estudo até ao início da investigação, bem como o resultado do levantamento arquitetónico levado a cabo no decorrer deste trabalho.

A terceira parte da dissertação é a que corresponde à evolução do conjunto, designada *Das Intervenções*, e compreende a identificação e introdução das fases possíveis a partir do estado da arte, e procura desenvolver e justificar as cinco fases propostas para o processo evolutivo da igreja de São Pedro. As conjeturas e hipóteses são colocadas com base nas informações recolhidas e tentam colmatar lacunas na compreensão do objeto. Para cada fase, o texto organiza-se de modo a fornecer inicialmente um breve contexto histórico/social do país e da cidade, seguida por uma interpretação da informação recolhida que leva à formulação da hipótese construtiva e, por fim uma comparação com outros modelos (em algumas das fases) que podem ter exercido influência na construção da igreja de São Pedro.

A quarta parte da dissertação, *Para uma interpretação da Igreja de São Pedro*, reflete, como o nome indica, sobre questões relacionadas não só com a posição e importância do objeto de estudo na cidade de Elvas, mas também sobre as influências exercidas sobre a construção da igreja e que culminaram na sua imagem atual. Coloca em perspetiva o possível impacto da igreja no contexto da cidade, do tempo em que a sua evolução ocorre e procura a valorização de elementos encontrados na construção. Avalia, também, de um modo mais geral, os meios e entidades que estão responsáveis pela preservação do património construído. Esta parte é seguida pela *Síntese Final*, que apresenta uma breve conclusão sobre o trabalho investigativo.

Após a apresentação das conclusões, encontram-se a compilação, na *Bibliografia*, de todas as fontes consultadas no âmbito da investigação realizada, monografias, artigos e bibliografia de imagens. Os *Anexos* apresentam as imagens dos manuscritos que efetivamente apresentaram informação pertinente no decorrer da dissertação e que possibilitaram um melhor entendimento da igreja de São Pedro de Elvas, bem como imagens do levantamento métrico a uma escala maior.

0 | INTRODUÇÃO



Figura 1 – excerto da Carta topográfica da cidade de Elvas – carta nº414



Figura 2 – Montagem de ortofotomapa de parte da cidade de Elvas que identifica da Igreja de São Pedro

OBJETO

A igreja de São Pedro encontra-se situada no lado nascente da cidade de Elvas, cidade fronteiriça do Alentejo, distrito de Portalegre. É igreja paroquial da união de freguesias de Caia, São Pedro e Alcáçova e conta com uma história que se prolonga por cerca de nove séculos. Está localizada nas proximidades das Portas de São Vicente, numa rua com um grande desnível. As fachadas a norte e a poente estão voltadas para ruas da cidade, sendo que as fachadas nascente e sul estão adossadas a edifícios de habitação. É um objeto de dimensões modestas, que se pronuncia na urbe devido a dois dos seus elementos formais: uma cúpula com lanternim e uma torre sineira com coruchéu quadrangular que se ergue para lhe dar visibilidade. É uma das construções religiosas cristãs mais antigas de Elvas, tendo absorvido aos longo dos anos elementos construtivos referentes a vários períodos de tempo.

OBJETIVOS

A conservação e intervenção no património construído são dois temas que marcam presença regular na discussão atual em arquitetura¹. Várias são as questões que se colocam dentro deste tema específico e as problemáticas a ele associadas. Qual a real importância do valor patrimonial dos edifícios? Quão importante é o reconhecimento desse mesmo valor? A resposta a estas questões pode traduzir-se no modo como se delineiam estratégias de intervenção, no intervir com consciência não só na expressão formal e externa da obra arquitetónica, mas também no valor espacial e histórico que ela apresenta. O presente trabalho pretende refletir sobre a importância do património construído. Existem inúmeras obras arquitetónicas de valor patrimonial inquestionável que carecem de conhecimento documental, o que coloca dificuldades na atuação sobre o edifício no momento de intervir. Esta falha de informação, assim que é colmatada, permite que a realização de uma intervenção no edifício seja uma ação informada e na qual a história e evolução da obra sejam fatores que auxiliam as escolhas do projeto. Neste trabalho propõe-se, justamente, colocar o conhecimento como ferramenta disponível ao arquiteto.

A proposta desta dissertação consiste no reconhecimento da Igreja de São Pedro de Elvas enquanto objeto construído ao longo de nove séculos, *edifício palimpsesto*, e que se desenvolveu de modo estratificado e ritmo irregular. O objeto em estudo apresenta-se como um desafio de interpretação e reconhecimento de uma obra arquitetónica com valor patrimonial que apresenta uma composição de elementos com especificidades. Este trabalho surge com o objetivo de utilizar e testar as ferramentas que já existem dentro deste tipo de análise, procurando gerar informação original e que se revele útil sobre a Igreja de São Pedro – objeto que pouca informação documentada apresenta. Pretende-se que o contributo deste trabalho vá mais longe do que a produção de informação sobre este edifício religioso. Este trabalho poderá, no futuro, contribuir para uma análise mais profunda e desenvolvimento de mais informação como base para refletir na importância dos estratos que compõem o edifício e que se refletem na sua envolvente e que auxiliam a compreender a maneira como o património se relaciona com a sociedade (presente e passada). O conhecimento recolhido deve ser considerado como uma ferramenta de compreensão do património.

¹ Vários são os autores e obras que apresentaram argumentos e teorias acerca da intervenção e reconhecimento do valor patrimonial dos edifícios. de Françoise Choay, nos seus livros “A Alegoria do Património” (1992) e “As Questões do Património: Antologia para um Combate” (2009), a Ignasi Solà Morales em “Património arquitetónico ou parque temático?” (2002).

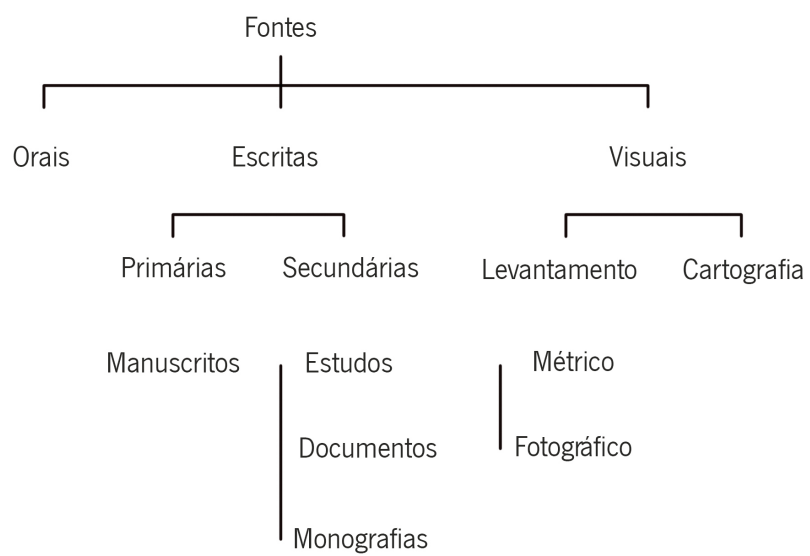


Figura 3- Esquema de fontes

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na dissertação apresentada tem origem na realização de dois processos em paralelo. O primeiro expressa-se na recolha de fontes de informação – fontes que podem ser orais, escritas ou visuais – e na sua posterior compilação de modo a analisar o objeto e a sua evolução construtiva. O segundo, por sua vez, consiste na interpretação das informações condensadas e que permitem a formulação e justificação de hipóteses possíveis relativas à evolução construtiva da obra e, quando necessário sua envolvente, bem como o seu enquadramento no contexto artístico e/ou histórico da época.

Uma cronologia com informação referente à datação das fases construtivas desenvolvidas na obra é o resultado do cruzamento dos dois processos referidos acima. Esta cronologia é possível também com o auxílio de elementos de representação desenhados, com base num levantamento métrico e fotográfico intensivo. O levantamento métrico é realizado tendo por base o método da triangulação, que consiste na localização de um ponto no espaço a partir da medição de três distâncias que, entre si, formam um triângulo. Estas ferramentas de desenho representam, até ao final desta dissertação, uma ferramenta indispensável à compreensão e reconstituição do caso de estudo.

O levantamento métrico e o modelo tridimensional são realizados a partir da análise de documentos como bibliografia local e fotografias atuais (não se encontraram fotografias mais antigas) nos quais se encontram referências ao objeto de estudo, diretas ou indiretas, e do cruzamento do saber adquirido com a nova informação recolhida, em paralelo com indícios encontrados no decorrer do estudo do edifício. Através destes é possível ‘desconstruir’ a obra até alcançar uma conjectura do que foram as fases iniciais da Igreja de São Pedro.

A representação tridimensional procura a simplificação dos volumes que compõem a obra, e a compreensão da evolução construtiva da mesma ao longo das fases identificadas. O levantamento fotográfico e a observação no local são também essenciais no processo de estudo do edifício, permitindo a identificação de formas, estereotomias e materiais de construção.

As fontes de informação disponíveis para a realização do presente trabalho agrupam-se, essencialmente, em duas categorias: fontes escritas e fontes visuais. As primeiras podem subdividir-se em fontes diretas ou indiretas. Nas primeiras encontram-se os manuscritos, escritos nas épocas em estudo, e nas segundas agrupam-se as monografias, artigos e estudos (sejam eles

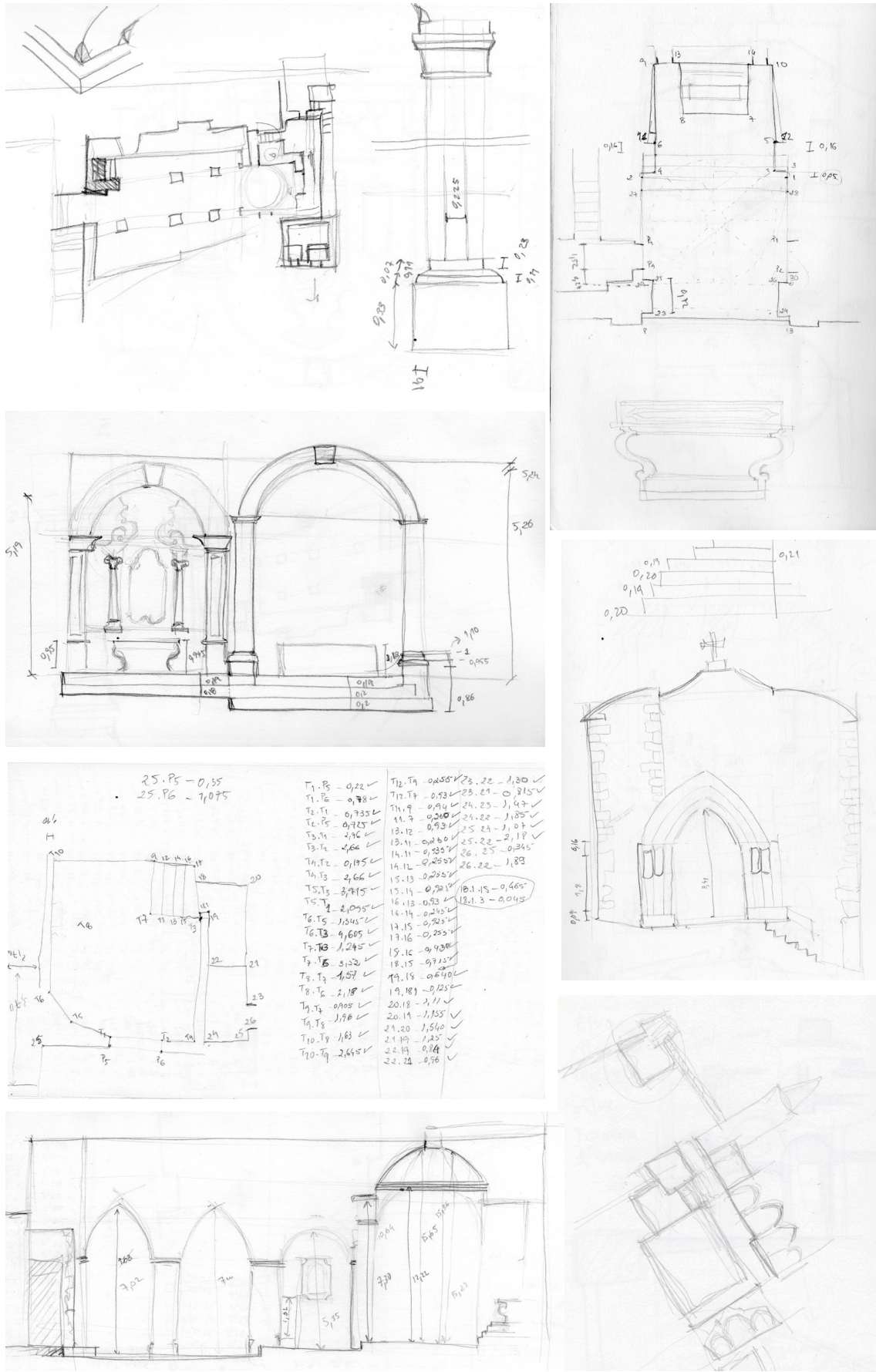


Figura 4 - Imagens do processo de levantamento métrico levado a cabo no decorrer da investigação

em formato físico ou digital). Nas fontes visuais estão presentes a cartografia encontrada e os levantamentos levados a cabo ao longo da investigação.

Recorre-se, para além das fontes já mencionadas, à consulta de documentos e monografias de conteúdo mais generalizado, que auxiliam a compreensão do contexto do objeto de estudo no tempo histórico e social (da cidade e do país) e do tempo construtivo e artístico.

É através do cruzamento das fontes acima descritas, e de outras que foram consultadas, que é possível chegar a uma especulação sobre a morfologia da Igreja de São Pedro de Elvas em cada uma das suas épocas construtivas, procurando assim combater as lacunas encontradas nas fontes existentes até aos dias de hoje.

1 | DO LUGAR



Figura 5 - ALBERNAZ, João Teixeira, I, fl. 1602-1649 - mapa do séc. XVII que ilustra a localização de Elvas

DOS ANTECEDENTES

Elvas foi considerada durante muitos séculos, e ainda hoje é conhecida, como a Rainha da Fronteira, apresentando-se como uma das cidades portuguesas que, desde que passou a integrar o território português, não mais voltou a ser conquistada. O seu posicionamento estratégico conferiu-lhe, desde que há registo, uma importância que proporcionou o desenvolvimento militar das cinturas de muralhas e sua posterior fortificação.

“Está Elvas em sítio elevado, e sobre uma collina, rodeada de muitas outras, assim como de planícies, que as bordam pela parte do oriente, etravessadas pelo curso do Guadiana, e do Caya; (...)”²

É pela sua implantação, aproveitando a topografia permitida pela presença do Guadiana, numa colina e próxima da fronteira, a dez quilómetros de Espanha, que Elvas adquire relevo militar e consequentemente, é considerada, no séc. XVI, a quinta cidade do reino.³

A região de Elvas apresenta vestígios de ocupação humana desde tempos remotos, havendo registados indícios de comunidades do período do Paleolítico inferior. O fenómeno do megalitismo e neolitização estão representados na região e nos arredores da atual cidade. No entanto, foram encontrados também marcas de presença humana que, em termos gerais se referem ao período proto-histórico. Elvas parece localizar-se então numa zona onde se cruzam influencias culturais de diferentes origens, encontrando-se vestígios tanto da Idade do Bronze como da Idade do Ferro.⁴ A ocupação da região de Elvas por parte da civilização romana, que tem lugar no *Conventus Pacensis* entre 202 e 139 a.C, parece dar-se na altura das campanhas de Júlio César, especulando-se que a cidade estivesse integrada no *territorium* de *Augusta Emerita*⁵ No entanto, os vestígios encontrados falam desta ocupação nos arredores de Elvas, e nunca na atual localização da cidade, sendo possível que no relevo onde a cidade está implantada não existisse qualquer povoado romano. Há, porém, especulações que não se podem colocar de parte e que não deixam de se apresentar como viáveis. Segundo Jorge Alarcão, Elvas poderia ter sido um

³ Cadastro do reino de 1527 – 5º - Elvas (RIBEIRO, O: 1993)

⁴ CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*, 2013, p.28-30

⁵ *Ibidem* p.32



Figura 6 - Ilustração da Sé de Elvas - autor e data desconhecidos

núcleo urbano de carácter secundário importante, e considerando a topografia em que se encontra implantada não se excluiria a hipótese de ter recebido instalações de cariz militar (era também atravessada por uma das principais vias da Lusitânia que ligava Emerita Augusta com Salacia). Esta possibilidade, tendo em consideração o que se sabe sobre o carácter militar que séculos mais tarde lhe é atribuído, parece adquirir força, se considerarmos que é possível que seja nesta altura que Elvas assume posição fronteiriça, uma vez que muitos autores⁶ fazem normalmente coincidir a linha entre *o conventus emeritense e o pacense* (ao qual pertenceria Elvas) com a atual fronteira entre Portugal e Espanha.

Entre o período de ocupação romana e islâmica existem vestígios de uma altura em que o governo da povoação que existiria é assegurado por uma elite goda. Aparecem dentro da área urbana atual da cidade vestígios deste período, parecendo ter existido aquando da governação goda um núcleo populacional de pequenas dimensões que estaria associado a um templo cristão.

Apesar das presenças culturais diversas encontradas na cidade, foi apenas a partir da dominação árabe, por volta do século VIII, que o pequeno povoado que era então Elvas sofreu grandes transformações e passou a ser designada como urbe. A cidade aparece referenciada pela primeira vez de forma clara no século X, no entanto através de descrições encontradas em registos islâmicos⁷ e devido à posição estratégica de Elvas no que diz respeito à sua topografia, aos itinerários que por ela passavam e que permitiam fácil acesso a importantes núcleos urbanos, pode-se pressupor que a cidade não teria ficado de fora do processo de *revolution castrale*⁸ que atingiu territórios do domínio islâmico do século IX. Sabe-se que por volta do ano de 913 se procedeu à reconstrução da cidade de Évora, devido a ação militar, e que as muralhas de Badajoz foram reforçadas e que o mais provável é que Elvas não tenha escapado a esta fase de intervenções. A cidade ganha proeminência em termos económicos e atua como ponto de apoio tanto a Mérida como a Badajoz.

Elvas surge construída como cidade depois do ano de 884, colocando-se a questão se, no mesmo lugar, teriam havido pré-existências sobre as quais pudesse ter assentado a cidade islâmica⁹, o que no panorama geral da cidade islâmica em Portugal se mostrava como regra. Onde em cidades

⁶ “Na verdade, os autores fazem normalmente coincidir a linha divisória entre os conventus emeritense e pacense mais ou menos com a actual linha fronteiriça de Portugal e Espanha. Contudo, o mapa elaborado por Jorge de Alarcão (...) parece querer deixar claro que a zona de Elvas (...) teria ficado integrado na área do conventus de Emérita e não no de Pax Julia. Outros autores que se debruçaram sobre a questão da pertença de Elvas a um dos conventus revelam algumas dúvidas.” CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*, 2013, p.32

⁷ Ibidem, p.50-54

⁸ Ibidem

⁹ SAMPAYO, Mafalda Ferreira de - *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas*, 2008



Figura 7 - Portugal - Mapa das Fortalezas Fronteiriças ilustrado por Brás Pereira em 1642 - parte integrante de cópia de aguarelas sobre o Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas. Imagem que ilustra os limites de Portugal e no qual está representada a cidade de Elvas.

como Lisboa, Mértola e Évora (entre outras) é evidente a leitura de traçados anteriores ao islâmico e a cidade se apropria da pré-existência romana, Elvas parece exceção, se se considerar que os romanos não ergueram construção no monte onde está implantada, mas sim muito próximo da atual cidade. Assim considerando, pode-se afirmar, com base no desenho que ainda permanece no traçado da cidade, que Elvas é uma urbe de fundação islâmica. “A implantação desta cidade reúne três das características principais na escolha dos sítios islâmicos: um rio – o Guadiana; uma colina com vertente a sul menos inclinada; e um cruzamento de importantes vias de comunicação”.¹⁰

A cidade que esteve sob domínio muçulmano entre os séculos IX e XIII, como outras cidades portuguesas que têm as suas raízes no mesmo período ¹¹, obedece à organização espacial que constitui a matriz da cidade islâmica e que na atualidade ainda é observada. Ao contrário de urbes onde a existência da construção de raiz romana definia, em parte, o traçado da cidade islâmica, em Elvas tal não se verifica. A cidade estava dividida no que se poderia nomear por três espaços urbanos distintos: a alcáçova ¹², a medina e os arrabaldes.

A alcáçova de Elvas conformava-se numa planta poligonal e continha três portas, duas voltadas para o interior da medina e outra para o exterior da urbe. Respondendo às funções militares que lhe estavam inerentes, localizava-se à cota mais elevada do monte onde se implantava, a nordeste e num lugar periférico, permitindo, caso fosse necessário, um ponto para onde a fuga seria rapidamente conseguida (a partir da Porta da Traição) ¹³. Esta localização foi o fator que lhe permitiu um constante papel de fortaleza, ainda que adaptado tanto à época, à cultura e, conseqüentemente, arquitetura que se construiu posteriormente. As muralhas que se implantam perpendicularmente às curvas de nível, adaptam-se à topografia do local, abraçando a “malha urbana posicionada na encosta a sul”. ¹⁴ As portas da fachada sul definiam as ruas de maior importância, designadas Porta do Templo e Porta da Alcáçova. Localizada próxima desta última, estaria situada uma das duas mesquitas que existiram em Elvas e que a partir do século XIII serão adaptadas a igrejas cristãs.

¹⁰ SAMPAYO, Mafalda Ferreira de - *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas*, 2008

¹¹ Ibidem

¹² “Alcáçova, cidadela murada, de regular extensão, última defesa ao invasor e com saída independente para o exterior, o que permitia ao grupo militar e administrativo dominante uma discreta fuga sem ter de passar pelas portas da cidade” Carvalho, Sérgio:1989, p.13

¹³ SAMPAYO, Mafalda Ferreira de - *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas*.2008

¹⁴ Ibidem p.19

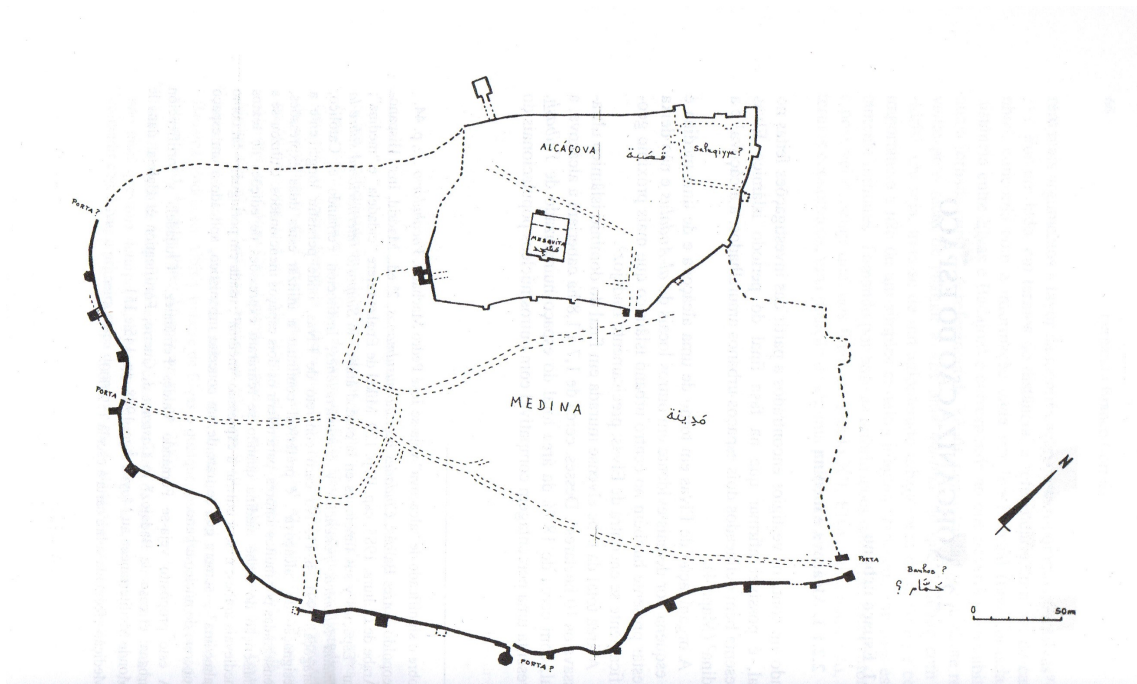


Figura 8 - Esquema desenhado por Fernando Correia, que ilustra o perímetro da cidade de Elvas quando esta ainda se encontrava sob domínio árabe. Identifica as possíveis portas da cidade à data, muitas das quais ainda se consegue ler no a malha da urbe atual.



Figura 9 - Montagem sobre uma fotografia atual da cidade a partir das portas de São Vicente, de uma possível localização da segunda cerca islâmica (a amarelo torrado) - importante na implantação da igreja de São Pedro. A imagem destacada inclui as torres que faziam parte dessa cerca e que persistem na malha da cidade na atualidade.

As muralhas da medina eram compostas por cinco portas, de que se tenha conhecimento, e, do mesmo modo que as da alcáçova, abarcavam o aglomerado habitacional construído na encosta a sul da colina. Na medina encontravam-se edifícios e áreas de carácter público, próprio da cidade islâmica, e que representavam polos que dinamizavam a cidade. Destes espaços salientam-se a mesquita, no local de cruzamento de duas ruas importantes e que se destaca como ponto central da cidade; uma zona de mercado, num dos eixos mais importantes da malha da urbe e que se aproxima desta última mesquita – este mercado seria composto por vários tipos de comércio e devido à sua localização teria sido um importante fator de dinamização de Elvas. Não era só na principal rua da cidade, um eixo viário que ainda hoje se lê no traçado urbano de Elvas, que o mercado existia. Nos arrabaldes, a terceira “parte” em que a cidade estava dividida, existiam mercados semanais e bazares, que vêm suportar a importância económica de Elvas, onde várias rotas e fluxos provenientes de outras povoações se cruzavam (inclusive a antiga via romana).

A hierarquização, como noutros casos de cidades que apresentam a mesma fundação, assenta no desenho das vias, que se organizam em dois grupos claramente distinguíveis. As ruas principais, que conformam os eixos com maior leitura no traçado, apresentam-se como vias mais largas e longas, que albergavam programas públicos, unificando elementos e edifícios importantes da urbe. Identificam-se, tanto em plantas antigas como em fotografias aéreas mais recentes, dois eixos – ambos de perfil irregular ao longo do seu percurso. O primeiro assume a direção de Nordeste-Sudoeste e outro, que lhe é perpendicular, e que liga a alcáçova a uma das portas (atual Porta de Santiago). O primeiro, das quais fazem atualmente parte as ruas de S. Pedro e a rua dos Açougues, era, como evidenciado pela última, a via que recebia o comércio, ligando duas das portas de cidade: a Porta do Bispo (nomenclatura presente) e a Porta dos Banhos (nome que presumivelmente teria na época).

A cidade de fundação islâmica vivia do que se poderia designar por polaridade – neste caso definido como a propriedade dos seus polos de atraírem e organizarem a vida da população em seu redor. Existem então, na cidade, elementos arquitetónicos, quer de cariz urbano e que remetem para a vivência do espaço, quer de conjuntos edificados, que organizam a cidade e que vão definir, tanto na época islâmica como posteriormente, na sua adaptação a outra religião e necessidade de crescimento, focos de vivência.



1 - Porta do Bispo - Porta por onde, a 8 de dezembro de 1226, entrou na cidade o Bispo de Évora, D. Soeiro e a sua comitiva.

2 - Porta Nova ou Arco da Encarnação - Uma das portas tomadas na reconquista de Évora a 6 de agosto de 1227.

3 - Porta dos Banhos ou Ferrada, próxima do local onde se situa atualmente a igreja de S. Pedro, tomada a 29 de junho de 1228.

4 - Porta dos Santos ou do Templo - conquistada pela Ordem do Templo, em data incerta.

Figura 10 – Montagem do mapa de Fernando Correia sobre uma imagem de satélite atual de Évora. A imagem ilustra os pontos de entrada na urbe aquando da reconquista da cidade de Évora, apresentando as ordens religiosas e entidades que tomaram posse das portas da mesma e juntos às quais se ergueram “altares” (segundo a publicação Theatro das Antiguidades). A vermelho mais escuro estão representadas as portas e a vermelho vivo a Igreja de São Pedro.



Figura 11 - Arco do Bispo



Figura 12 - Arco da Encarnação ou Porta Nova



Figura 13- Antiga Porta do Templo ou dos Santos

A conquista da cidade de Elvas por parte dos cristãos aos mouros, liderada por D.Sancho II acontece entre os anos de 1226 e 1229.¹⁵ Segundo o Cónego Aires Varela, no livro *Theatro de Antiguidades D'Elvas*, foi no verão do ano de 1226 que D.Sancho II, acompanhado de “(...) alguns prelados, muitos fidalgos (...)”¹⁶, do Mestres dos Templários e do Prior do Hospital se instala no que viria a ser mais tarde o Forte de Santa Luzia, uma colina de menores dimensões daquela onde a cidade se encontra mas que constituía uma posição de estratégia. A tomada da cidade, segundo o Cónego, dá-se, com maior foco, em três pontos e no intervalo temporal assinalado acima. “Pella banda do nascente, alojou o Prior do Hospital (...). Pelo norte o Mestre dos Templários D. Pedro com os seus cavalr.ºs (...). Pello poente D. Sueyro, Bispo de Évora (...)”¹⁷

Após a reconquista cristã, que ocorre no século XIII, a cidade de Elvas passa por um período de adaptação que promove uma série de transformações na urbe. A cidade, que sofre um processo de adaptação de cidade islâmica para cristã tendo em vista responder a um novo poder que se manifesta tanto política como religiosamente, permanecendo como cidade fronteira e defensiva. O crescimento demográfico exige uma resposta construtiva da cidade, trazendo a necessidade de não só aumentar a construção – nomeadamente novos bairros com um desenho diferente – mas também a ampliação das muralhas que já não conseguem dar resposta ao número de habitantes. O aumento da área amuralhada faz com que se adocem à malha da cidade árabe o que antes representavam os arrabaldes.

A urbe medieval que sucede à islâmica organiza-se de forma diferente, criando divisões administrativas às quais se denominam paróquias. Elvas não representa exceção no panorama da cidade medieval sob o domínio português e surge, na altura da reconquista, dividida em quatro freguesias para as quais são precisas quatro igrejas – o que vai de encontro à necessidade que existia da construção de novos equipamentos religiosos que auxiliassem no processo de transformação da cidade. A concessão de foral à cidade de Elvas sucedeu em 1229, o que permitiu que se procedesse, de modo mais específico, ao seu povoamento.¹⁸

A partir do conhecimento das entradas e localizações pode-se concluir sobre a organização e desenho da cerca da Elvas islâmica, uma vez que nos três locais supramencionados se ergueram

¹⁵ Há vários autores a apontarem datas entre o intervalo acima apresentado. Pedro Gomes Barbosa aponta a conquista de Elvas para 1226 no seu livro “Santa Maria de Alcobaça no Termo de Elvas (a formação do seu património fundiário)”. Já José Mattoso aponta para a conquista da mesma localidade em 1229, altura em que o rei D. Sancho II lhe concedeu foral. (José Mattoso, *A Monarquia Feudal*, [...], p. 123). Há ainda uma terceira data que é apontada por Maria Alegria Marques, “As etapas de crescimento do reino” *Nova História de Portugal*, que defende a reocupação de Elvas em 1230.

¹⁶ VARELA, Cónego Aires, *Theatro das Antiguidades*, 1915, p. 53.

¹⁷ Ibidem

¹⁸ MATTA, José Avelino da Silva e, *Annaes de Elvas*, 1937

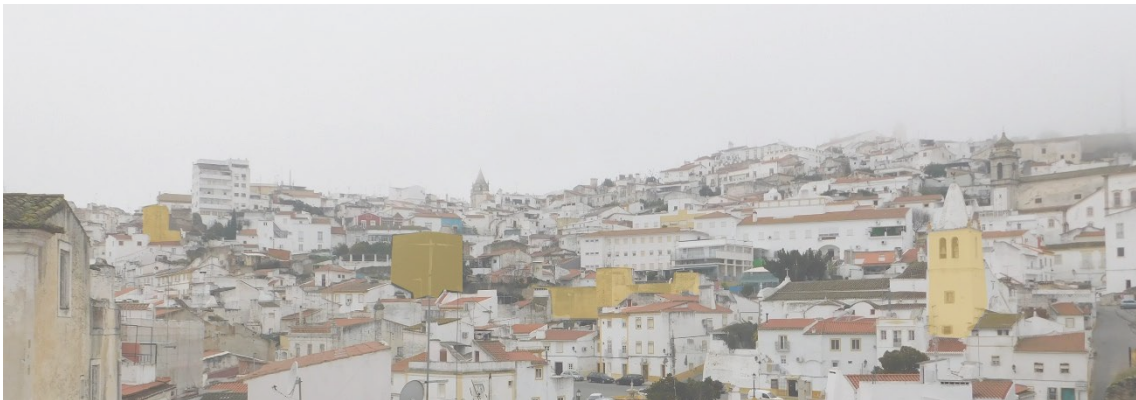


Figura 14 - Identificação das torres atuais (e troços de muralha) que pertenciam à segunda cerca islâmica e que definiam o perímetro da cidade.

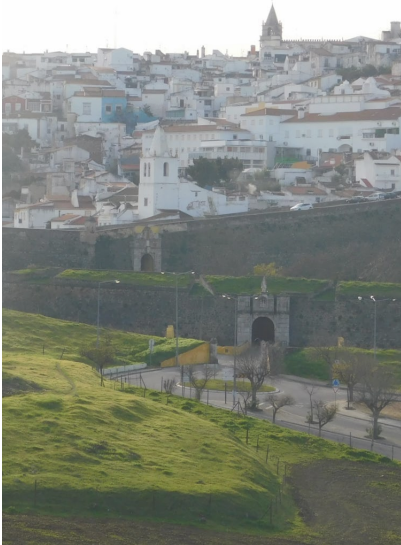


Figura 15 - Atuais Portas de S. Vicente, próximas do que teriam sido as Portas dos Banhos ou Porta Ferrada.



Figura 16 - Torre e troço de muralha que sobreviveram à expansão e evolução de Elvas - próxima da torre sineira do caso de estudo.

três das primeiras igrejas da cidade em domínio cristão. Primeiro a poente, onde a entrada passou a designar-se por Porta do Bispo, depois a nascente e por fim a norte, onde conquistaram a porta de Ferro a 29 de junho de 1228.

A partir da entrada dos exércitos portugueses nestes três pontos inicia-se o processo de erguer altares. Há uma apropriação de objetos edificados aos quais é adossada nova construção e que passam a exercer uma nova finalidade. O caso que parece identificar-se de modo mais imediato é o que nasce da apropriação de uma das torres que pertencia à cerca islâmica.¹⁹ Trata-se da igreja de São Pedro, construída no século XIII, e na qual está integrada a torre da muralha islâmica situada mais próxima da antiga porta dos Banhos ou Porta de Ferro (ponto de referência tanto na Elvas árabe como na Elvas cristã). Assim a torre que fazia parte do sistema defensivo da cidade passa a integrar a vertente religiosa.

¹⁹ Informação referida nas monografias *Inventário Artístico de Portalegre e Theatro das Antiguidades* bem como no periódico *A Revolução de Setembro*.

DA HISTÓRIA EDIFICATÓRIA DO OBJETO

Em 29 de junho de 1228 os exércitos portugueses conseguiram conquistar a porta de Ferro, também conhecida por Porta dos Banhos ou Porta Ferrada, nas proximidades das atuais Portas de São Vicente.

“(...) conseguiram os christãos do quartel real apoderar-se, em 29 de junho de 1228, da porta de ferro, (...) e como não pudessem penetrar na praça (...) fizeram alto junto ao muro, e ahi levantaram o altar (...)”²⁰

Localizada próxima das portas de São Vicente, a igreja de São Pedro encontra-se no alinhamento do que em tempos representou uma das cintas de muralhas existentes na cidade quando esta ainda se encontrava sob domínio islâmico. Foi a terceira igreja a ser edificada na cidade, seguindo a ordem de entrada na mesma pelas forças portuguesas na reconquista cristã entre 1227 e 1229²¹, estabelecendo-se a partir da igreja umas das quatro principais paróquias de Elvas na data da sua edificação.

O conhecimento escrito e publicado existente sobre esta obra reside essencialmente em quatro documentos: o livro *O Theatro das Antiguidades de Elvas*, escrito pelo Cónego Aires Varela entre os anos de 1644 e 1655; uma edição do periódico da *Revolução de Setembro*, datado de 1876; *O Inventário Artístico de Portalegre*, de 1943; e a monografia *Elvas – cidades e vilas de Portugal*, de Jorge Rodrigues e Mário Pereira. Existem, para além destas publicações, manuscritos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da paróquia de São Pedro, atualmente guardados na sacristia. Este conjunto de documentos encontrados é, na sua maioria, constituído por livros de registos que compreendem referências de despesas desde o século XVI até ao século XX. No entanto, o seu estado de conservação não permite uma leitura integral dos manuscritos. A informação encontrada nos volumes agrega despesas sustentadas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Pedro, incidindo maioritariamente em registos de pagamentos por celebrações religiosas e gastos referentes à compra de velas e vestes sacerdotais. Há, contudo, dois registos, em formato diferente (despesas e orçamentos), que contam algumas das alterações efetuadas

²⁰ AAV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

²¹ MATTA, José Avelino da Silva e, *Annaes de Elvas*, 1937, p. 29

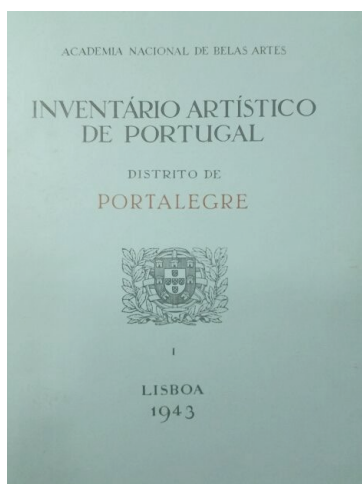


Figura 17 - Capa do Inventário Artístico de Portalegre

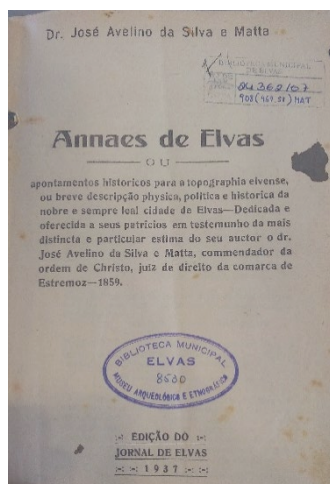


Figura 18 - Capa da monografia Annaes de Elvas

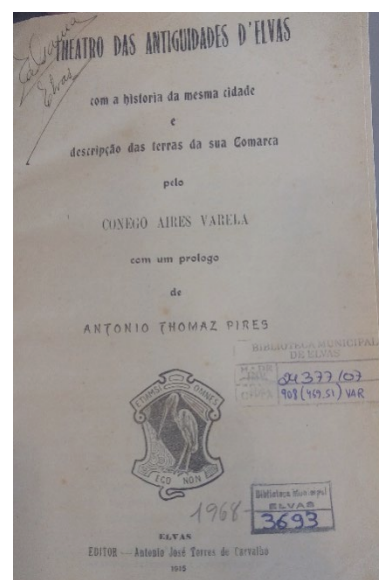


Figura 19 - Theatro das Antiguidades, por Aires VArela

nos séculos XVIII e XIX. No volume das despesas correspondente ao ano de 1771 encontram-se três referências a obras realizadas no conjunto arquitetónico: um concerto na capela do Santíssimo Sacramento, no pátio “encarnado” e na sacristia grande.²² Foram também encontrados num volume composto por folhas soltas, no Arquivo Municipal de Elvas, dois orçamentos datados de 12 de fevereiro de 1877.²³

Não se sabe ao certo quem mandou erigir a Igreja de São Pedro. Especula-se que terá sido começada a construir sobre a alçada de uma das Ordens militares que, aquando da reconquista, desempenha um papel indispensável na entrada na cidade. A tomada da porta ferrada, situada próxima do local onde se ergueu o edifício, é a única porta da cidade, desse período, à qual não é atribuída uma ordem militar concreta²⁴. Assim sendo, não se consegue atribuir uma ordem religiosa (militar ou não) à origem da construção deste templo. Parte-se do princípio que a igreja de São Pedro tenha ficado sobre o padroado da família real, uma vez que a partir de 1212 passou a ser reservado aos reis, pelo Papa Inocêncio III, o padroado das igrejas paroquiais.²⁵ Sabe-se, no entanto, que após a extinção da ordem do templo, com muita presença em Elvas, D. Dinis criou a Ordem de Cristo²⁶, à qual “devolveu” os bens que tinham sido outorgados ao rei aquando a extinção dos templários. A partir das fontes recolhidas sabe-se que a igreja de São Pedro de Elvas foi comenda da ordem de Cristo, pelo que poderia, no período inicial da sua construção, ter pertencido à ordem do templo. Só a partir do século XVI se encontram referências a alguns nomes associados à igreja de São Pedro. Em 1502 o rei D. Manuel era “administrador e perpétuo governador da Ordem de Cristo”.²⁷ Em 1560 era comendador da ordem de cristo de São Pedro Dom Antonio d’Azevedo Almirante de Portugal²⁸. Após a criação da diocese de Elvas em 1570, o segundo Arcebispo da cidade, D. António Matos de Noronha criou a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Pedro, a qual passou a ter a sua sede na obra em estudo e que lhe é homónima. Não deixou, porém, de ser comenda da ordem de cristo, acumulando as duas

²² Manuscrito que inicia em 1771, mas que abrange vários anos. (pelo estado em que o mesmo se encontrava parecem faltar várias páginas) – ver anexos para as páginas mencionadas.

²³ Duas folhas soltas que remetem para orçamentos de carpintaria para obras a efetuar no telhado da Igreja de São Pedro de Elvas. (ver anexos)

²⁴ Tanto no *Theatro das Antiguidades* como o artigo da *Revolução de Setembro*, obras que descrevem, em parte a entrada na cidade de Elvas, não existem referências a quem, concretamente, entrou na cidade pela porta ferrada ou porta de ferro. Embora sejam atribuídas ordens militares às outras entradas (mencionadas no capítulo *Dos Antecedentes*), pela porta de ferro é mencionado que entraram apenas “os christãos do quartel real”. No entanto, na mesma publicação é mencionado que os cavaleiros da ordem do Templo cercaram a cidade pelo lado norte da mesma, tendo tomado uma das portas da primeira cerca. Coloca-se então a possibilidade de a ordem templária ter entrado na cidade pela porta ferrada, e só posteriormente ter tomado a porta dos Santos (ver figura 10).

²⁵ Padroado Real in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-03 15:15:11]. [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$padroado-real](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$padroado-real)

²⁶ “A 19 de Março de 1319, por bula de João XXII é instituída a Ordo Militae Jesu Christi, ou Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, na qual D. Dinis vai incorporar os cavaleiros, os bens e os privilégios da extinta Ordem do Templo.” http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=194&identificador=ct123_pt

²⁷ COELHO, P.M Laranjo – *As Ordens de Cavalaria no Alto Alentejo*, 1926, p.207

²⁸ NOVAIS, António Gonçalves de - *Relação do Bispado de Elvas*, 1635, p.7



Figura 20 - Retrato do Rei D. Dinis

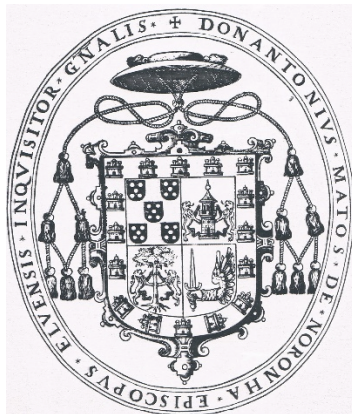


Figura 21- Brasão de D. António Matos de Noronha



Figura 22 - Retrato de D. Sebastião Matos de Noronha

designações. Segundo a publicação *O Archeologo Portugues*, “A comenda de São Pedro da mesma ordem [de Cristo] tinha como comendador o conde da Ericeira, passando depois para a posse dos seus sucessores, os Marqueses de Louriçal”.²⁹ São apenas mais dois os nomes associados em fontes escritas à igreja em estudo: D. Lourenço de Lencastre, bispo de Elvas em 1759 (imediatamente após o abalo de 1755) e o bispo D. fr. Joaquim de Menezes e Athaide, entre 1817 e 1828³⁰, o qual mandou contruir o presente altar da capela mor.

Não se conhece com precisão o ano em que a igreja foi construída, as opiniões variam entre 1227, segundo Luis Keil no *Inventário artístico de Portalegre*, e 1228 – “(...) pouco tempo depois da conquista da cidade (...)”.³¹

Embora o ano em que teve início a construção da obra não seja conclusivo, é informação transversal a várias publicações que a igreja foi erguida agregando uma das torres que constituíam o perímetro amuralhado da medina, também mencionado como a segunda muralha islâmica da cidade.³² Segundo um artigo do periódico *A Revolução de Setembro*³³ a construção do objeto arquitetónico foi uma obra demorada devido à escassez de meios, tendo numa primeira fase ficado “a descoberto o madeiramento do tecto da igreja”.³⁴

A cronologia das alterações ou intervenções neste templo é indicada por várias fontes³⁵ como extensa, particularmente devido ao facto de incidir sobre vários séculos. Começou a ser construída no séc. XIII e foi alvo de uma reconstrução no séc. XV. Também no séc. XVIII necessitou de intervenções e remodelações na sequência de danos provocados pelo terramoto de 1755. O restauro do século XIX é o único, até este mesmo período, que parece fornecer uma data concreta, o ano de 1877 (que se encontra inscrito na fachada), embora persistam dúvidas devido à inexistência de documentos que o comprovem. As últimas intervenções na igreja de São Pedro remontam ao séc. XX com várias alterações a serem levadas a cabo entre os anos de 1959 e 1986 pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.³⁶

²⁹ COELHO, P.M Laranjo – *As Ordens de Cavalaria no Alto Alentejo*, 1926, p.248

³⁰ AAV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

³¹ MATTA, José Avelino da Silva e, *Annaes de Elvas*, 1937, p. 29

³² Ver Revolução de Setembro, *Inventário Artístico de Portalegre*, A igrejas de Elvas, Elvas – monografia e Elvas na idade média

³³ AAV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

³⁴ Ibidem

³⁵ Consultados site dos monumentos, *Inventário Artístico de Portalegre* de Luis Keill, o *Theatro das Antiguidades de Elvas* e a *Revolução de Setembro*, de 1876.

³⁶ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1858

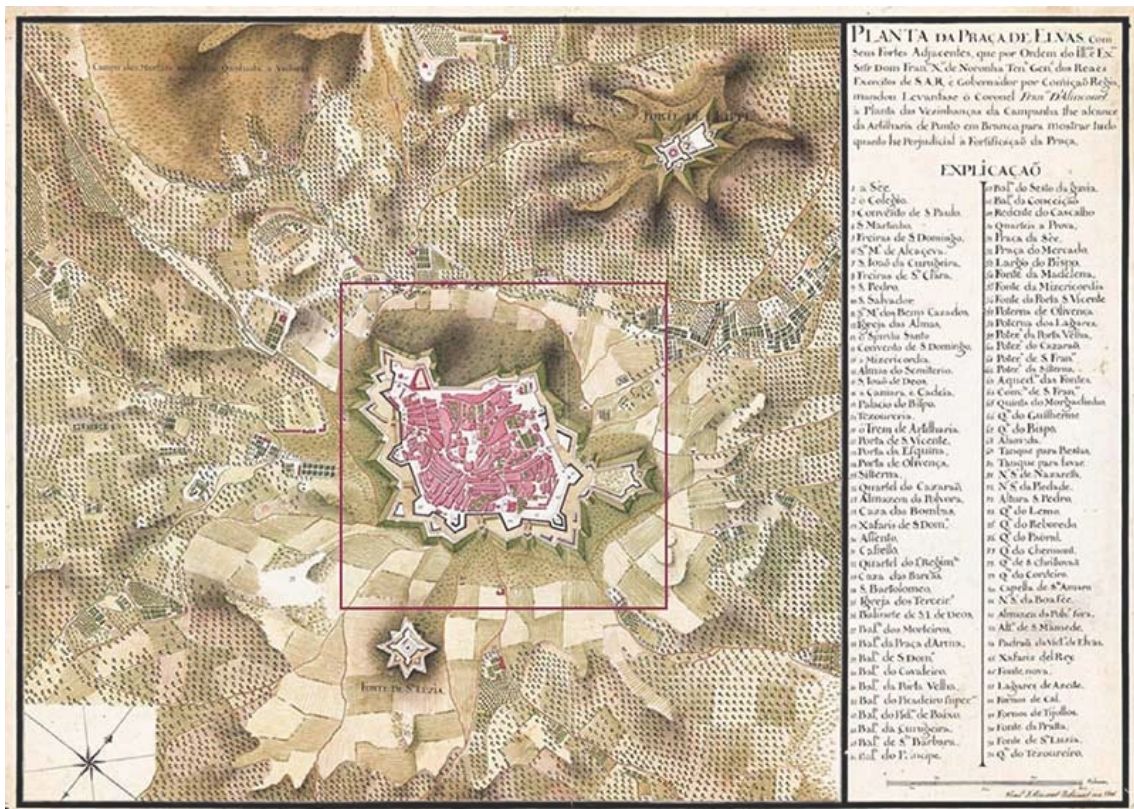


Figura 23 - Francisco de Alincourt, Planta da praça de Elvas com seus fortes adjacentes : que por ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.^{re} Dom Fran.co X.er de Noronha, ten.te gen.al dos Reaës Exercitos de S. A. R. e governador por començaõ regia, mandou levantarse o coronel Fran.co d'Alincourt à planta das vezinhanças da campanha the alcance da artilharia de punto em branco, para mostrar tudo quanto he prejudicial à fortificaçã da praça / Fran.co d'Alincourt delineavit ano 1802.

Especula-se, através de algumas fontes escritas, que a igreja tenha sido inicialmente construída pela Ordem do Templo, e que o seu padroado tenha pertencido a D.Dinis que, posteriormente, a doou a D. Martinho, arcebispo de Braga, em 1302. A obra foi ainda cabeça de comenda da Ordem de Cristo e por fim sede da Irmandade do Santíssimo Sacramento da paróquia de São Pedro, a qual foi criada pelo segundo arcebispo de Elvas D. António Matos de Noronha.

Segundo Luis Keil, os únicos elementos que permanecem da construção do séc XIII seriam do “pórtico (...) da transição, de granito, com três colunelos de cada lado,(...)”³⁷. Na altura do início da construção da igreja o altar seria mais pequeno e encontrar-se-ia mais à frente do que o atual, tendo sido dos primeiros elementos a erigir.³⁸ No entanto devido à escassez de meios na altura, após a reconquista de Elvas, o madeiramento do teto ficou a descoberto, não havendo registo de quando o mesmo foi fechado.

As consequências do terramoto de 1755 não passaram ao lado da cidade de Elvas e a igreja de São Pedro foi atingida pelo abalo. Na torre sineira, possivelmente o elemento mais antigo da obra, abriu-se uma “enorme fenda”³⁹. Luis Keil afirma que a fachada da igreja, baixa e larga data igualmente do século XVIII ⁴⁰, talvez pela necessidade de a reparar devido ao terramoto.

A igreja apresentava um corpo de três naves, que no séc XIX, antes das intervenções da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (D.G.E.M.N.), tinha teto abobadado e fasquiado, com três arcos de volta perfeita de cada lado da nave central, e possuía um coro alto com um arco de volta abatida. Atualmente já não existe o coro alto, o teto foi substituído por telhado de duas águas e travejamento de madeira.

As intervenções do séc. XX, realizadas pela D.G.E.M.N., estão registadas e implicaram alterações que se manifestam no estado atual da obra. Os tetos fasquiados e as abóbadas das três naves foram retiradas, bem como toda a estrutura do coro alto. Procedeu-se à reconstrução dos tetos em madeira e dos telhados. Foram inseridos elementos em granito no pavimento entre os pilares e foram construídas escadas em betão de acesso ao antigo campanário. Outros elementos foram reconstruídos, em betão, nomeadamente partes de pilares e dos arcos, substituindo-se dois dos quatro arcos quebrados por arcos de volta perfeita.

³⁷ KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Portalegre*, 1943, p.77-78

³⁸ VARELA, Cónego Aires, *Theatro das Antiguidades*, 1915, p. 53.

³⁹ AAV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

⁴⁰ KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Portalegre*, 1943, p.77-78



Figura 24 - Retrato de D. Martinho de Oliveira, arcebispo de Braga



Figura 25- Capa de volume da Ordem de Cristo



Figura 26 – Selo dos Templários – Ordem do Templo

Um elemento que não aparece datado em qualquer das fontes consultadas é a cúpula da capela-mor, à qual Luis Keil atribui a designação de renascentista.⁴¹ Agrega em si figuras cujo motivo ninguém parece reconhecer e que remetem para criaturas fantasiosas, estucadas e em relevo.

Para além das intervenções acima referidas, e paralelamente às mesmas, também a relação do objeto com os elementos da sua envolvente sofreram alterações. As infraestruturas circundantes, os limites do objeto e os seus acessos são igualmente elementos significativos na evolução da construção, influenciando a perceção da igreja de São Pedro a partir do seu exterior.

De maneira a continuar com a investigação sobre o objeto de estudo, tornou-se necessário atualizar o estado do conhecimento do edifício. Para tal levou-se a cabo um levantamento métrico e fotográfico do mesmo. A leitura conjunta de ambos os levantamentos apresenta-se como essencial na compreensão da obra e do que a delimita.

⁴¹ KEIL, Luis – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Portalegre*, 1943, p.77-78



Figura 27 - Fotografia tirada a partir do exterior da cidade, enquadrando as portas de São Vicente, anteriormente conhecidas como portas dos banhos ou porta ferrada, e a Igreja de São Pedro.

DO PRESENTE

Não existe, relativo à Igreja de São Pedro de Elvas, um grande número de fontes com informação apenas sobre o edifício. No entanto, e para melhor compreensão dessas fontes, é, em seguida, apresentado um resumo dos documentos, que, para efeitos deste trabalho, foram considerados de maior importância.

Os séculos XIX e XX representam um importante intervalo temporal durante o qual foram produzidas ou publicadas a maior parte das fontes escritas que são utilizadas como base para a extrapolação de algumas das fases construtivas identificadas e propostas nesta dissertação. São também do século XX as únicas peças desenhadas que se conhecem do objeto de estudo para além das realizadas no âmbito deste trabalho.

O registo mais antigo de fontes não manuscritas encontrado é a publicação *Theatro das Antiguidades com a História da mesma cidade e Descrição das Terras da sua Comarca*, escrito pelo Cónego Aires Varela entre 1644 e 1655, apenas publicado em 1915. Aires Varela foi vigário geral da Sé de Elvas e escritor e as suas obras foram muito elogiadas tanto dentro como fora das fronteiras portuguesas⁴². A publicação que, cronologicamente, se segue é os *Annaes D'Elvas, ou, os apontamentos históricos para a topographia elvense*, do Dr. José Avelina da Silva e Matta. De 1859, e escrita por um comendador da Ordem de Cristo,⁴³ encerra uma breve descrição da cidade de Elvas, da sua política e história, não esquecendo os monumentos que a pontuam. Com poucos anos de distância dos *Annaes D'Elvas* encontramos a publicação de dois artigos do jornal *A Revolução de Setembro*⁴⁴, do ano de 1876, de autor desconhecido – estes artigos já não se encontram no seu estado original, fazendo parte de um “arquivo” onde apenas constam efetivamente os recortes dos mesmos. O primeiro dos artigos é de 21 de dezembro de 1876 e é exclusivamente sobre a Igreja de São Pedro, sendo que os restantes abordam a cidade de Elvas, as suas praças de guerra e edifícios civis.

⁴² “Em 21 de maio de 1637 foi eleito vigário geral na sé de Elvas. Mais tarde, o bispo D. Manuel da Cunha, saindo da sua diocese para Lisboa, investiu o licenciado Aires Varela de três cargos da mais alta importância, constituindo-o governador, vigário geral e provisor do bispado. (...) As obras de Aires Varela, apesar de ficarem na maior parte inéditas, granjearam-lhe grande reputação.” <http://www.arqnet.pt/dicionario/varelaaires.html>

⁴³ “(...) ou breve descrição physica, politica e histórica da nobre e sempre fiel cidade de Elvas – Dedicada e oferecida a seus patricios em testemunho da mais distinta e particular estima do seu autor o dr. José Avelino da Silva e Matta, commendador da ordem de Christo, juiz de direito da comarca de Estremoz – 1859.” – MATTA, José Avelino da Silva e, *Annaes de Elvas*, 1937, p. 29

⁴⁴ “Centrado na actualidade política da capital, funcionando, a par do Nacional, do Porto, como uma espécie de órgão officioso dos setembristas, a linha editorial do novo jornal Revolução de Setembro era, assim, expressa pela profissão de fé nos ideais do setembrismo (...)” - <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/14-antonio-rodrigues-sampaio-jornalista-e-politico/14-04-o-sampaio-da-revolucao-de-setembro> [consultado em 12/05/2018]

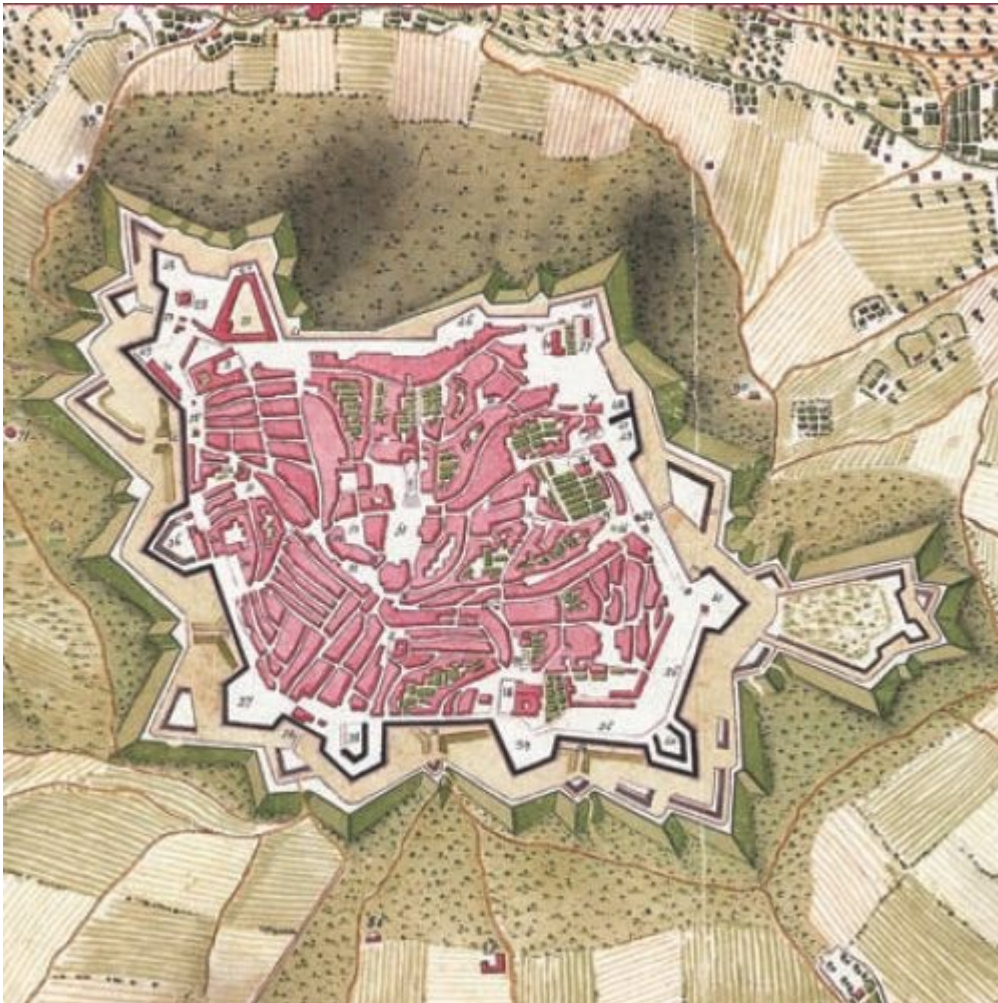


Figura 28 – Francisco de Alincourt, Planta da praça de Elvas com seus fortes adjacentes : que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sñr. Dom Fran.co X.er de Noronha, ten.te gen.al dos Reaes Exercitos de S. A. R. e governador por comiçaõ regia, mandou levantase o coronel Fran.co d'Alincourt à planta das vezinhanças da campanha the alcance da artilharia de punto em branco, para mostrar tudo quanto he perjudicial à fortificação da praça / Fran.co d'Alincourt delineavit ano 1802.

As fontes que compilam informação mais generalizada e que são utilizadas para efeitos de contextualização, encontram-se sobre a forma de monografia. Destacam-se *Elvas na Idade Média* de Fernando Branco Correia, *Cidades e Vilas de Portugal* de Jorge Rodrigues e Mário Pereira, e *Elvas Monografia* de Maria do Céu Dentinho.

A cartografia, enquadrada na categoria das fontes visuais, os mapas militares e planta da cidade atualizada, a par com as ilustrações de Elvas de Duarte D'Armas no *Livro das Fortalezas* e das imagens de satélite, contribuíram para a compreensão do crescimento da urbe, e da sua relação com o objeto de estudo, bem como a sua localização.

O levantamento métrico da igreja de São Pedro permitiu a representação do edifício em secções horizontais (planta) e verticais (cortes e alçados). O cruzamento das informações geradas por estes elementos permite que se proceda a uma análise mais minuciosa do objeto arquitetónico e que se gere uma imagem não só mental mas também tridimensional. A tridimensionalidade gerada pelo levantamento permite uma perceção mais clara da articulação entre as partes que compõem o volume e da sua implantação, o que permite com maior facilidade a colocação de hipóteses para as transformações do edifício.

Esta igreja não corresponde com exatidão à orientação mais comum encontrada em edifícios de carácter religioso. A fachada principal está voltada a sudoeste, não coincidindo uma orientação da capela mor a nascente. A planta da construção corresponde a uma agregação de volumes que se organizam longitudinalmente. O corpo da igreja de São Pedro é composto por três naves, cruzeiro e capela mor. Em ambos os lados da igreja estão presentes capelas laterais, perfazendo um total de três, a sacristia e o acesso aos restantes pisos da atual torre sineira – acesso que é sempre realizado pelo exterior do volume principal da construção. O edifício apresenta três tipos distintos de cobertura: a cobertura exterior é um telhado de duas águas sobre a nave central e de uma água sobre cada uma das naves laterais; sobre o cruzeiro que antecede a capela mor reside uma cúpula com lanternim e a torre sineira rematada por um coruchéu.

A fachada principal da igreja, de um pano, está delimitada por cunhais de granito, recortados, que representam, para além do pórtico, os únicos elementos que não se encontram rebocados e que permitem alguma leitura de paramentos. Encontram-se degraus em mármore a anteceder a entrada e um portal, também em granito, que marca a fachada principal. Este portal, inscrito em arco quebrado, está assente em três pilastras que possuem dois meios colunelos adossados de cada um dos seus lados. Os capiteis dos colunelos estão decorados com folhas de hera. Sobre o



Legenda

1 - Entrada principal	6 - Transepto	11 - Sacristia pequena
2 - Capela	7 - Acesso à sacristia grande	12 - Pátio exterior
3 - Capela	8 - Capela mor	13 - Sacristia grande
4 - Capela	9 - Quarto do padre - segundo piso da torre	
5 - Confessionário	10 - Campanário - terceiro piso da torre	

Figura 29

IGREJA DE SÃO PEDRO



Planta da Igreja de São Pedro_localização de espaços

portal de entrada está uma janela retangular, com moldura em granito e, à semelhança dos cunhais da fachada sudoeste, do seu lado esquerdo uma fiada de pedras graníticas aparelhadas e dentadas. Esta fachada está rematada em arco contracurvado e cornija saliente, pintada a amarelo (cor tradicional da região), e apresenta no seu centro uma cruz com duas datas inscritas: 1227 e 1877.

A fachada posterior, voltada para nordeste, está completamente adossada a edifícios da restante envolvente urbana. Surge da parte traseira da igreja o volume da torre sineira, que se destaca devido à sua altura, por estar, à semelhança da fachada principal, rematada com cornija saliente e novamente pintada a amarelo, onde está assente um coruchéu. A torre parece apresentar dois registos de aberturas: no primeiro situado na parte inferior, rasga-se por uma fresta, e no segundo, na parte superior, dois olhais a noroeste e a sudeste e um outro a nordeste e sudoeste.

A fachada voltada para noroeste está caiada de branco, e desenvolve-se em dois panos. O primeiro, e de maior dimensão, possui um portal em mármore e um corpo saliente que coincide à capela lateral que se encontra do lado correspondente. O segundo plano deste alçado é mais recuado e baixo, onde existe uma porta com moldura em mármore.

A fachada localizada a sudeste, e que compreende os volumes de duas das três capelas laterais, está também encostada aos edifícios vizinhos.

O interior da igreja de São Pedro reflete, em parte, a agregação de volumes que se observa a partir do exterior. O corpo principal, com as suas três naves, divide-se em quatro tramos que são conformados pela existência de quatro arcos no lado direito da construção e três do lado esquerdo. Os arcos mais próximos da capela mor e da entrada principal são arcos de volta perfeita e rebocados, enquanto que os arcos que se encontram ao centro são arcos quebrados cujos elementos construtivos em granito ainda se encontram à vista. Os sete arcos assentam sobre colunas oitavadas. O lado interior da parede que constituía fachada principal, frente para o altar, é rasgada por uma porta em madeira e, à volta da mesma, está exposta parte da pedra granítica que constitui a parede. Nas pedras que não estão rebocadas observam-se ainda vestígios do arco abatido que suportava o coro-alto. A parede do lado direito, também designada como parede da Epístola, é interrompida pela existência de duas capelas laterais, e por uma porta emoldurada a mármore que permite o acesso ao trono da capela. Uma das capelas é toda em mármore e a outra trabalhada em estuque a imitar mármore com motivos vegetalistas. Do lado oposto, lado esquerdo ou lado do Evangelho, a ocupar o primeiro tramo da igreja encontra-se o batistério, de planta retangular, coberto com abóbada de berço e com uma representação do batismo de Cristo



4 - estuque e mármore de estromoz pertencentes a duas capelas laterais



1 - parede de tijolo que pertence ao acesso ao último piso da torre



2 - parede de tijolo pertencente ao acesso a uma porta lateral e a uma das sacristias



3 - remate da coluna do arco triunfal, após intervenções no século XX



5 - pilar de granito do século XIV, intervencionado no século XX

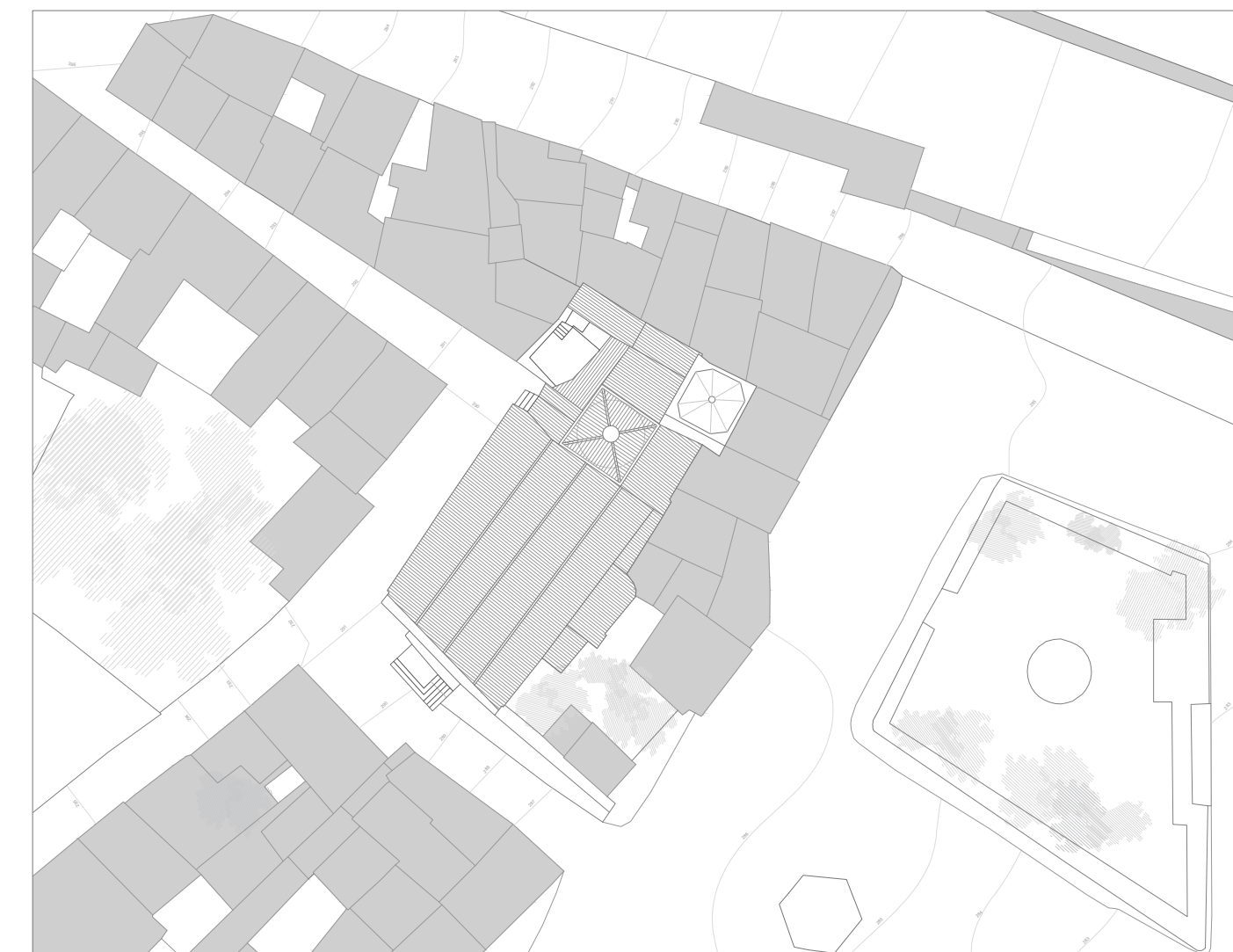
Figura 30 - Indícios de materiais utilizados na construção da igreja de São Pedro

em azulejo. Por trás da capela batismal encontra-se o acesso a um espaço que poderá ter sido uma antiga torre sineira. A parede interior do lado do Evangelho é interrompida por uma porta para o exterior, antecedida por dois degraus de mármore, e pela existência de uma capela lateral, com arco de volta perfeita, em estuque pintado a imitar mármore. O pavimento em frente à capela, defronte do altar, apresenta duas tampas de sepultura já muito gastas.

O arco triunfal, de volta perfeita, é de granito – que se encontra à vista – e está assente sobre duas pilastras planas que se encontram adossadas à parede. A partir do cruzeiro é feito o acesso, do lado direito, à sacristia e, do lado esquerdo, à escadaria que leva aos pisos superiores da torre sineira atual. A cobertura deste elemento possui uma cúpula oitavada, com fundo cor de tijolo e com figuras a decorar cada um dos seus gomos, sendo rematada com um lanternim.

A separar o cruzeiro da capela mor encontra-se um arco de volta perfeita e três degraus, sendo que o espaço em que se encontra o altar tem planta retangular e cobertura de abóbada de berço, um retábulo em alvenaria e pintado de branco com duas colunas coríntias assentes sobre mísulas. O pavimento da igreja divide-se em três grupos que correspondem a três materiais. O primeiro, e o que ocupa maior área, é mosaico cerâmico quadrangular, encontrado maioritariamente no corpo da igreja, nos três primeiros tramos. O segundo é granito e está presente no último tramo da igreja (mais próximo da capela mor) e entre os pilares que estabelecem a divisão das naves. Por último, e com menor visibilidade, o mármore cobre os degraus nas capelas laterais e no acesso às entradas da igreja. A cobertura das naves, pelo interior, é de madeira apainelada: a das naves laterais de uma água e a da nave central em duas águas.

À igreja de São Pedro de Elvas pode-se aplicar o conceito de edifício palimpsesto, uma vez que a partir das informações recolhidas do levantamento, se registam as marcas de algumas das transformações ocorridas nos seus nove séculos de existência. O objeto de estudo pode ser interpretado como síntese de vários períodos construtivos, chamando a atenção para a sua preservação enquanto património edificado de relevo



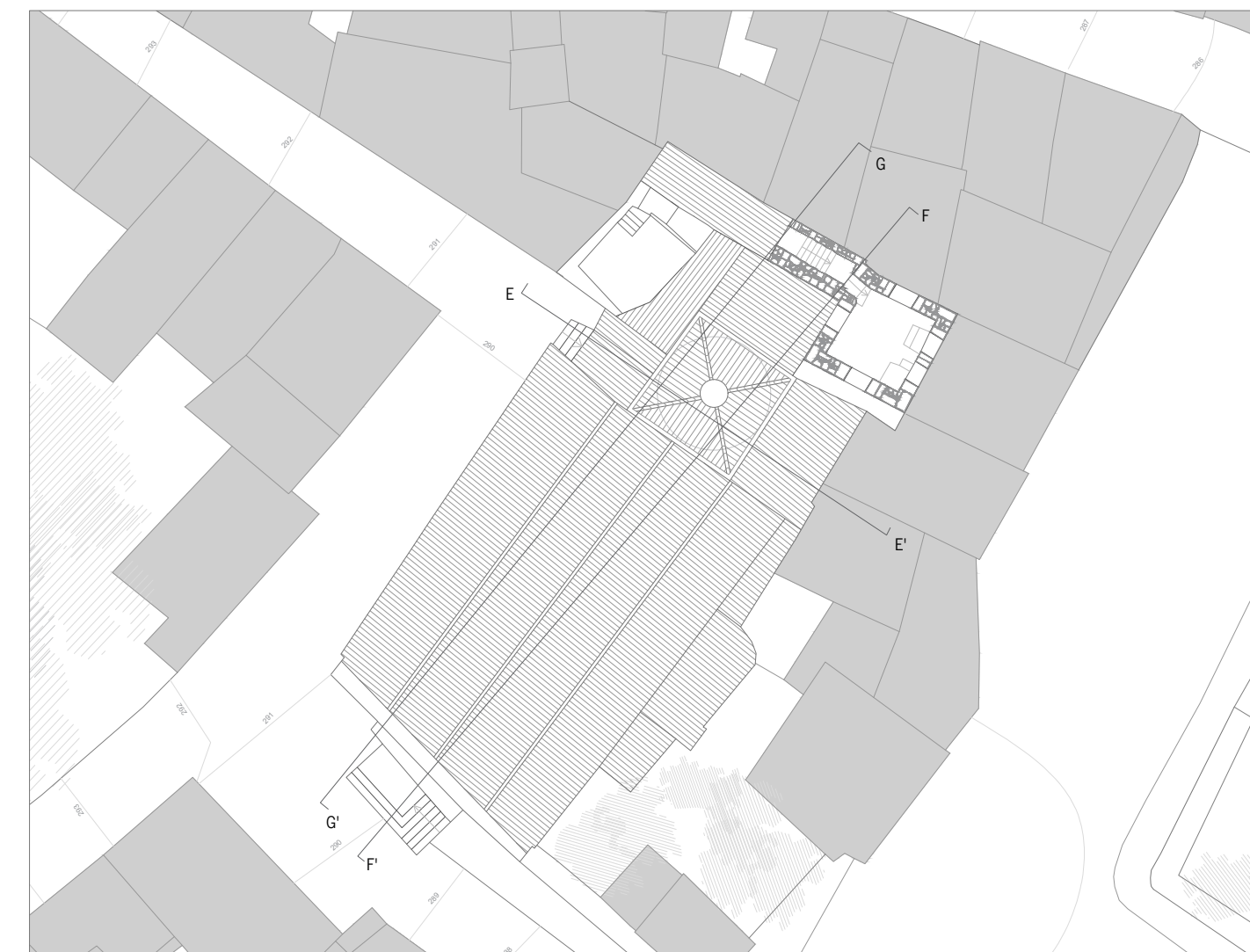
PLANTA DE COBERTURAS 1:500



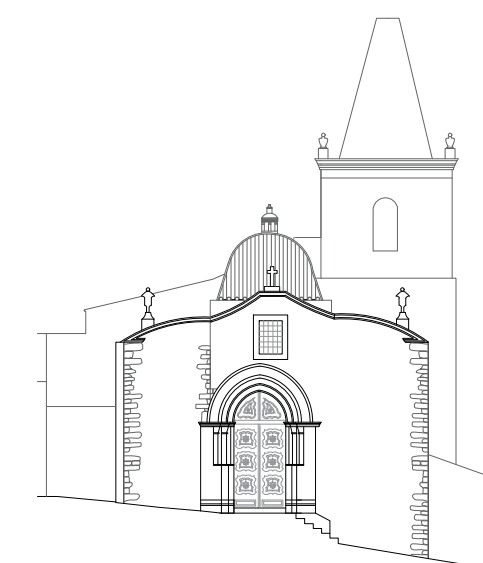
PLANTA COTA 292



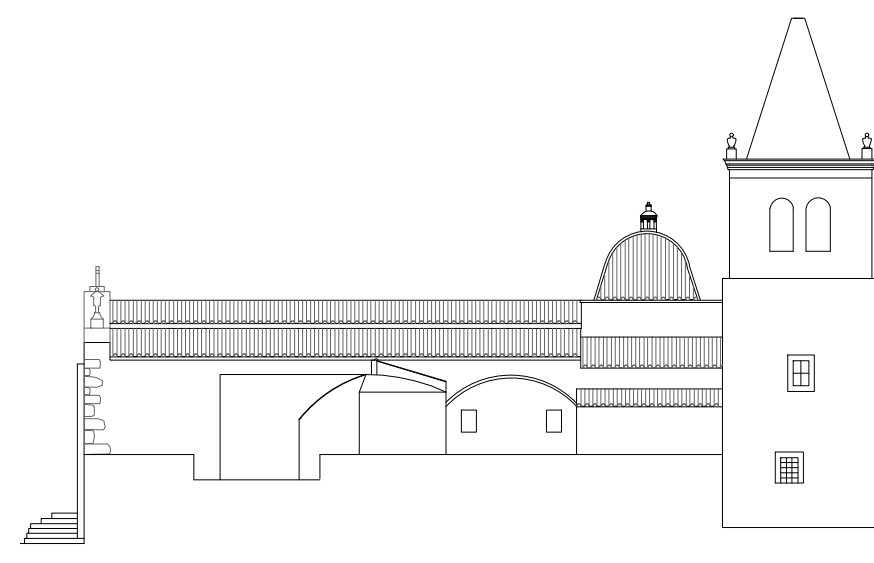
PLANTA COTA 296



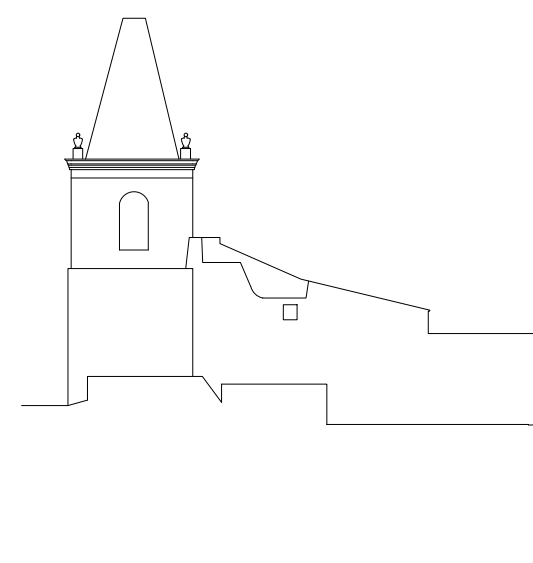
PLANTA COTA 300



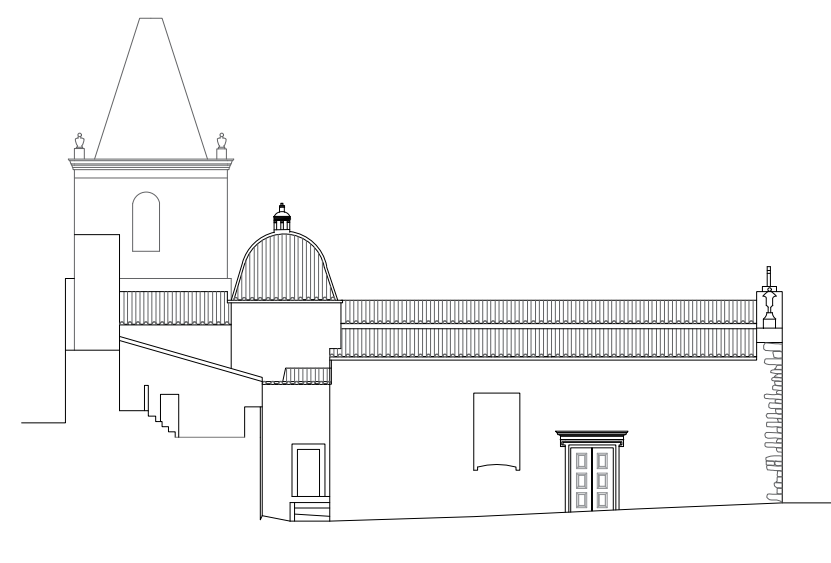
ALÇADO POENTE



ALÇADO SUL



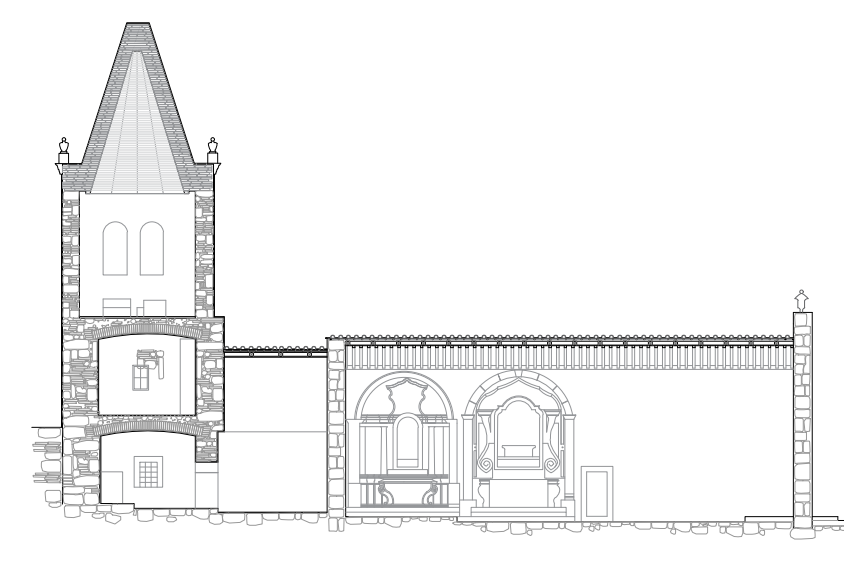
ALÇADO NASCENTE



ALÇADO NORTE



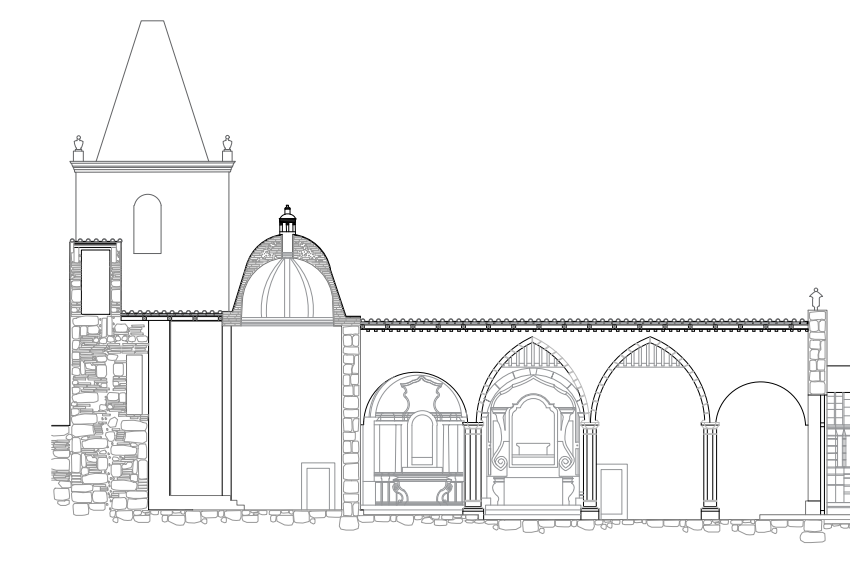
CORTE CC'



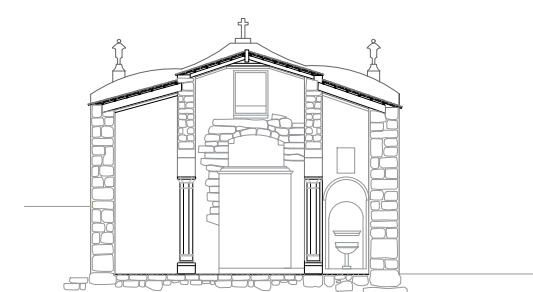
CORTE DD'



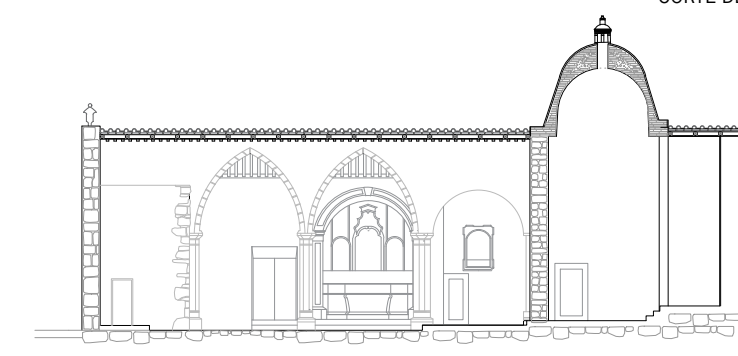
CORTE EE'



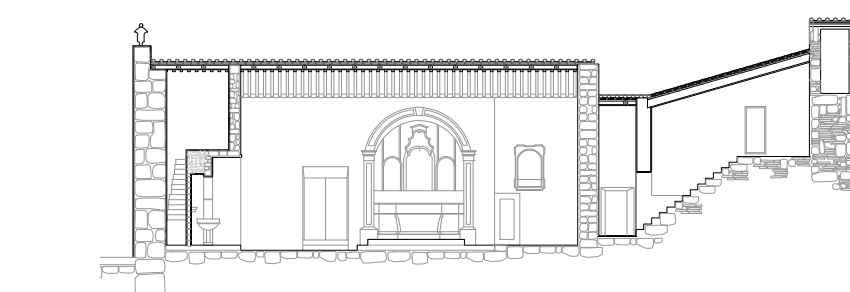
CORTE FF'




CORTE AA'



CORTE BB'



CORTE GG'

Figura 31
IGREJA DE SÃO PEDRO  ESCALA 1:300

Levantamento atual realizado no âmbito da investigação.

VISTAS EXTERIORES_Alçados



MURALHA



COBERTURAS



CÚPULA



TORRE SINEIRA



SACRISTIA_primeiro piso da torre



CAMPANÁRIO_terceiro piso da torre



PAREDES INTERIORES DA TORRE



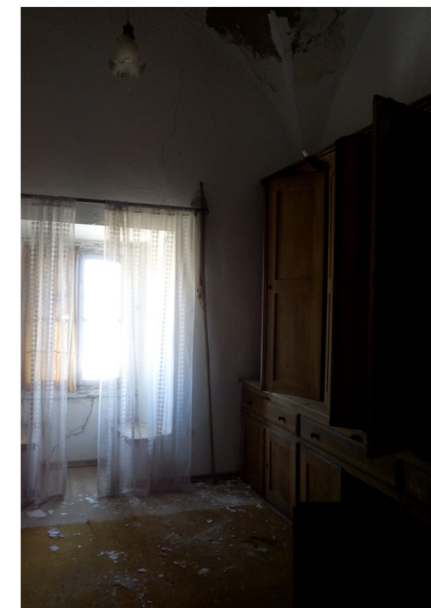
PORTAIS



CAPELAS



QUARTO DO PADRE_segundo piso da



INTERIOR DO CORUCHÉU



Figura 32 - Síntese do Levantamento fotográfico da Igreja de São Pedro de Elvas

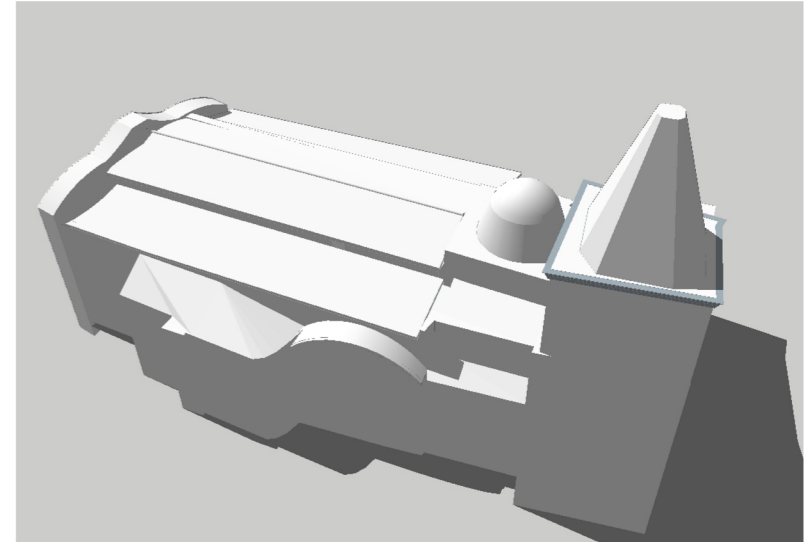
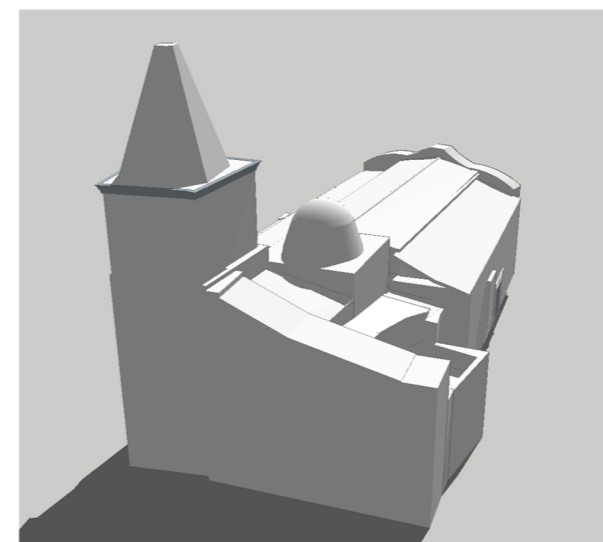
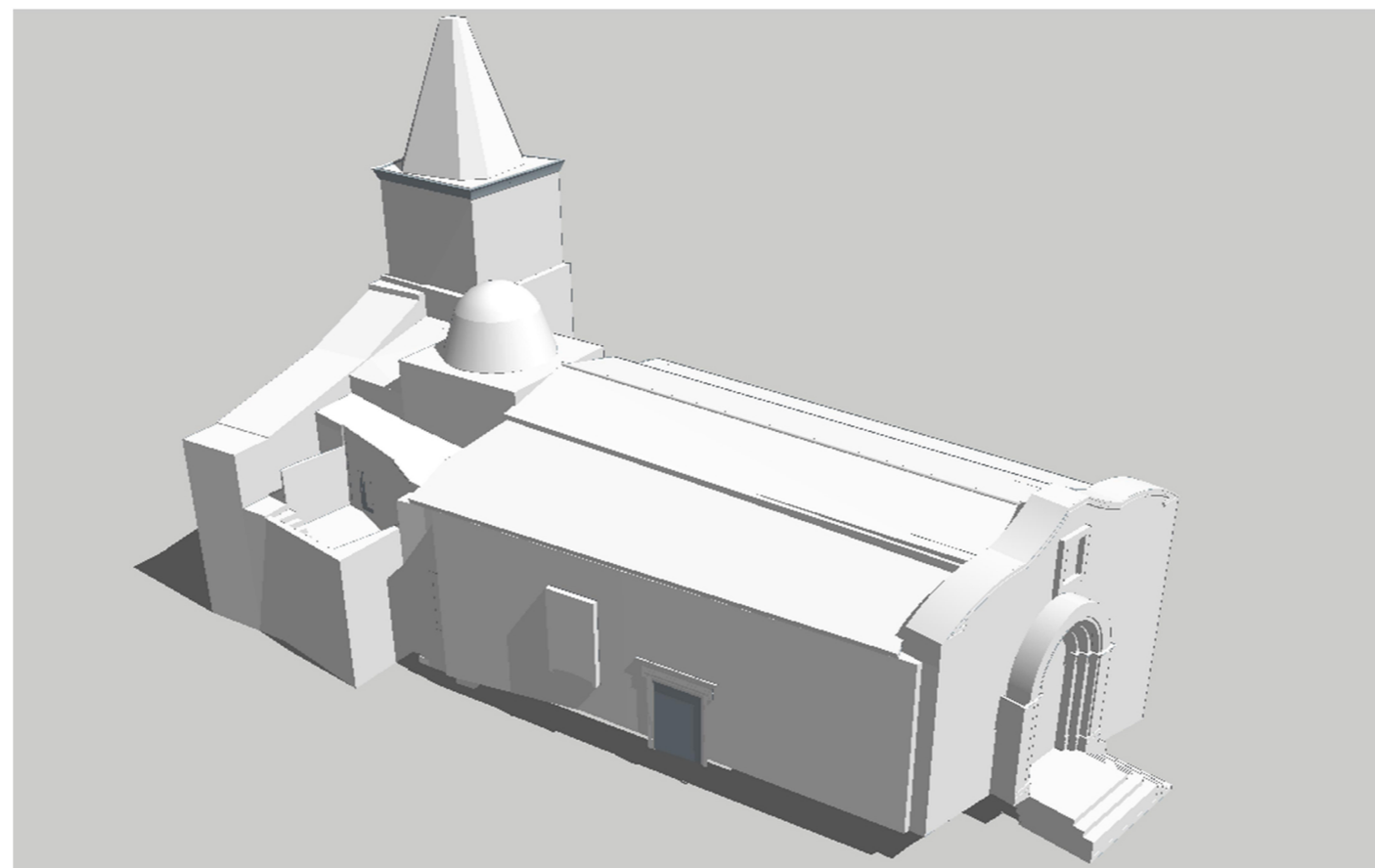
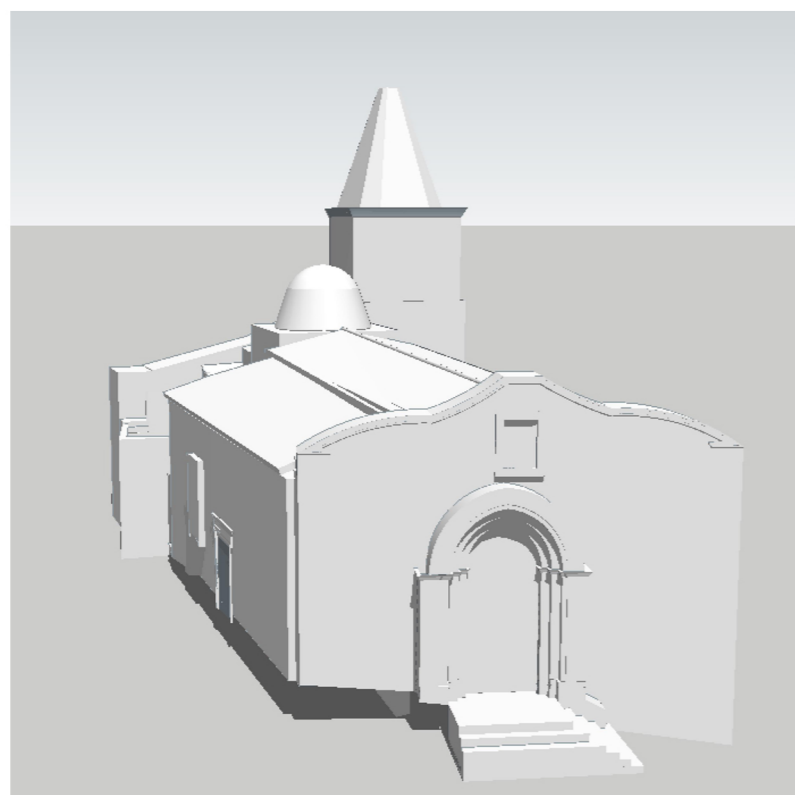
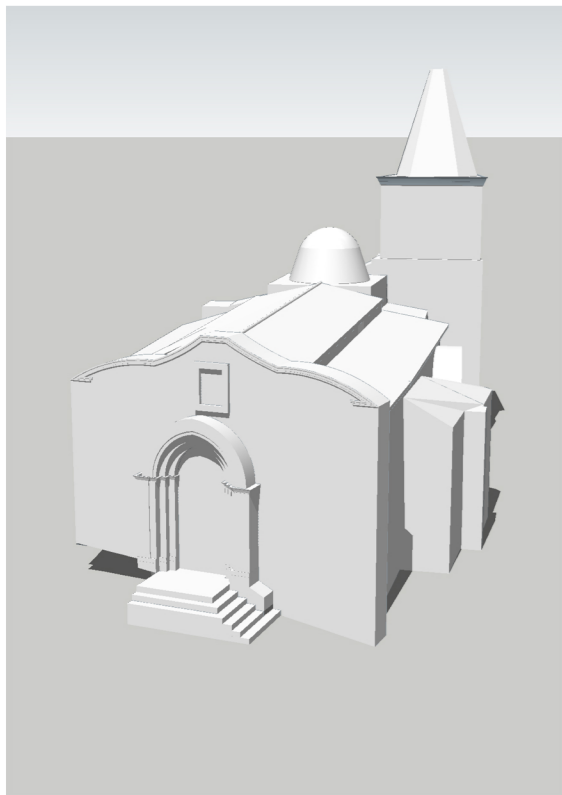
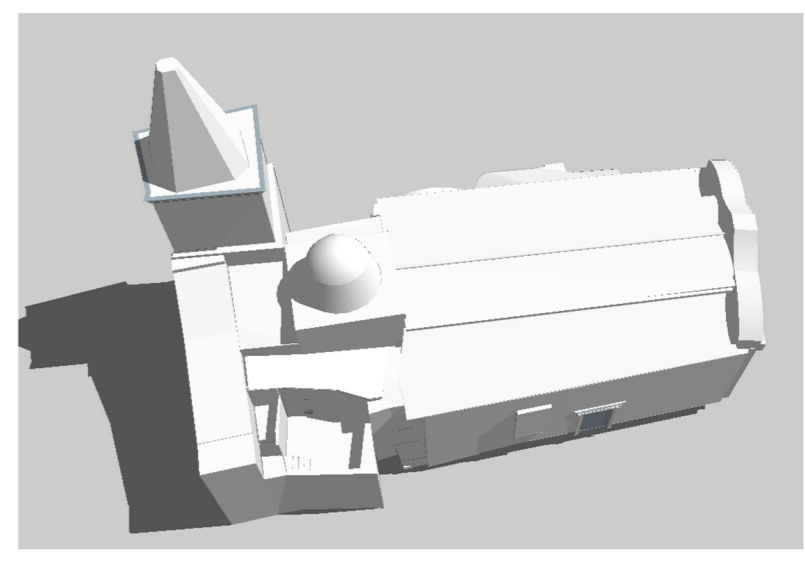
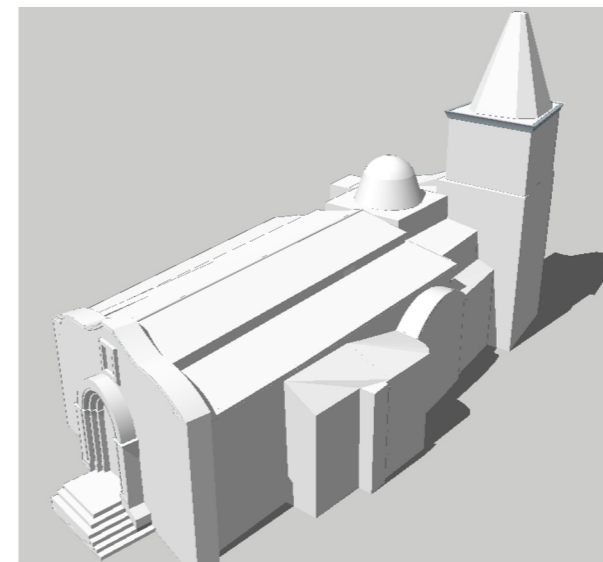
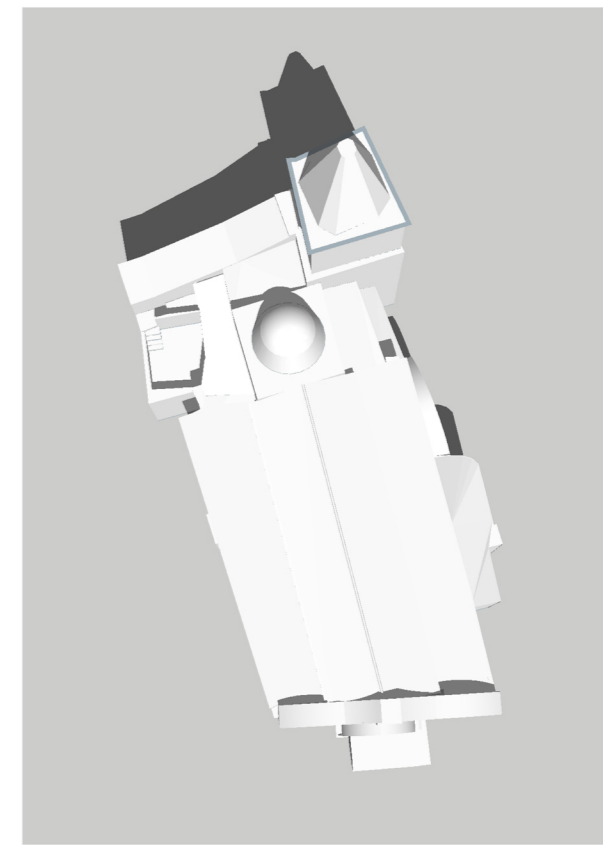
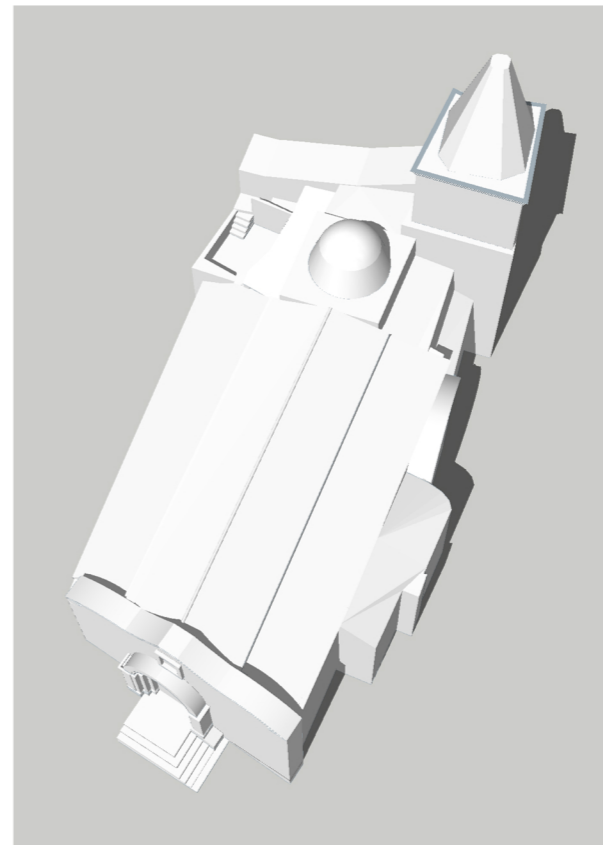
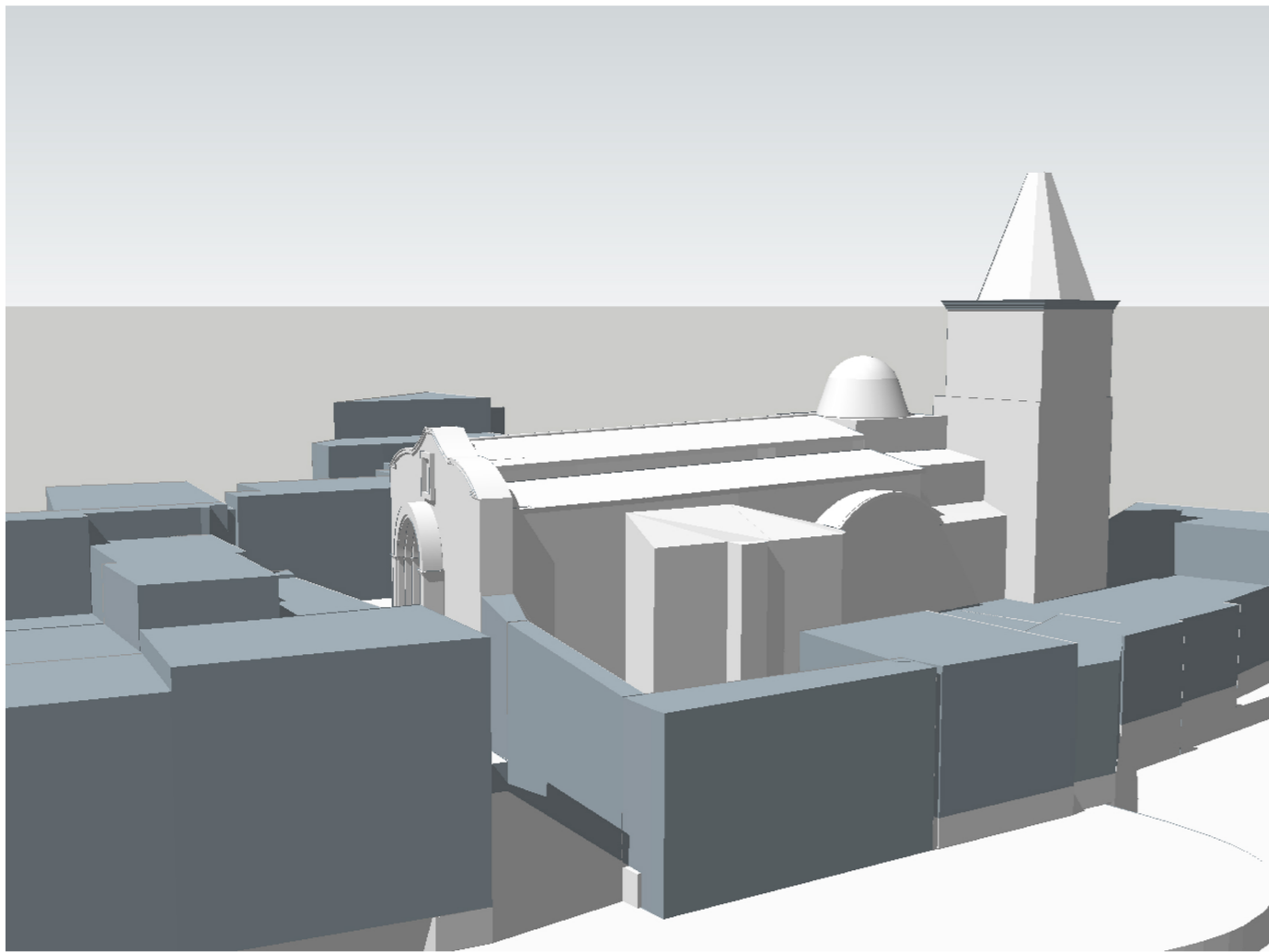


Figura 33 - Modelo tridimensional da Igreja de São Pedro

INTRODUÇÃO ÀS FASES

Este capítulo parte de uma análise de todas as fontes recolhidas, incluindo o levantamento da Igreja de São Pedro de Elvas, para apresentar uma contextualização no espaço e no tempo do edifício em estudo, procurando estabelecer uma linha condutora na história construtiva desta igreja desde que a mesma foi fundada até aos dias presentes, e reconstituir as suas fases construtivas. A interpretação e conjectura de hipóteses para as fases identificadas requer, para além do registo do que se encontra presentemente na construção, um retrato do passado da mesma, estudando a evolução do edifício durante os seus nove séculos de existência.

Durante esta parte é, portanto, necessário estabelecer as certezas que se obtêm e as questões que ainda permanecem. Não se assume que as fases propostas estão fechadas, mas deixa-se em aberto a possibilidade da existência de outras hipóteses. A imprescindibilidade deste processo aumenta devido à ausência de documentos factuais que comprovem, sem margem para dúvida, as intervenções levadas a cabo na igreja de São Pedro. Tendo em conta a informação apresentada nos capítulos anteriores, e a falta de fontes já mencionada, torna-se necessário colmatar o conhecimento sobre o objeto, justificando-se assim esta investigação que pretende desenvolver informação que não existe até ao momento.

As fases identificadas foram distribuídas por séculos, tendo sempre em conta os sismos que afetaram a construção e os acontecimentos que marcaram a evolução da cidade (há um constante paralelismo entre o que se passa em Elvas e as alterações levadas a cabo na igreja).

Desde a construção do primeiro elemento identificado, a torre da cerca islâmica, por volta do século X, o edifício adquiriu várias formas. Hoje em dia é muito diferente da que se supõe ser a inicial, o que reflete a adaptação do objeto de estudo às várias épocas que testemunhou.

Segundo as descrições e registos encontrados, a igreja de São Pedro passou por vários períodos de remodelação e reconstrução particularmente após os dois tremores de terra que assolaram o país. Assim foram bastantes as partes da construção que ruíram ou foram demolidas, levando a que a igreja adquirisse ao longo dos séculos volumetrias distintas.

Neste trabalho apresenta-se a construção do conjunto edificado desenvolvida em cinco fases. Cada uma destas compreende um intervalo temporal extenso e que, na maior parte dos casos, abrange mais do que um século. À primeira fase corresponde o período em que teve início a construção da igreja de São Pedro; a segunda fase abrange três séculos (séculos XIV a XVI), e representa o maior intervalo, acompanhando a expansão da capela primitiva da fase anterior para um modelo

de maiores dimensões e que procura uma nova espacialidade; a terceira fase, correspondente às intervenções do século XVII, refere-se à introdução de novos elementos na construção que vêm alterar a expressão e perceção do objeto arquitetónico; a quarta fase identificada estende-se pelos séculos XVIII e XIX, e engloba intervenções realizadas face à destruição provocada pelo terramoto de 1755; a última fase proposta corresponde às alterações efetuadas pela D.G.E.M.N., no século XX e constitui a fase sobre a qual se encontram registos específicos e mais detalhados sobre as intervenções.

DA CONSTRUÇÃO DO ALTAR

“Voltou El Rey por Elvas, lugar forte em que os mouros se tinham por seguros, elle os rendeo. Dizem as histórias que os Mouros outraves a recuperação; o que nos parece é que os Mouros se sujeitarão tributários, costume daquele tempo, e por ausência de El Rey não o quizerão reconhecer com o tributo, que foy o modo com que se recuperação (...)”⁴⁵

Elvas foi integrada em território nacional pela primeira vez durante o processo de conquista do que hoje se designa por Alentejo, processo que teve início cerca do ano de 1166. No entanto a povoação seria novamente incorporada no domínio muçulmano, e passaria quase um século até que Elvas fosse outra vez, e em definitivo, integrada no território português.

Deste modo a morfologia e organização da urbe permaneceu com um desenho identificável como islâmico e as suas cercas (as duas que compunham o sistema defensivo da cidade) manter-se-iam como tal até à expansão da cidade no século XIV.

“Chegou El Rey D. Sancho a Elvas, e segundo parece na entrada do verão do anno de 1226 (...)”⁴⁶

A partir deste momento tem início em Elvas um processo de transformação: de urbe islâmica para urbe cristã. Muitas são as apropriações levadas a cabo após a entrada na cidade, nomeadamente a conversão da alcáçova em castelo cristão e da mesquita em igreja (de Santa Maria da Alcáçova). Apenas o traçado das ruas, com uma malha urbana de desenho apertado, se manteve pouco alterado.

A ação militar de D. Sancho II é empreendida entre 1226 e 1229, dando continuidade à obra de definição territorial de Portugal e ao processo da reconquista cristã.⁴⁷

A cidade onde o monarca entra é um burgo próspero e organizado, e com uma importância não só militar como económica. A expansão que a urbe sofreu ainda no período de ocupação islâmica, como indicia a necessidade da construção de uma segunda cerca de muralhas, revela essa mesma importância.

⁴⁵ O autor fala sobre a primeira conquista de Elvas aos Mouros, que pouco tempo depois regressou ao domínio islâmico. Refere ainda que a cidade foi reconquistada e perdida duas outras vezes antes da sua definitiva agregação ao território de Portugal, por D. Sancho II. VARELA, Cónego Aires - *Theatro das Antiguidades*, 1915, p.48

⁴⁶ *ibidem*, p.53

⁴⁷ DENTINHO, Maria do Céu – *Elvas*, 1989



Figura 34 - Fotografia da cruz que coroa a fachada principal e na qual está inscrito o seguinte: E 1227 R 1877

A entrada na cidade ocorreu de modo gradual e através da tomada de posse de algumas das portas que figuravam no conjunto fortificado que representavam as cercas islâmicas da cidade e às quais ainda hoje se faz referência.

Com a entrada do exército português na cidade, e à medida que cada uma das portas era conquistada, estabelecem-se “altares”, onde mais tarde são fundadas as igrejas que vão corresponder à organização da cidade em paróquias.

“Em 29 de junho de 1228, dia do martirio do apóstolo S. Pedro, lhe ganharão a porta de ferro, que até o prez.^{te} chamarão ferrada; [...] e porq. não puderão os nossos passar adiante, celebrarão naquelle lugar, arrimado ao muro, missa, e como foi no dito dia, lhe dedicarão a Igreja(...)”⁴⁸

Após a entrada na cidade através da porta ferrada os soldados não conseguiram “penetrar na praça por se acharem já fatigados e terem ainda grandes obstáculos a vencer, fizeram alto junto ao muro, e ahi levantaram o altar (...).”⁴⁹

O ano de fundação exato deste objeto é ainda uma incógnita, não havendo uma data registada para a ocorrência. A data de início de construção de igreja de São Pedro aparece como uma possibilidade entre os anos de 1227 e 1229. Apesar de na fachada do edifício se encontrar uma inscrição com a data de 1227, a data mais provável da sua fundação situar-se-á entre 1228, ano em que efetivamente entraram na porta ferrada, e 1229, ano em que foi oficialmente concedido foral, por D. Sancho II, para o povoamento de Elvas. É natural, porém, que as obras tivessem início pouco depois da conquista da cidade.⁵⁰

Os documentos existentes sobre a igreja não revelam muita informação sobre este seu período construtivo. Existe apenas uma referência ao objeto edificado na altura da entrada na cidade pela “porta ferrada” e que indica a construção de um “altar” que não chegou a ser totalmente concluído. As informações apresentadas pela mesma referência referem apenas a apropriação da torre e a não conclusão da cobertura do edifício.

A construção do que viria a ser designada como igreja de São Pedro, devido ao dia em que o exército entrou pela porta mais próxima na cidade, e que viria a ser a igreja de uma das quatro

⁴⁸ VARELA, Cónego Aires, *Theatro das Antiguidades*, 1915, p. 54

⁴⁹ AAVV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

⁵⁰ A data de início de construção de igreja de São Pedro aparece como possível entre 1227 e 1229. Apesar de na fachada do edifício se encontrar uma inscrição com as datas 1227 e 1877, a data mais provável da sua fundação situar-se-á entre 1228 (ano em que efetivamente entraram na porta ferrada) e 1229 (ano em que foi oficialmente concedido foral, por D. Sancho II, para o povoamento de Elvas).

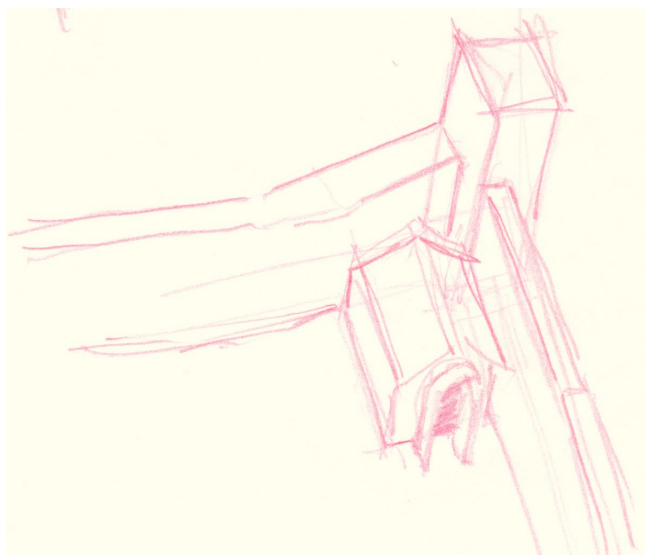
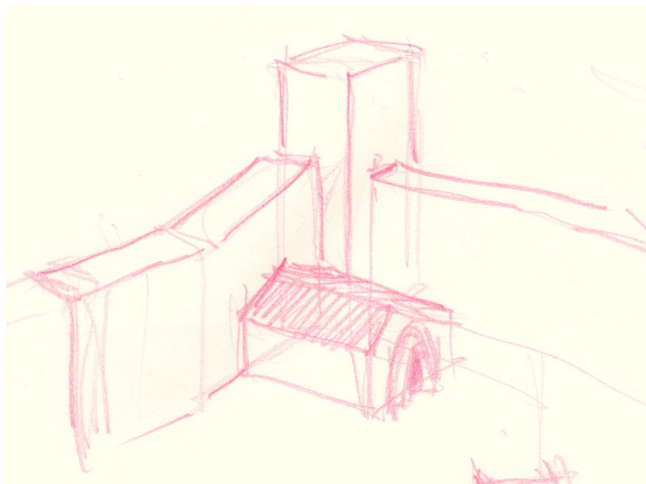
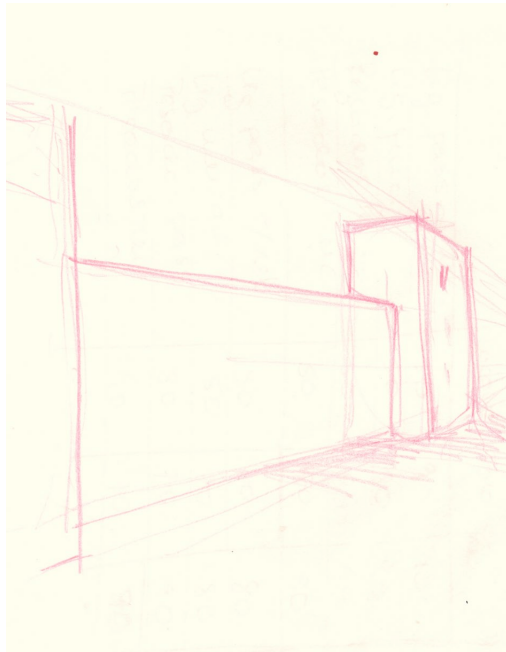


Figura 35 - Esquemas de processo sobre a possível implantação e forma da primeira fase construtiva

paróquias mais importantes da cidade à data, foi um processo lento que não ficou terminado.⁵¹ Devido à escassez de recursos, segundo artigo publicado no periódico a *Revolução de Setembro*⁵², a nova construção que surge após a tomada da “porta ferrada” apropria-se de uma das torres da segunda cerca islâmica da cidade, que foi aproveitada para torre sineira do que viria a ser a igreja em estudo. Considerando novamente a escassez de recursos que a fonte acima referida menciona, é muito provável a possibilidade de, para além da torre por si como elemento pré-existente, terem sido também aproveitados troços da muralha encastrada na mesma.

A construção do corpo principal da estrutura levará a um objeto arquitetónico de dimensões bastante inferiores às atuais. A primeira fase identificada propõe, assim, a construção de uma capela, imediatamente adossada à torre, representando o primeiro momento construtivo na sua evolução. Embora se tenha servido de elementos pré-existentes para a sua construção, e se tenha adaptado um elemento de cariz militar para um propósito religioso, a construção da igreja não ficou concluída nesta primeira fase: *“não chegando a concluir-se todos os trabalhos, por isso que ficou a descoberto o madeiramento do teto da igreja, (...)”*⁵³

Formalmente esta fase consistiria na justaposição de dois volumes: a torre de base islâmica, quadrangular e vertical; e a capela mor, elemento novo na construção para o qual teriam sido aproveitadas partes das muralhas. A torre manteria o seu aspeto original, sem que alterações à sua constituição tivessem sido concretizadas. A construção seria originalmente em taipa, como era tradicional no sul do país e teria o formato de um prisma quadrangular. As aberturas da torre seriam escassas e mais fechadas (como ainda se observa na cota mais baixa da torre atual). Os materiais da construção da capela consistiriam em tijolo maciço, que é possível observar atualmente em algumas paredes da igreja onde o reboco está descascado, madeira para a cobertura e revestido a reboco de cal (tradicional da região).

A capela, que constituía efetivamente o primeiro elemento construído de raiz para a concretização da igreja de São Pedro, encontrava-se, segundo o artigo de *A Revolução de Setembro*, mais à frente do que a atual. Esta informação é compatível com a proposta da localização da capela adossada às muralhas da segunda cerca da cidade à data.

Há um elemento encontrado atualmente no edifício e que duas das fontes consultadas classificam como pertencendo à edificação primitiva: o pórtico da entrada principal. Em cantaria, e em

⁵¹ AAVV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

⁵² São vários os autores que afirmam o aproveitamento de uma das torres da muralha, mais próxima da porta ferrada, para torre sineira da igreja paroquial de São Pedro, nomeadamente Luís Keil, Cónego Aires Varela e Maria do Céu Dentinho.

⁵³ AAVV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876



Figura 36 - fotografias aproximadas do portal do século XIII



Figura 37 - Alçado Poente onde está presente o portal identificado como pertencendo ao século XIII, e como elemento sobrevivente até aos dias de hoje.



Figura 38 - Identificação em fotografia da torre adaptada a torre sineira e que pertencia à segunda cerca islâmica

contraste com os materiais encontrados na capela mor, conserva assente sobre altos embasamentos e coroados por capiteis, dois colunelos de cada um dos lados. Os capiteis são decorados com motivos vegetalistas, folhas de hera delicadas e de trabalho cuidado. As ombreiras do portal são também decoradas, imitando um terceiro colunelo. O tímpano do portal, que atualmente já não sobrevive, é descrito por Jorge Rodrigues e Mário Pereira como sendo liso ⁵⁴.

O panorama que se vivia em Portugal condicionava a encomenda e produção artística, secundarizadas face às necessidades de alargamento do território, do seu povoamento e consolidação do poder. Devido à sua ativa e extensa contribuição na reconquista do país, as ordens militares religiosas, como é o caso dos templários, cavaleiros de Avis e Hospitalários, receberão comendas e padroados de igrejas um pouco por todo o país, particularmente nos locais de instabilidade fronteiriça, como era o caso de Elvas.

“Fenómeno idêntico irá acontecer com a formação das paróquias frequentemente ligadas (...) a estruturas defensivas que asseguram a sua efectiva protecção”.⁵⁵ “Era frequente que aos institutos religiosos estivessem associadas construções de carácter defensivo, (...) casos houve em que às fundações diocesanas, monásticas ou paroquiais estavam diretamente associadas torres – quando não faziam parte da sua própria estrutura.” ⁵⁶

Como já foi mencionado no capítulo *Da História Edificatória do Objeto*, há fortes probabilidades de a igreja de São Pedro de Elvas ter pertencido, ainda que por pouco tempo, à ordem do Templo. Com o estabelecimento de Elvas como importante cidade militar, com forte presença das ordens religiosas militares, foi natural o aproveitamento de um elemento de carácter militar para a fase inicial de construção do novo “altar”.

“(...) a impressão provocada pela implantação do templo (...) seria decerto fortíssima, pelo contraste que introduziria face às construções circundantes. Em meio urbano o templo seria frequentemente o mais importante edifício em pedra – frequentemente complementado por uma estrutura defensiva, fosse castelo, muralha ou simplesmente torre (...)”.⁵⁷

⁵⁴ RODRIGUES, Jorge e Mário Pereira – Elvas, 1995, p.18

⁵⁵ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O Mundo Românico*, 2007, p.32

⁵⁶ *Ibidem*, p.43

⁵⁷ *Ibidem*, p.33



Figura 39 - Parte da muralha da cidade de Elvas no período da Reconquista

Embora se verifique a utilização da torre e, como proposto, parte da muralha no objeto de estudo, o mesmo não acontece com o material construtivo utilizado à data. Nem tão pouco a presença acentuada da igreja de um ponto de vista urbano e do território – pelo menos não nesta primeira fase construtiva que não foi concluída com brevidade.

“À escala do edifício sagrado terá que se associar a perfeição e regularidade da sua construção, cujo material é geralmente a pedra – (...) – sobre o qual assenta a igreja com um sentido simbólico de eternidade. Mas a sua singularidade afirma-se também pela clareza dos volumes, geometricamente simples e bem definidos (...)”⁵⁸ A escala do edifício, enquanto igreja matriz de uma das primeiras paróquias que a cidade viria a conhecer, fica aquém da sua importância. Não teria leitura no traçado da cidade, que permanece islâmico, e não se afirmaria como ponto de destaque nem pelas suas dimensões, nem pelo material em que é construída. No entanto, a simplicidade dos volumes que a compõem naquela época remete, efetivamente, para uma preocupação associada à construção românica. São Pedro era constituída por apenas dois volumes que se apresentam de forma clara e de fácil leitura (quando se fala de forma).

“A construção dos edifícios (...) com a solidez e bom acabamento que os caracteriza (...), acarretaria encargos proporcionalmente muito elevados (...)”.⁵⁹

Já foi estabelecido, e indicado pelas fontes, que havia falta de recursos para a construção do caso de estudo. No início da sua construção, era comum os recursos necessários terem origem num grande encomendador, provavelmente da parte de um membro da nobreza ou do clero. Sabe-se que as ordens religiosas assumiam frequentemente o papel de patrocinadores dos seus institutos, casos “particularmente notórios com as fundações da segunda metade do século XII e século XIII (...)”⁶⁰. No entanto, e apesar deste importante concurso de patrocínios, os fundos escasseavam com frequência, conhecendo-se demoras e hesitações que essa escassez provocou na construção dos templos. Por conseguinte, São Pedro parece fazer parte do conjunto de construções que sofreu hesitações e demoras na sua construção, pese embora a existência do portal – elemento mais trabalhado, e rico, que parece o único elemento da época totalmente em pedra.

⁵⁸ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O Mundo Românico*, 2007, p.33

⁵⁹ *Ibidem*, p.33

⁶⁰ *Ibidem*, p.34

O portal da entrada principal assume um carácter cenográfico, que lhe é dado pela profundidade marcada pelas arquivoltas suportadas pelos colunelos dispostos em série e englobadas na estrutura.

Era “uma característica desta arquitetura medieval, em que a construção começava sempre pela cabeceira, depois do perímetro de todo o edifício ter sido medido (...) e marcado no chão.”⁶¹ Era frequente que a data de sagração dissesse respeito à data de conclusão do presbitério – onde podia ser celebrada desde logo missa – e não de todo o edifício, dificultando a data precisa das construções.

⁶¹ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O Mundo Românico*, 2007, p.34



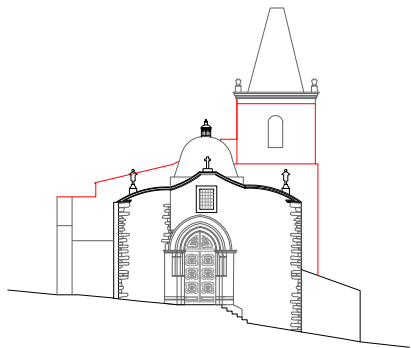
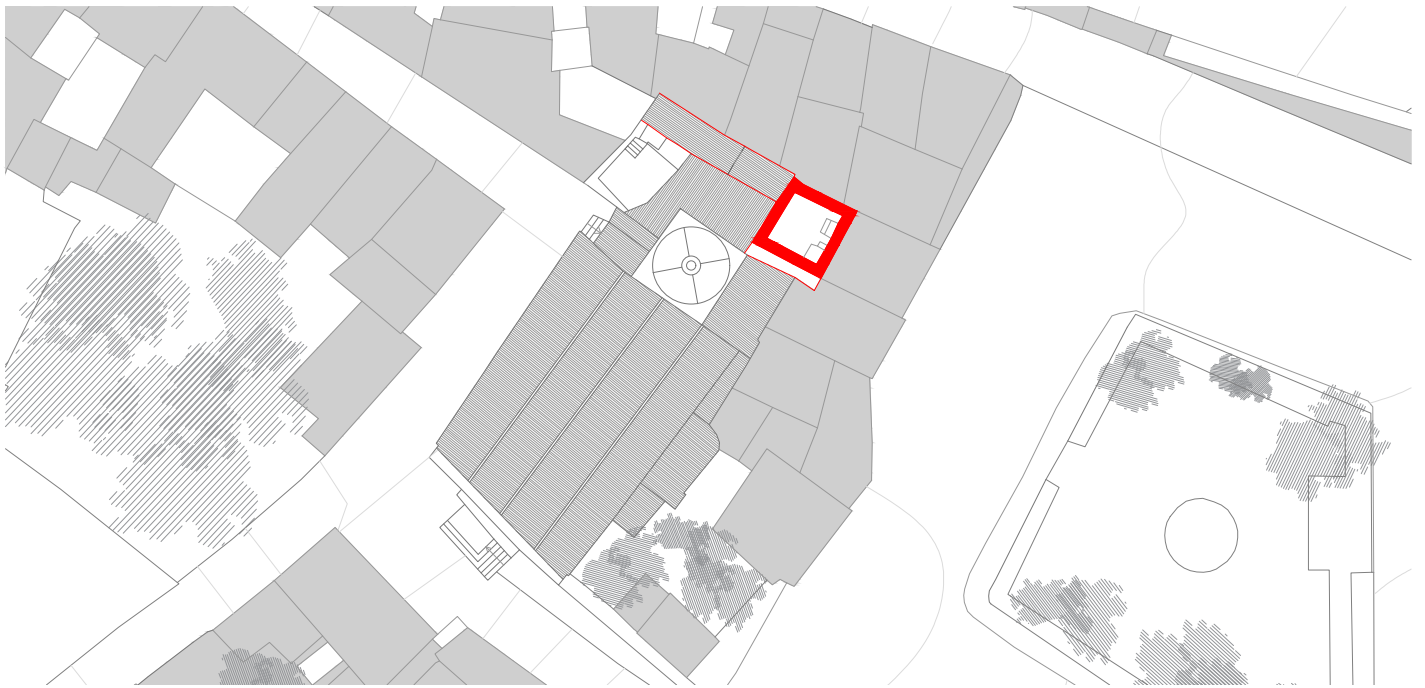
Figura 40 - Perspetiva tirada a partir da muralha da fortaleza abaluartada que mostra a torre de São Pedro e o seu alinhamento com as torres que ainda se encontram visíveis.



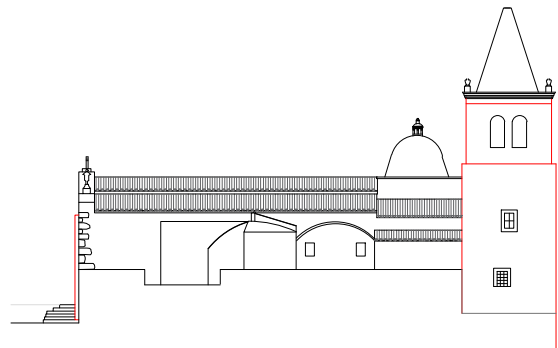
Figura 41 - Portal principal



Figura 42- Vestígios de parede de tijolo



Alçado Poente



Alçado Sul

Figura 43

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Identificação de elementos da FASE 1 que se reconhecem no presente

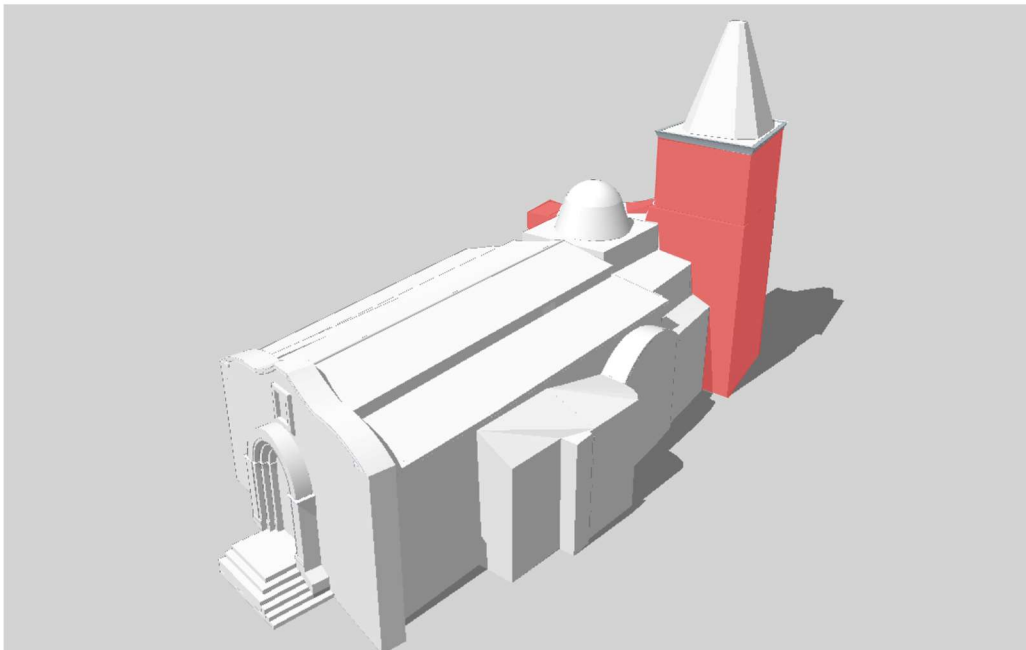
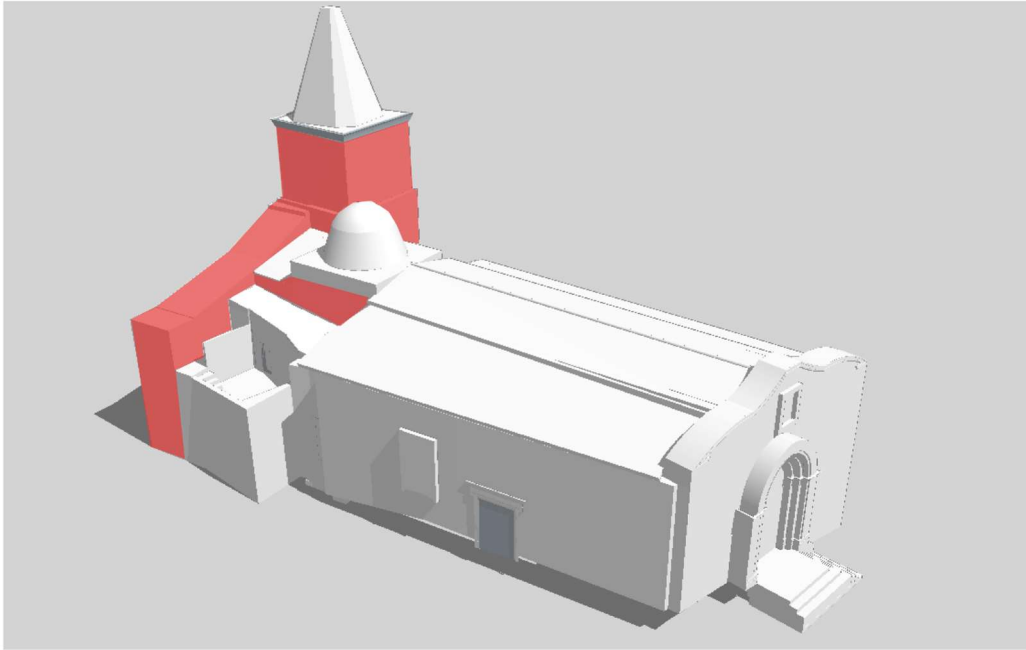


Figura 44 - Modelos 3D onde se apresentam os elementos que se identificam atualmente como pertencendo ao edifício da Igreja de São Pedro no século XIII. Está assinalado tanto o portal em cantaria como a torre sineira.

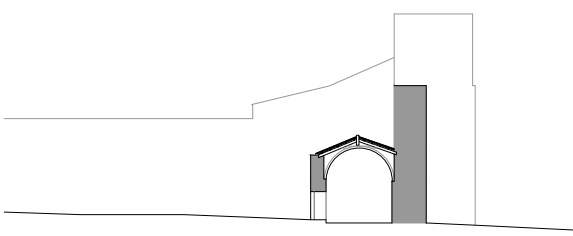
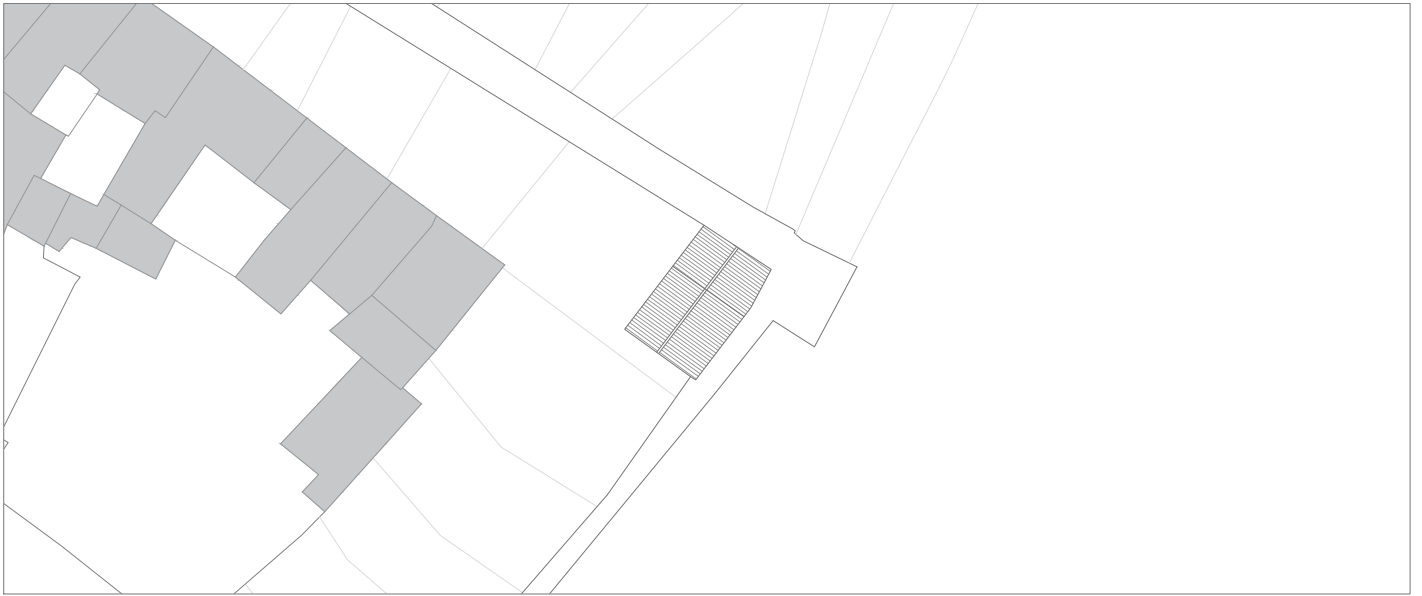


Figura 45

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Reconstituição hipotética em planta e corte de São Pedro na FASE 1

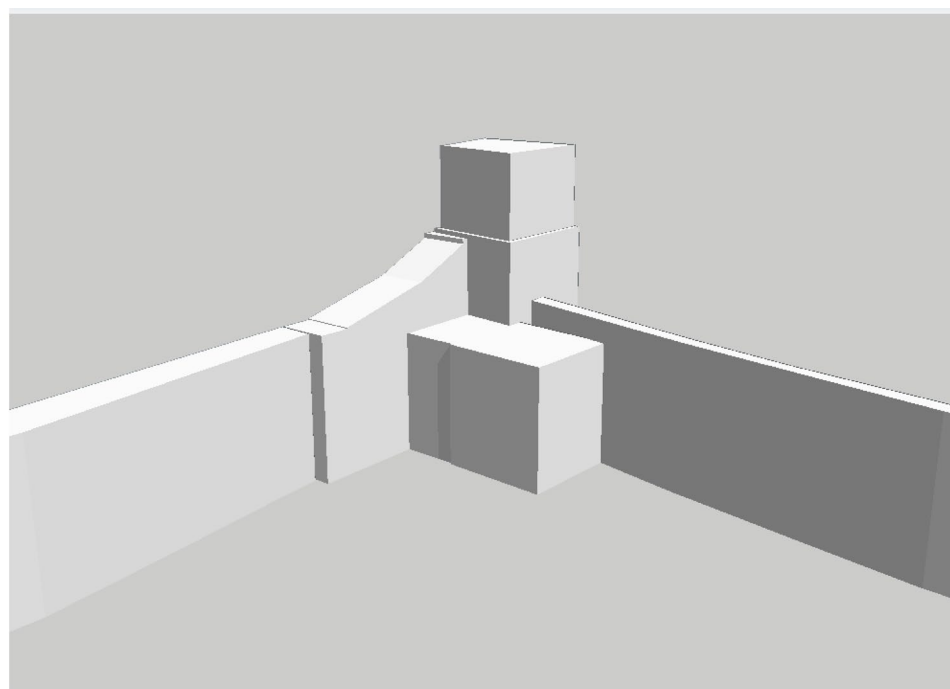
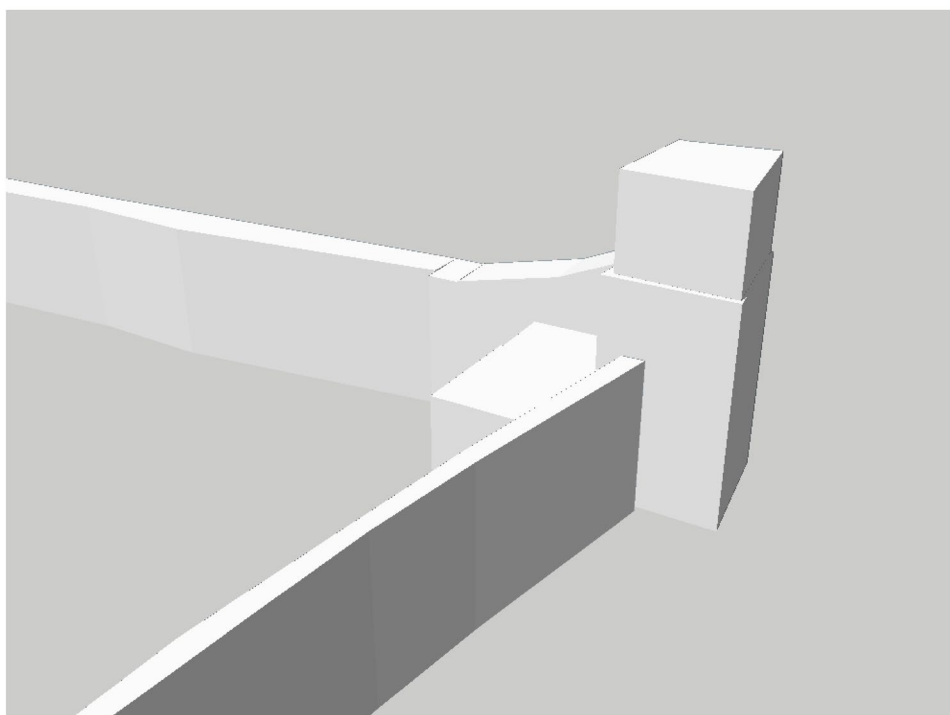


Figura 46 - Reconstituição de modelo tridimensional, em duas perspectivas, que procura mostrar a hipótese formulada para a construção da Igreja de São Pedro na sua Primeira fase

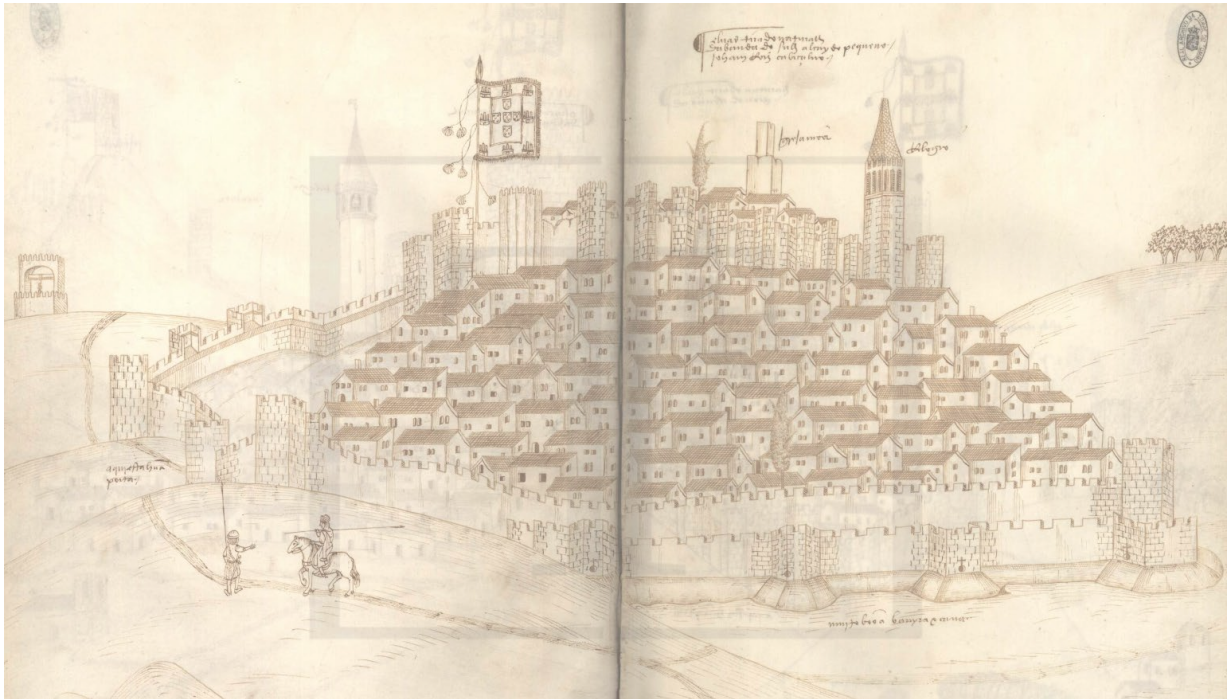


Figura 47 - Perspetiva de Elvas desenhada por Duarte D'Armas no seu Livro das Fortalezas



Figura 48 - Troços da muralha Fernandina que ainda se encontram presentes na cidade de Elvas. Particular ênfase na torre, a única que permanece intacta.

DA IMPLANTAÇÃO DE UM NOVO MODELO

“De D. Afonso IV é a lei que proíbe construir casa fora dos muros da villa (...). Entretanto a batalha do Salado trouxe paz e progresso por alguns anos; a povoação crescia em gente e importância (...) quando D. Fernando começa a preparar o país para outra guerra (...) e que havia de justificar as novas muralhas de Lisboa, Porto, Elvas...”⁶²

O crescimento da vila, resultante de um tempo próspero, e a construção extra-muros que se verificava em Elvas no século XIV levaram à expansão da urbe. Após um período de paz que resultou no aumento demográfico de Elvas, D. Fernando começa a preparar o país para uma guerra, o que possibilita a construção de um novo perímetro amuralhado ⁶³, denominado hoje como cerca fernandina ⁶⁴. Desenvolvida a partir da cerca da medina islâmica original, aproveitando, em algumas zonas, sobretudo nos extremos, o seu antigo traçado, teria sido composta por vinte e duas torres e onze portas ⁶⁵. É possível que algumas das torres maciças da época islâmica tenham sido revestidas de alvenaria para evitar a degradação da taipa⁶⁶.

Esta nova muralha levou a que as cercas pré-existentes da ocupação islâmica da cidade se tornassem desnecessárias e até constrangedoras numa cidade que se estava a expandir. Com a introdução desta nova cerca, representada por Duarte D'Armas no seu *Livro das Fortalezas*, no primeiro quartel do século XVI, é permitido a Elvas uma nova expansão. Coincidente com o período temporal abrangido por esta segunda fase construtiva, dá-se a elevação de Elvas a cidade por ordem de D. Manuel I, por foral em 1513 ⁶⁷; é também na segunda metade do século XVI que se estabelece a criação da Diocese de Elvas em 1570.⁶⁸ Considerando o desenvolvimento da cidade, e a construção das suas novas muralhas, a cerca islâmica, de cuja torre se aproveitaram para poder *erguer altar*, deixa de ter a utilidade que este tipo de construção implicava. A construção em redor da antiga muralha apropria-se da sua

⁶² DENTINHO, Maria do Céu – *Elvas*, 1989, p.44

⁶³ Meados do século XIV - início da construção da cerca fernandina, cerca nova ou "çerqua de fora" – http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3245 [consultado a 23/03/2017]

⁶⁴ Apesar da designação de "fernandina" e a sua construção se enquadrar na sua maioria sob alçada de D. Fernando, esta cerca sofreu alterações ainda nos reinados D. Afonso IV, de D. João II – que deu início à construção da barbacã – e de D. Manuel I durante o qual se concluiu a barbacã. DENTINHO, Maria do Céu – *Elvas*, 1989

⁶⁵ NOÉ, Paula – O Sistema Fortificado de Elvas, 2018. In http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAINventory.aspx?id=0427ec78-66b6-4a36-89d8-e0ac57fc0c1f [consultado a 707/08/2019]

⁶⁶ CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na idade média*, 2013, p.162

⁶⁷ COSTA, António Carvalho da - *Tratado V - Da comarca de Elvas*, 1708, p.530

⁶⁸ PIMENTA, José Manuel - *A Diocese de Elvas (1570-1636)* - dissertação

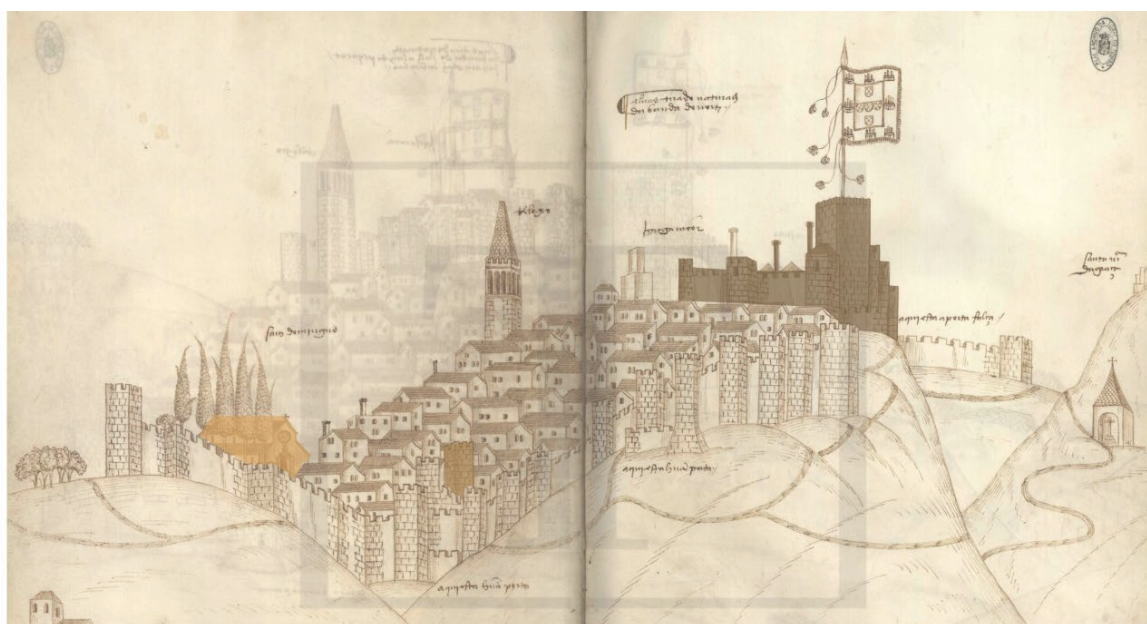


Figura 49 - Identificação sobre perspectiva de Duarte D'Armas da cidade de Elvas, do Livro das Fortalezas onde se identificam (da esquerda para a direita): Convento de São Domingos, Torre da Igreja de São Pedro (hipotética representação junto à Porta da cidade) e o castelo.

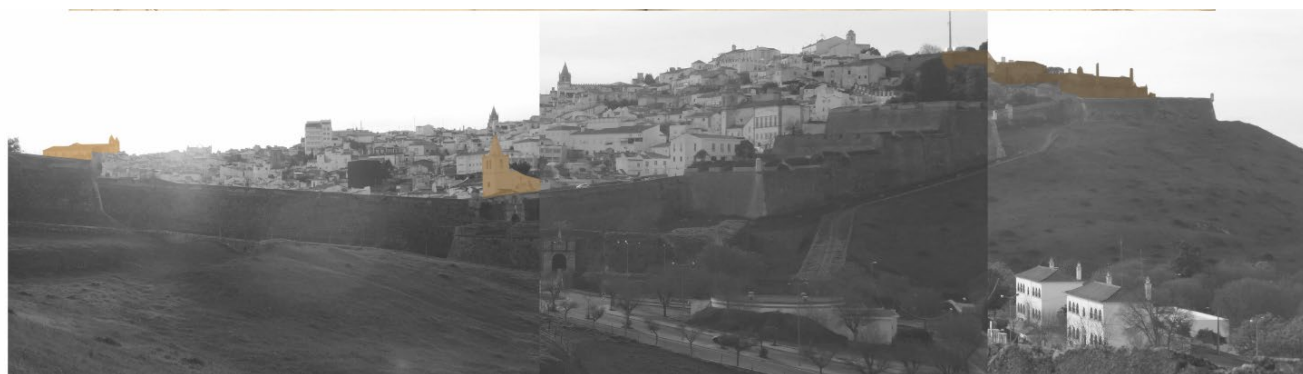


Figura 50 - Fotomontagem de fotografias tiradas do mesmo ponto de vista da fig. anterior, ilustrando os mesmos elementos (da esquerda para a direita): o convento de São Domingos, a torre sineira da Igreja de São Pedro e o castelo.

robustez para se suportar, ao mesmo tempo que surge a necessidade de responder ao aumento populacional de Elvas. Com a conclusão da cerca fernandina, no terceiro quartel do século XV, a “çerqua do meo”⁶⁹ vai sendo relegada para um plano secundário. Existem assim, desde meados do século XV, referências documentais “(...)à ocupação da liça para construção de casas(...)”.⁷⁰ A igreja de São Pedro não representa exceção na necessidade que tem de acompanhar a expansão da cidade e evoluir para uma construção de maiores dimensões que consiga dar resposta ao crescimento da paróquia. É entre os séculos XIV e XVI que a igreja adquire formalmente um aspeto mais semelhante ao que hoje pode ser encontrado. À capela-mor, que no século anterior constituía o único volume da igreja, para além da torre sineira, é agregado um novo corpo que responde ao modelo basilical e mendicante, ainda que de escala contida, que estava a ser utilizado na construção religiosa no período correspondente. A introdução das ordens mendicantes em Elvas coincide com esta segunda fase identificada. A influencia destas ordens transporta um novo modelo construtivo, espalhando-se pelas construções que tinham começado a surgir nos finais do século XIII.⁷¹

A igreja passa a ter um corpo de três naves, com quatro tramos e transepto (embora curto). A planta adquire longitudinalidade e hierarquia com a introdução das naves e, apesar de menos espessos que os panos da muralha que previamente se encontrava no lugar do novo corpo, os panos de parede que se erguem são espessos, com poucas ou nenhuma abertura. As arcadas que fazem a separação das naves rasgam-se com arcos quebrados. As paredes erigidas para acomodar esta nova espacialidade permitem uma simplicidade formal e legível a partir do exterior. A organização interior da igreja é legível a partir do exterior, uma vez que a nave central e o transepto são volumes mais altos que os restantes. A cobertura, que no século anterior tinha ficado aquém das expectativas para um edifício religioso de uma das principais paróquias da vila de Elvas, é concluída em madeira (a pedra seria um material demasiado pesado para as dimensões que a igreja apresentava e ainda apresenta). Dado o obsoletismo da segunda cerca islâmica, o crescimento da igreja de São Pedro rompe com os muros que previamente, e em parte, a confinavam.

⁶⁹ Cerca do meio – designação para a segunda cerca de muralha islâmica que deixa de exercer uma função delimitadora de Elvas, que na altura ainda era considerada vila.

⁷⁰ NOÉ, Paula – O Sistema Fortificado de Elvas, 2018. In http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAInventory.aspx?id=0427ec78-66b6-4a36-89d8-e0ac57fc0c1f [consultado a 707/08/2019]

⁷¹ É exemplo a igreja do convento de São domingos, que adopta o modelo mendicante e basilical e que atua como referência da arquitetura gótica mendicante no panorama nacional. VILLAMARIZ, Catarina – *Arquitectura das Ordens Mendicantes dos Séculos XIII e XIV: Singularidades do Panorama Nacional*, 2018



Figura 51 - Vestígios da parede da torre na fachada principal da igreja e que pode nunca ter sido concluída.

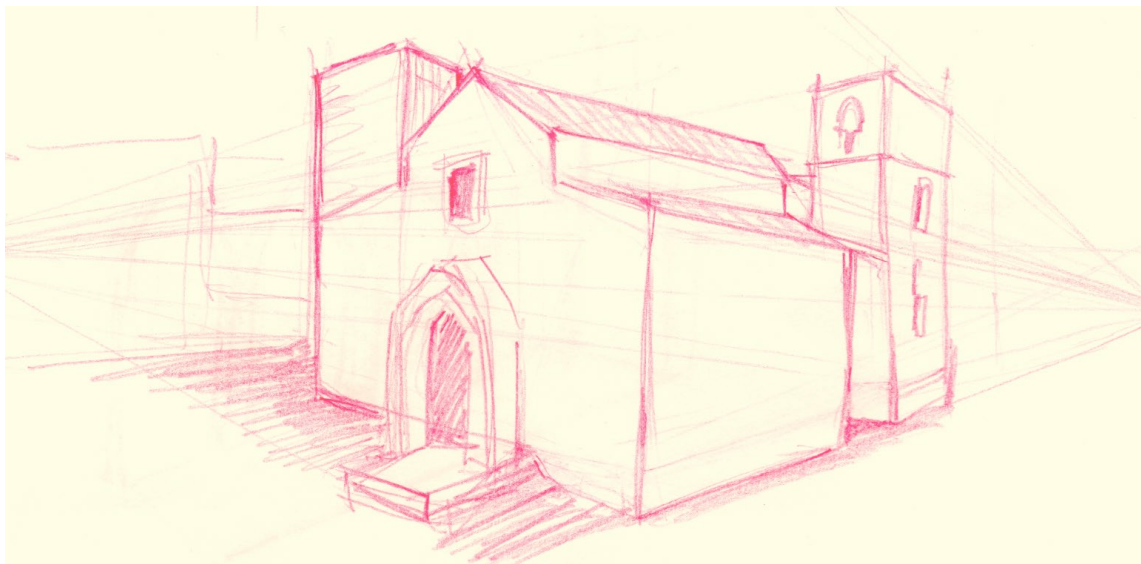


Figura 42 - Desenho de processo da volumetria de São Pedro, caso a torre na fachada tivesse sido concluída



Figura 53 - Vestígio da parede da torre na fachada principal pelo exterior.



Figura 54 - Arcos quebrados e parede da torre, perspetiva interior

A par deste crescimento formal também a fachada sofre alterações: adquire uma leitura hierarquizada das naves que compõe o seu interior e passa a agregar, do lado a norte, uma nova torre. A existência desta torre não é clara à data, ou seja, não é explícita a fase em que a mesma existiu, uma vez que não foram encontrados quaisquer documentos escritos da sua presença. No entanto, os registos que resultaram do levantamento atual da construção revelam, sem margem para dúvida, a existência de uma base construtiva para uma segunda torre. Coloca-se ainda a hipótese, possível, de que esta torre, cujos vestígios se encontram na fachada atual, nunca tenha sido totalmente concluída, e, como tal, nunca ter adquirido uma leitura volumétrica visível a partir do pano da fachada principal.

A implementação deste novo modelo na igreja de São Pedro coincide e abrange o período temporal em que a igreja é comenda da Ordem de Cristo em Elvas.⁷² Como mencionado no capítulo *Da História Edificatória do Objeto*, mais concretamente nas personalidades ou entidades associadas à igreja em estudo, D. Dinis criou a Ordem de Cristo, no século XIV, atribuindo a esta nova ordem os bens que tinham pertencido à ordem do Templo. Este é um ponto importante na compreensão da expansão do modelo construtivo observado em São Pedro, introduzindo-se um modelo semelhante ao modelo mendicante, ainda que numa escala mais contida.

Já na ponta final do intervalo identificado para esta fase, surge uma possível representação, não de todo o edifício, mas da sua torre, no século XVI. Duarte D'Armas, no seu *Livro das Fortalezas* – obra da época com gravuras que ilustram fortalezas fronteiriças de Portugal ⁷³– representa a cidade de Elvas. Através das sobreposições e comparações entre as imagens desenhadas por Duarte D'Armas e fotografias recolhidas durante esta investigação a partir de ângulos semelhantes, é possível que uma das torres representada pelo mesmo seja uma representação da torre sineira de São Pedro, à data o único elemento que daria dimensão e perceção territorial à construção.

*“É uma ordem nova (...) que acaba por responder a uma nova sociedade cuja lenta transformação se fazia havia muito e que não tinha encontrado respostas ao nível estético.”*⁷⁴

⁷² COSTA, António Carvalho da - Tratado V - Da comarca de Elvas, 1708, p.530

⁷³ *Livro Das Fortalezas Situadas No Extremo De Portugal E Castela Por Duarte De Armas, Escudeiro Da Casa Do Rei D. Manuel I* - O "Livro das Fortalezas" é um manuscrito de autoria de Duarte de Armas, executado em 1509-1510 por ordem de Manuel I de Portugal (1495-1521). Fonte essencial para o estudo da arquitetura militar e da cartografia no país no início do século XVI, a obra apresenta desenhos manuscritos de, ao todo, 56 castelos fronteiriços do reino de Portugal, que foram pessoalmente visitados pelo autor para o propósito. (...) O monarca incumbiu Duarte de Armas, escudeiro da Casa Real, de vistoriar as fortificações lideiras com Castela, desejando inteirar-se do estado de conservação das mesmas. Duarte de Armas, acompanhado de um criado a pé, percorreu a cavalo a maioria das povoações acasteladas da fronteira, elaborando esboços em papel (debuxos) com as suas panorâmicas (ao menos duas por povoação, de diferentes direções) e as plantas dos respectivos castelos, nelas indicando os trechos mais arruinados, onde obras se faziam mais necessárias.

⁷⁴ idem – *História da Arte Portuguesa: O "Modo" Gótico*, 2007, p.34



Figura 55 - Vista interior de São Pedro - Arcos quebrados



Figura 56 - Vista interior de Santa Maria do Olival - Arcos quebrados

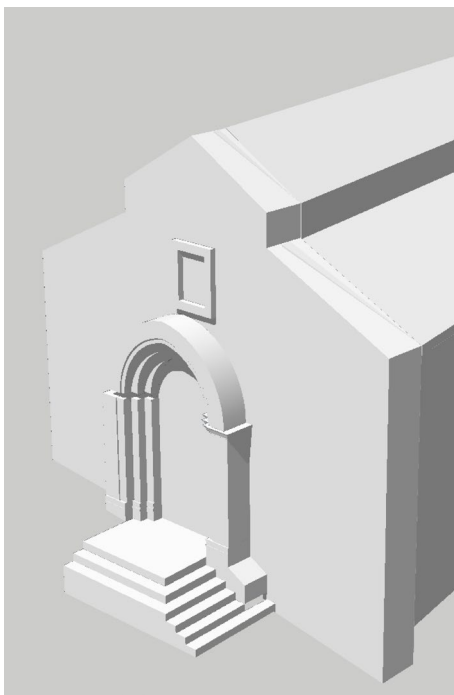


Figura 57 - Modelo 3D do alçado principal de São Pedro na segunda fase



Figura 58 - Vista exterior do alçado principal de Santa Maria do Olival

A partir da segunda metade do século XIII observa-se um arranque efetivo de grandes iniciativas de construção – o que coincide com o reinado de D. Afonso III e com a definição das fronteiras do território português até ao Algarve. É também de se considerar que se assiste a uma migração para o centro e sul do reino, onde se terá estabelecido uma população mais jovem, fator que contribui para que seja nestas regiões que se encontram as “realizações culturais mais importantes dos séculos XIII e XIV (...)”⁷⁵

Com a estabilização das fronteiras e o enriquecimento e aumento populacional observado em todo o país, e nomeadamente em Elvas, a igreja enriquece enquanto instituição, o que leva ao aumento das esmolas e contribuições. “Não por acaso, estas cidades diocesanas⁷⁶ serão palco de surtos construtivos importantes, seguidas de perto por outros centros de grande e média dimensão nos quais, por exemplo, se tornou urgente a instalação dos frades menores (Elvas, Guimarães).”⁷⁷

No centro do país, particularmente em Tomar e Santarém em meados do século XIII, procede-se à introdução de um novo modelo e à procura de construir com um “novo estilo”. As igrejas de São João de Alporão (Santarém) e de Santa Maria do Olival (Tomar) – ambas patrocinadas por duas ordens religiosas militares – foram experiências iniciais de uma nova forma de construir o espaço religioso. “O seu internacionalismo detinha a chave de importantes contactos com o exterior”⁷⁸. Para a interpretação do modelo estabelecido na Igreja de São Pedro de Elvas entre os séculos XIV e XVI, é necessário compreender a influência que a Igreja de Santa Maria do Olival teve no contexto do desenvolvimento e proliferação do modelo mendicante na arquitetura do centro e sul do país, nomeadamente nas cidades onde a presença das Ordens Militares Religiosas foi largamente sentida. Santa Maria do Olival apresenta-se como uma igreja de corte basilical, com corpo de três naves e cuja volumetria permite a leitura da organização do espaço interior. A nave central exibe um corpo mais alto, coberta por duas águas, e corpos laterais de uma água. As três naves são separadas interiormente por arcos quebrados, sem a presença de arcos diafragma (que anteriormente ritmavam os tramos da igreja). Encontra-se em Santa Maria do Olival um modelo nacional, “transformado por vontade dos encomendadores e com os meios à mão (...)”⁷⁹.

⁷⁵ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O “Modo Gótico”*, 2007, p.35

⁷⁶ Refere-se a Porto, Guimarães, Lamego, Viseu, Guarda e Sines - PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O Modo Gótico*, 2007, p.36

⁷⁷ *Ibidem*, p.36

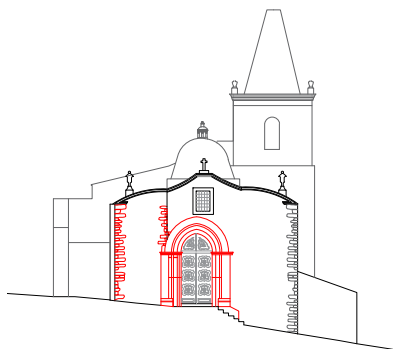
⁷⁸ *Ibidem*, p.31

⁷⁹ *Ibidem*, p.33

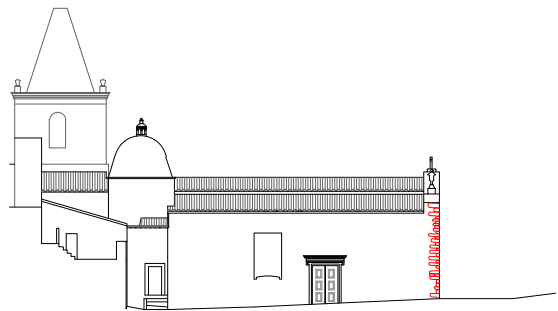
“Com estas igrejas de três naves de cobertura de madeira, clerestório e fachadas ad triangulum criava-se uma tipologia de longa duração, com raízes no século XI, mas desenvolvida agora pelas tecnologias e pelas exigências ideotécnicas da mentalidade trecentista (...)”.⁸⁰

A influência do modelo da igreja de Tomar é evidente na transformação levada a cabo na igreja de São Pedro entre os séculos abrangidos pela segunda fase identificada. Embora numa escala mais contida, São Pedro apresenta a mesma organização espacial no corpo da igreja, dividido em três naves, arcos quebrados a fazer a sua divisão longitudinal e uma fachada tripartida que permite a leitura da estrutura da construção. A igreja de São Pedro diverge, porém, do modelo de Santa Maria do Olival em dois pontos. O primeiro é a ausência de janelas de clerestório que, devido ao seu tamanho menor, não teria a presença de janelas para o exterior; o segundo é a organização da cabeceira da igreja que, em vez de possuir três ou cinco capelas, apenas contém uma capela mor singular.

⁸⁰ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O “Modo Gótico”*, 2007, p.33



Alçado Poente



Alçado Norte

Figura 59

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Identificação de elementos da FASE 2 que se reconhecem no presente

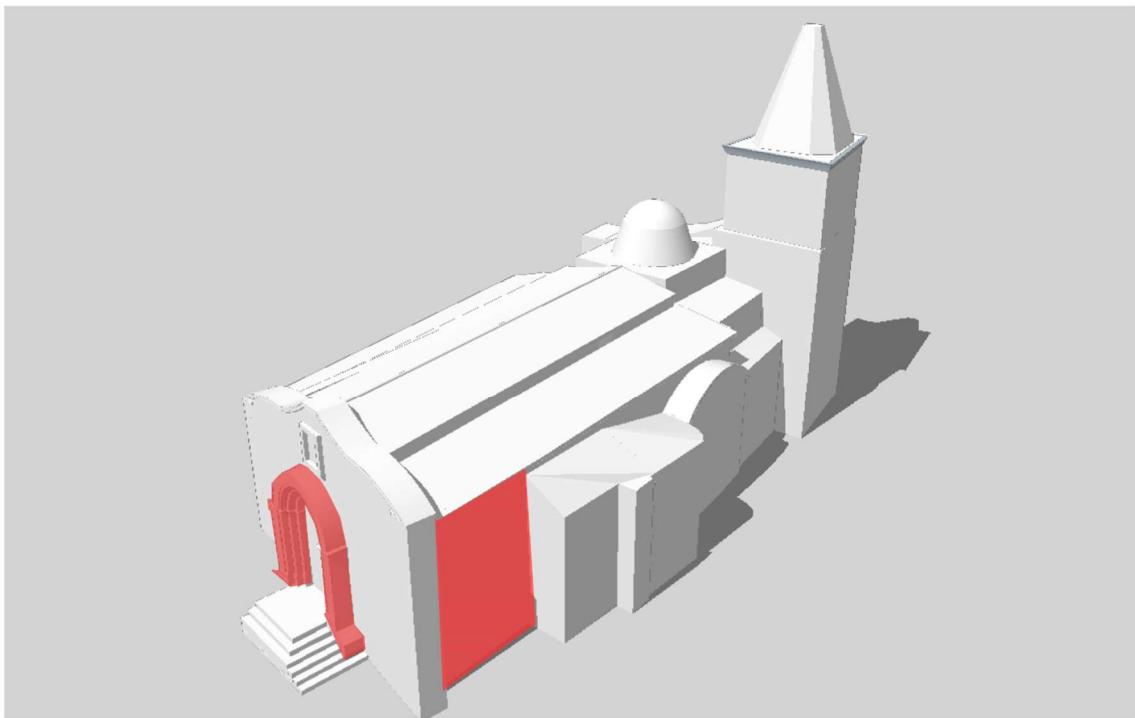
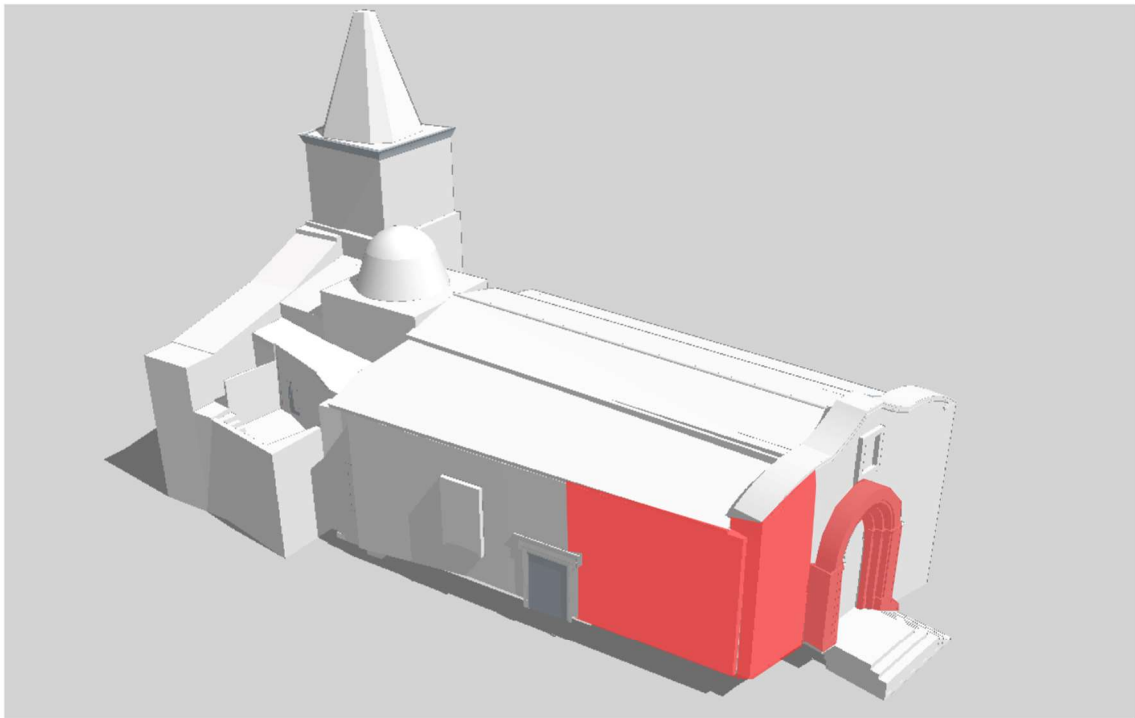
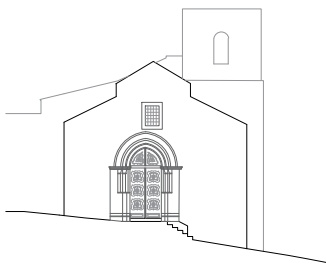
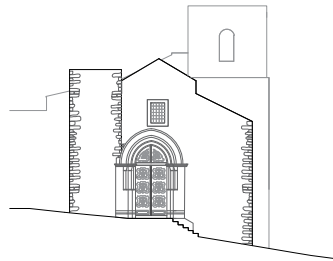


Figura 60 - Modelo 3D - Identificação de elementos presentes na atualidade no conjunto e que se identificam como pertencentes às intervenções da segunda fase identificada.



Hipótese sem a construção da torre na fachada



Hipótese com a construção da torre na fachada

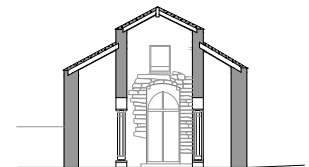


Figura 61

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Reconstituição hipotética em planta, corte e alçado de São Pedro na FASE 2

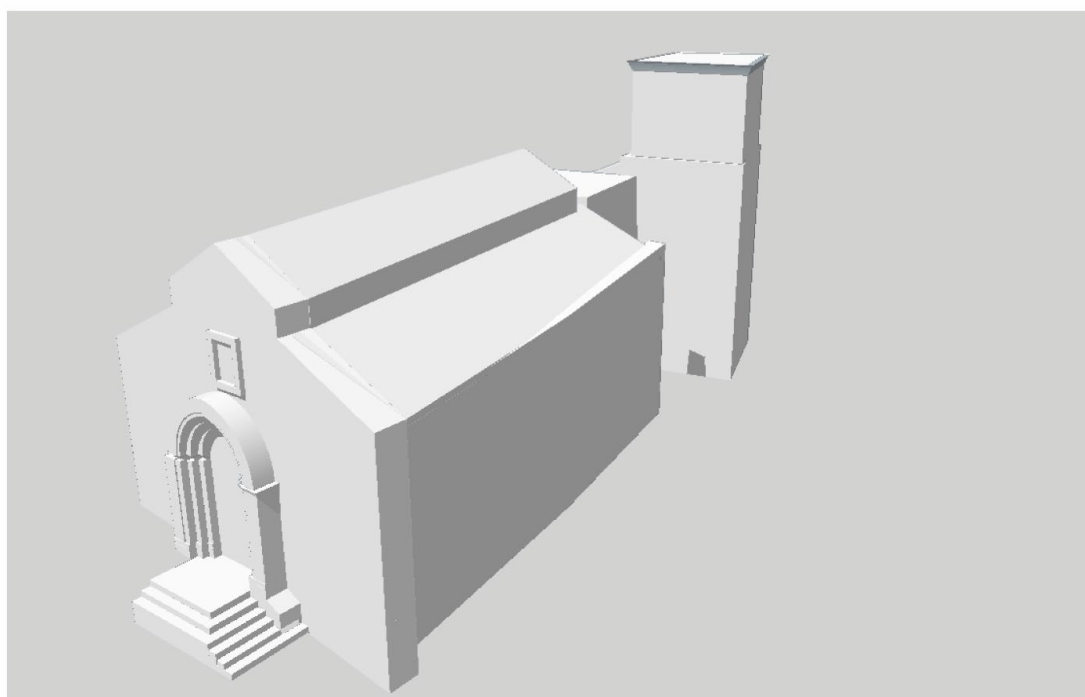
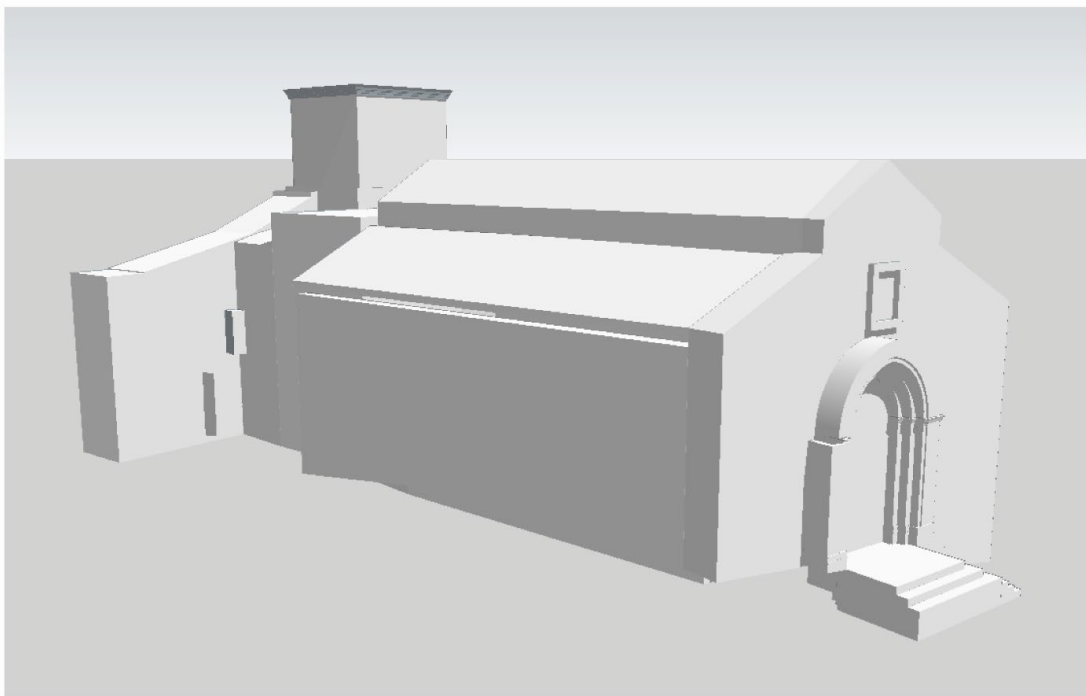


Figura 62 - Modelos 3D - Reconstituição da Igreja de São Pedro durante a sua segunda fase construtiva. Igreja com corpo de três naves e fachada tripartida que permite leitura da espacialidade.



Figura 63 - Cerco de Elvas, 1659. Gravura de Pedro de Santa Colomba, 1662

DOS ELEMENTOS CLÁSSICOS

O século XVII é em Portugal um tempo de grande atividade arquitetónica, tendo-se construído muito e de variados modos. *“O aparecimento de centros arquitectónicos regionais, sedimentados e razoavelmente autónomos, é um facto assente nos últimos anos do século XVI e durante pelo menos todo o primeiro quartel do século XVII. Apoiados por vezes em consequentes programas mecénaticos ou nascidos de circunstâncias meramente fortuitas, o seu florescimento decorreu também da definição do fluxo dos saberes gerados por estaleiros mais evoluídos e das rotas dos próprios artifices aí formados, evoluindo localmente para soluções de realização fruste e grosseira mas permeável a uma exuberância decorativa (...).”*⁸¹

O século XVII foi, também, um século com uma grande concentração de acontecimentos decisivos para o que representa hoje a cidade de Elvas, nomeadamente episódios referentes a conflitos e ações de cariz militar e estratégico. No início desse século Portugal encontrava-se sob domínio espanhol e, devido à sua posição fronteiriça, Elvas representava um importante posto militar. Se até à data a cidade tinha já um grande investimento na sua fortificação, após a restauração da independência de Portugal face a Espanha, em 1640, esse investimento aumenta, quando Elvas se vê como um importante posto de comando militar. Entre 1640 e 1668 muitos conflitos são travados às portas da cidade, o que leva a que, por volta de 1643 haja um novo empreendimento a tomar forma: o reforço da linha defensiva de Elvas pela construção de uma fortaleza abaluartada.⁸² As obras levadas a cabo a partir desta data mobilizam para a cidade muita mão de obra e recursos especializados, entre os quais engenheiros militares e pedreiros.⁸³

Num período de tempo curto em que a cidade sofre mudanças consideráveis no seu sistema defensivo, a igreja de São Pedro não sofre alterações radicais na sua estrutura (mas cruciais para a compreensão da mesma no presente). A volumetria permanece maioritariamente idêntica, no entanto surgem elementos que marcam uma presença na igreja de intervenções de dimensões substanciais, modificações que não alteram a forma do que já estava presente, mas que acrescentam nobreza, e que permitem uma nova legibilidade da igreja na malha da cidade.

⁸¹ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: Os Classicismos*, 2007, p.23

⁸² http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3245 [consultado a 30/01/2018]

⁸³ *Ibidem*

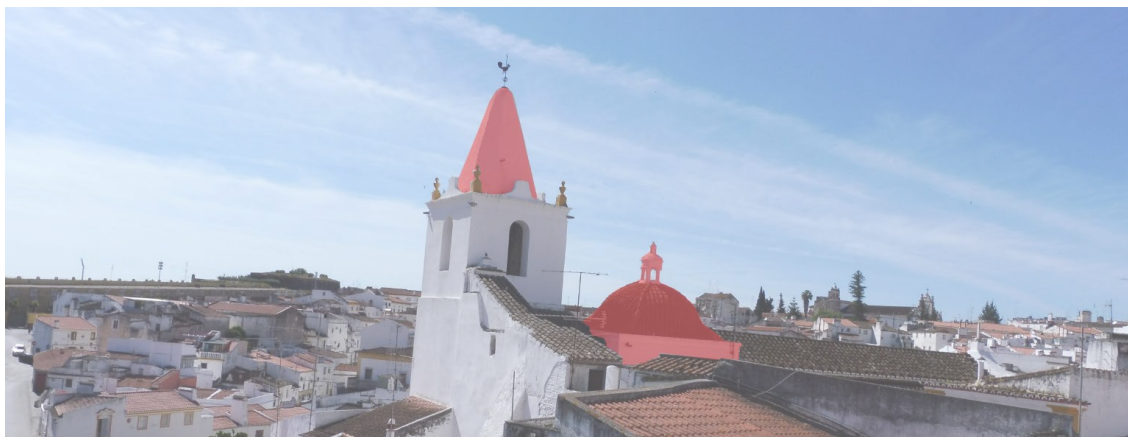


Figura 64 - Cúpula e Coruchéu da Igreja de São Pedro - exterior



Figura 65 - Interior da cúpula de São Pedro



Figura 66 - Interior da cúpula da Igreja das Dominicadas em Elvas



Figura 67 - Exterior da Igreja das Dominicadas em Elvas

Tratam-se de três elementos cuja presença se reflete maioritariamente no exterior do edifício: a porta que se encontra no alçado noroeste do objeto, a cúpula do transepto, e o coruchéu que coroa a torre sineira. Identificam-se como elementos que destoam dos restantes que caracterizam a construção na segunda fase, enquadrados agora numa época moderna e de gosto clássico.

A cúpula do transepto é uma estrutura que suscita alguma curiosidade devido à sua decoração com figuras que remetem para um imaginário mitológico e fantasioso, representando o único elemento que aponta para uma intervenção de cariz mais clássica e, possivelmente, influenciada pelas alterações constantes que a cidade sofre neste século. A cúpula aparece com um programa de figuras quase esculturais, em relevo, e manifesta-se como um elemento de interesse artístico para além de arquitetónico.

Os trabalhos decorativos em massa ou estucados em relevo são conhecidos desde o período romano, resultando mais tarde na sua redescoberta no renascimento, altura em que este recurso técnico e artístico volta a surgir como referência. A nível internacional, Vasari atribui esta redescoberta da fórmula do “*vero stucco antico*” a Giovanni da Udine. A composição da argamassa utilizada era à base de pó de travertino – pedra característica da região de Roma – e pó de mármore.⁸⁴ Esta técnica e recurso decorativo conheceu grande sucesso por toda a Europa, e prolongou-se por diversos séculos. No caso de Portugal existem vários estuques do século XVI, quinhentistas, nomeadamente no Alto Alentejo – na Sé de Portalegre, na igreja de Nossa Senhora da Atalaia de Fronteira, ou do Convento da Nossa Senhora da Luz em Arronches.⁸⁵ O caso mais próximo do objeto de estudo, da segunda metade do século XVI, é o da igreja das Domínicas de Elvas, também conhecida por Nossa Senhora da Consolação. Apesar da dimensão mais contida (representa apenas meia esfera), as influências e a técnica utilizada são semelhantes. A divisão da cúpula em gomos e a representação de figuras de modelo clássico, estabelecem uma aproximação ao elemento existente na igreja de São Pedro. A igreja das Domínicas é mais limitada e contida, mesmo nos motivos representados, já na igreja em análise está-se perante um programa menos erudito (e que se especula, para efeitos desta dissertação, ser posterior em pelo menos meio século) onde a par de citações clássicas – com figuras assentes em pedestais – surgem figuras feéricas e de natureza quase carnavalesca. Embora os outros elementos identificados desta fase não sejam artisticamente tão expressivos, são, à sua semelhança, elementos percebidos a partir do exterior.

⁸⁴ <https://www.hisour.com/pt/history-of-early-modern-period-domes-32119/> [consultado a 26/03/2019]

⁸⁵ RODRIGUES, Jorge e Mário Pereira – *Elvas*, 1995, p.62



Figura 68 - Portal lateral do século XVII de São Pedro



Figura 5 - Remate interior do Coruchéu cónico que remata a torre sineira

A porta lateral é “*de ombreiras e verga de mármore e no tipo das suas congéneres do século XVIII.*”⁸⁶ Muito mais contida do que o portal que figura no alçado nascente da igreja, a porta lateral apresenta linhas limpas e despojadas, com a introdução de um material construtivo que até então não figurava em São Pedro – o mármore branco. A introdução deste material, provavelmente da região próxima de Estremoz transporta uma nobreza à entrada lateral da igreja de São Pedro que até então estava apenas reservada ao portal medieval da fachada principal. A simetria presente na ombreira do portal lateral contrasta com as assimetrias presentes no restante edifício.

O coruchéu, que remata o topo da torre sineira é um elemento construído em tijolo de burro, mais comum nas construções do sul do país, e que constitui um acréscimo formal ao objeto de estudo. Especula-se que tenha sido colocado na obra no século XVII, considerando a hipótese apresentada na proposta da segunda fase, onde a torre apareceria representada, sem coruchéu, no desenho de Duarte D’Armas. Para além da interpretação da gravura de Duarte D’Armas, datada do século XVI, há ainda uma informação subjetiva, mas escrita no século a que se refere a intervenção, que indica que sobre a torre “*(...) construíram uma feia cúpula*”.⁸⁷

As obras concretizadas neste século estavam dependentes da aprovação do bispado de Elvas – segundo o documento de *A Relação do Bispado de Elvas*, publicado em 1635⁸⁸, sendo que era à época⁸⁹ o comendador da Comenda da Ordem de Cristo de São Pedro de Elvas, o Conde da Ericeira.⁹⁰

*“Sabe-se (...) que no sul de Portugal houve permanências de longa duração relacionadas com a islamização do território, especialmente no que respeita ao uso de determinados materiais de construção, como o tijolo, a alvenaria pobre, a cal e o gesso.”*⁹¹

O coruchéu e a cúpula do transepto, ambos elementos identificados como inseridos no objeto de estudo nesta fase construtiva, são construídos utilizando o mesmo material de base: o tijolo. É um elemento construtivo que encontramos presente na primeira fase construtiva, a do século XIII, e ao qual se recorre para a construção destes novos elementos. Embora a cúpula esteja caiada e decorada pelo seu interior com relevos estucados em gesso, o mesmo não acontece com o

⁸⁶ KEIL, Luis – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Portalegre*, 1943, p.78

⁸⁷ AAW - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

⁸⁸ composta pelo Doutor António Gonçalves de Novais, cônego penitenciário na Sé da mesma cidade

⁸⁹ Especulação baseada na data em que o título nobiliárquico de Conde da Ericeira foi criado, em 1622, sabendo que a comenda da Ordem de Cristo de São Pedro de Elvas passou a ser da responsabilidade dos Marqueses do Lourical – título criado em 1740.

⁹⁰ COELHO, P.M Laranjo – *As Ordens de Cavalaria no Alto Alentejo*, 1926, p.248

⁹¹ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa Do Modo Gótico ao Manuelino*, 2007, p.37

coruchéu da torre sineira – onde a herança islâmica da obra se manifesta. A sua constituição e a maneira como foi construído são legíveis a partir do interior do último piso da torre, onde se encontram os sinos, e é um dos poucos locais dentro da igreja de São Pedro onde é possível observar o sistema construtivo e não especular sobre o mesmo.

“No Alentejo o tijolo é, de facto, o material mais utilizado, escondido na alvenaria recoberta de argamassa e caiada,(...).”⁹²

Dois dos três elementos construtivos identificados como constituintes importantes na evolução da igreja de São Pedro neste século (o coruchéu e a cúpula) trazem, como consequência, uma nova imagem ao conjunto edificado. O objeto adquire maior visibilidade no contexto urbano e adquire maior representação na tentativa de se atualizar e competir (sem realmente o fazer) com a atualização da própria cidade.

⁹² SILVA, Heitor, *O fenómeno mudéjar no tardo-gótico alentejano*, 2014, p.18



Figura 70 - Interior do coruchéu



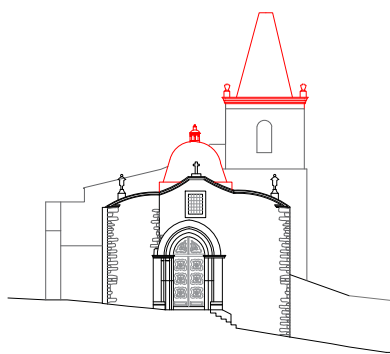
Figura 71 - Exterior do coruchéu



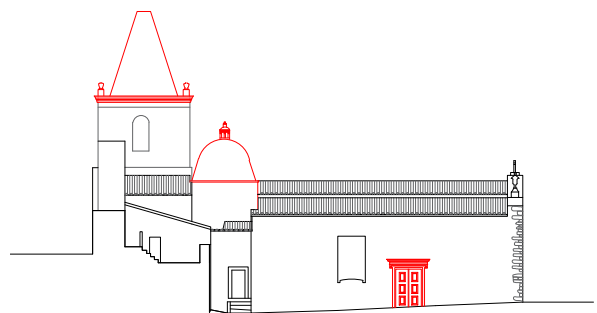
Figura 72 - Interior da cúpula



Figura 73 - Exterior da cúpula



Alçado Poente



Alçado Norte

Figura 74

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Identificação de elementos da FASE 3 que se reconhecem no presente

■ Elementos da Fase 3

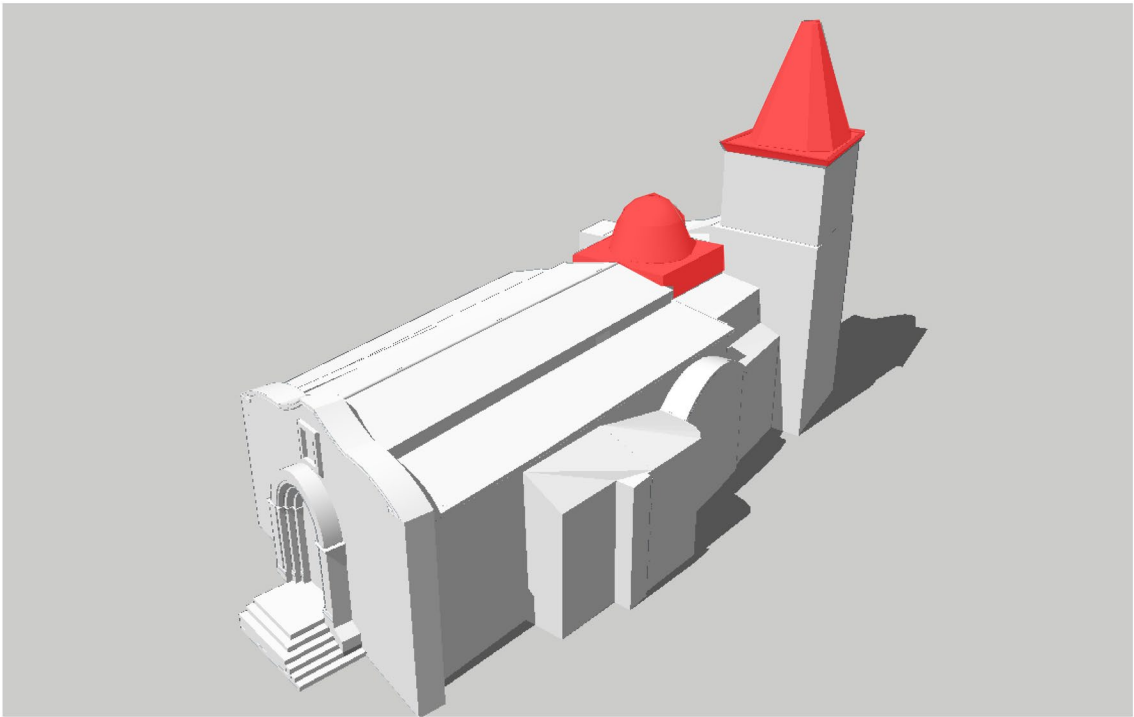
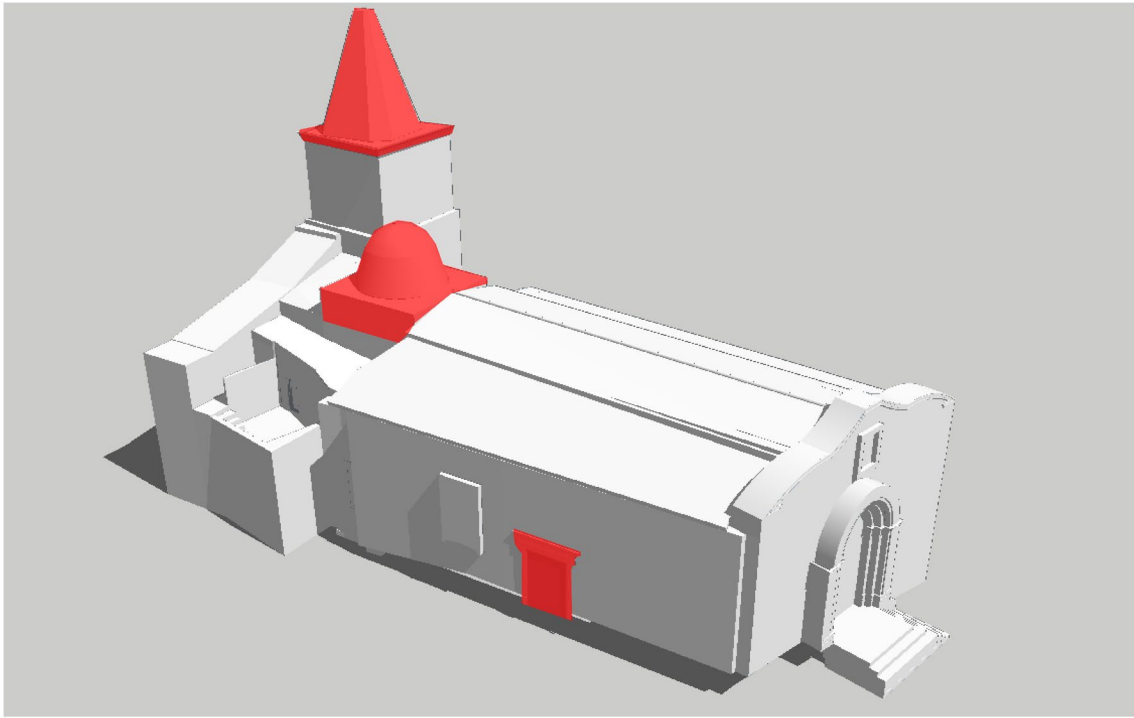
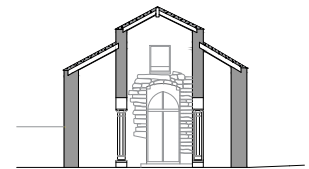
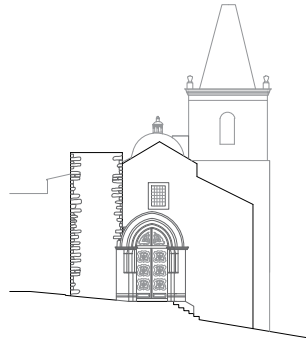
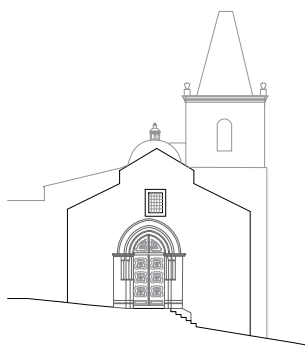
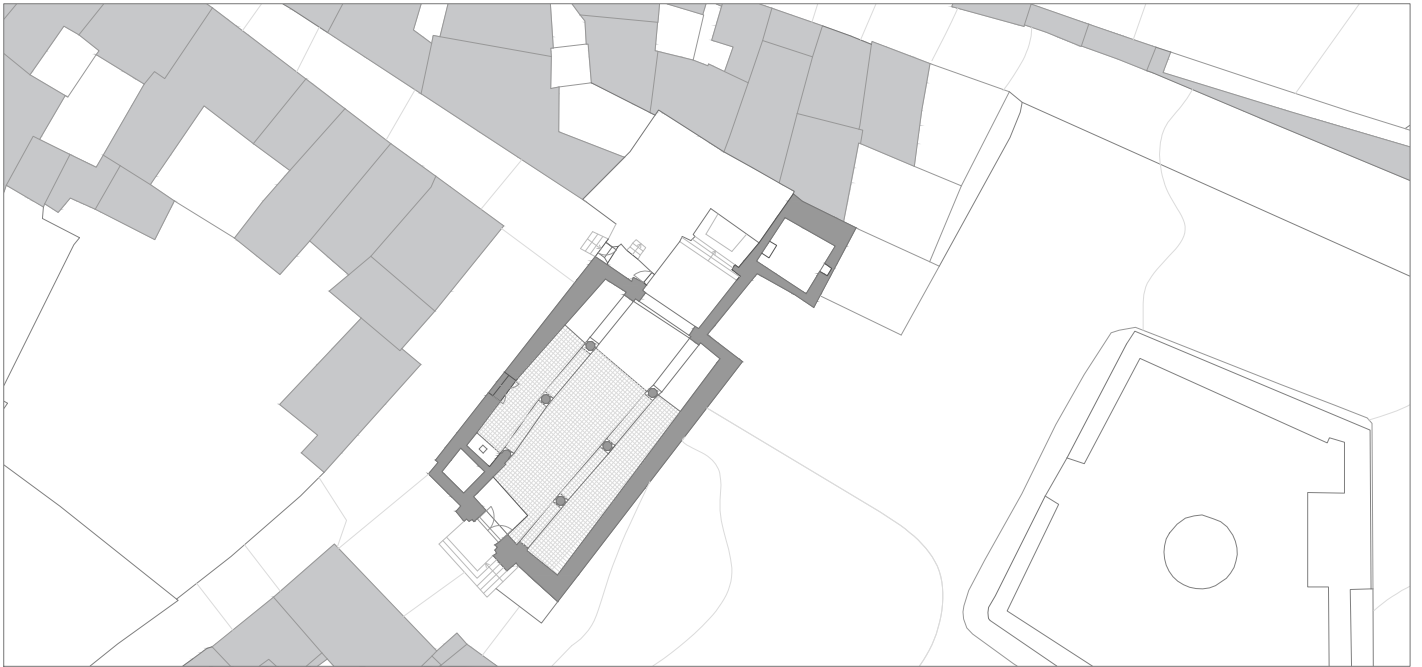


Figura 75 - Modelos 3D - Identificação dos elementos presentes na atualidade que foram construídos ou acrescentados à igreja na terceira fase identificada



Hipótese sem a construção da torre na fachada

Hipótese com a construção da torre na fachada

Figura 76

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Reconstituição hipotética em planta, corte e alçado de São Pedro na FASE 3

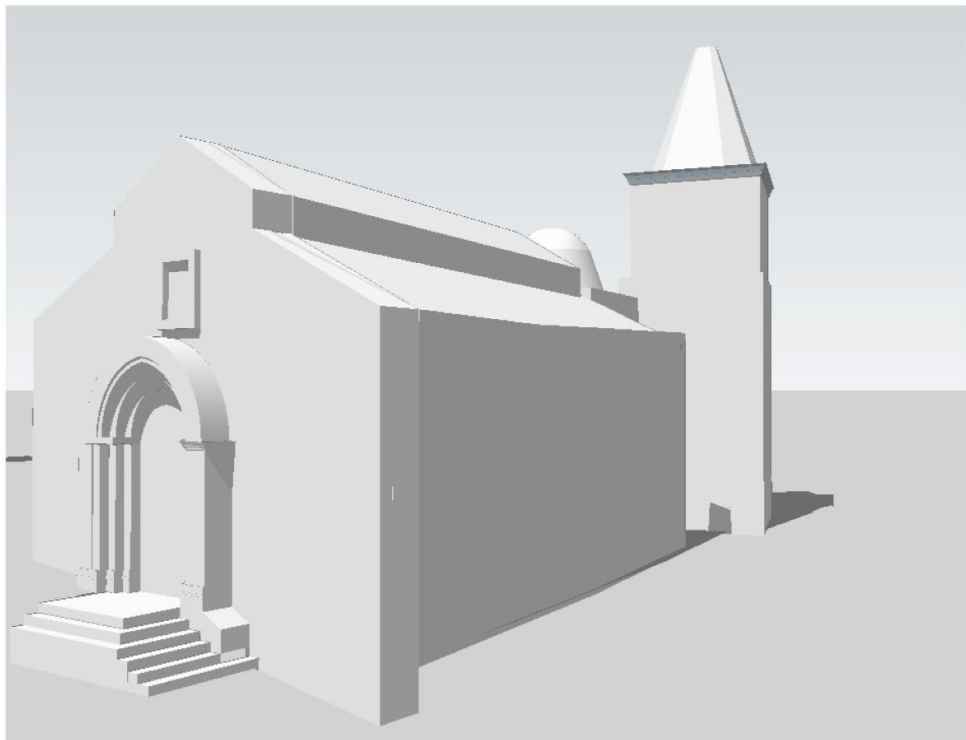
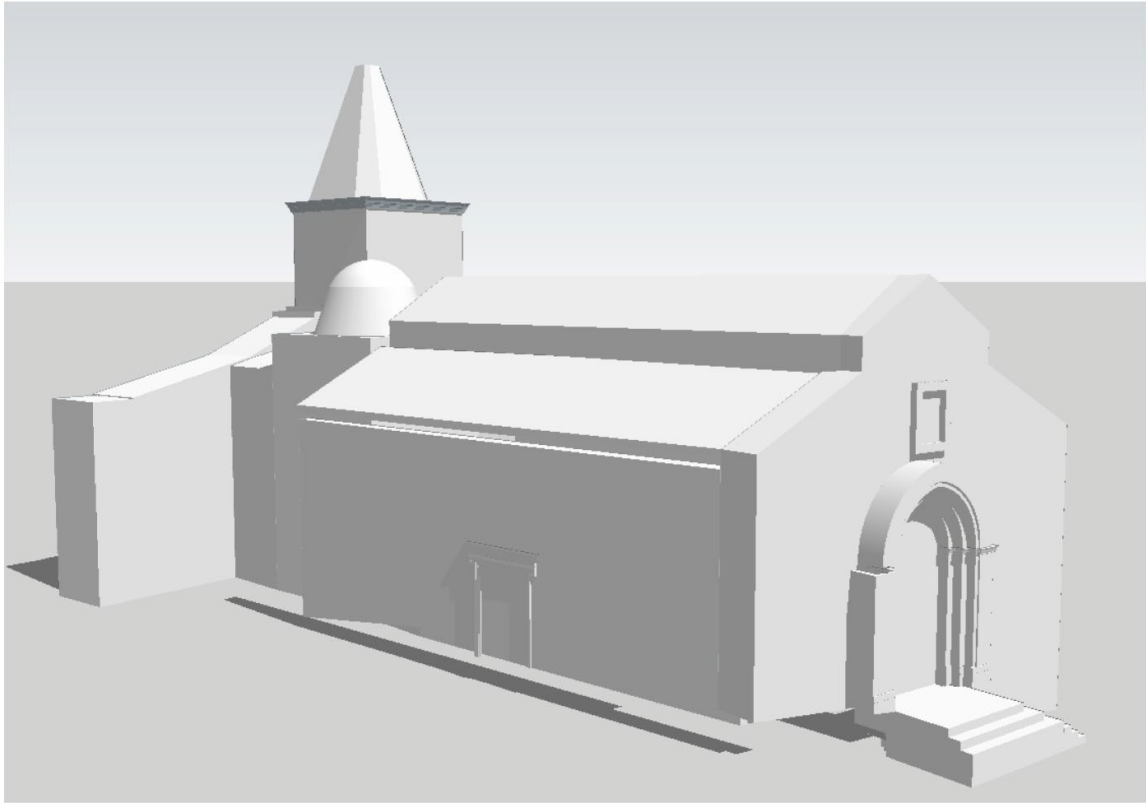


Figura 77 – Reconstituição tridimensional da terceira fase construtiva de São Pedro



Figura 78 - Pormenor da planta militar de Elvas de 1806, onde se encontram assinaladas as igrejas inseridas no tecido urbano à data. G.E.A.E.M., n.º1615. É um dos poucos mapas encontrados no decorrer deste trabalho que ilustra o interior da cidade e a sua malha urbana para além do seu perímetro abaluartado.

DAS CONSEQUÊNCIAS DO TERRAMOTO

“Nas localidades mais distantes, os estragos atingiram dimensões consideráveis em Santarém, Portalegre, Coimbra, Vila Nova de Portimão, Tavira, Castro Marim, Elvas e Beja.”⁹³

Numa escala mais pequena do que aquilo que sucedeu em Lisboa no ano de 1755, o mesmo terramoto que quase deixou a capital em ruínas, também se fez sentir em Elvas, provocando grandes danos em estruturas da cidade. Uma das construções afetadas pelo abalo foi a igreja de São Pedro, embora não se encontre um registo específico dos danos sofridos, com exceção de duas breves referências, uma das quais descreve uma fenda de grandes dimensões na torre sineira. A quarta fase evolutiva identificada prolonga-se por dois séculos e deve-se, sobretudo, aos danos causados por esse terramoto. Nesta segunda parte da quarta fase identificada encontram-se, pela primeira vez, registos, ou menções, da igreja de São Pedro que foram escritas na época em que elas nos são descritas. São escritos de alguém que observou a igreja no seu tempo e a descreveu como a encontrou e não como uma possibilidade.

Devido a dois registos que afirmam que a igreja de São Pedro foi bastante afetada pelo terramoto⁹⁴, pressupõe-se que a igreja tenha manifestado deteriorações que foram para além de uma única fissura na torre, e que se tenham estendido a outras partes da construção. Assim, a maioria das intervenções sete e oitocentistas foram realizadas entre os anos de 1755 e 1877, mesmo que estendendo-se possivelmente para além desta data).⁹⁵ Entre 1771 e 1877, encontram-se algumas das poucas referências dos manuscritos analisados (fonte primária) que constituem parte do arquivo da Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja paroquial de São Pedro. No livro de despesas que compreende os gastos no ano de 1771, três apontamentos remetem para intervenções realizadas: na sacristia grande, na capela do Santíssimo Sacramento e no que é descrito como “pátio encarnado.”⁹⁶ O facto de estar descrita nos registos como sacristia “grande” implica a existência de, pelo menos, outra divisão com a mesma funcionalidade e de menores

⁹³ MIRANDA, Tiago Costa Pinto – O Governo Português E A Companhia De Jesus No Quadro Da Aliança Com A Inglaterra: Desarranjos E Acomodações, 1993, p.254

⁹⁴ AAVV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

⁹⁵ Manuscritos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, encontrados na atual sacristia da igreja de São Pedro. (ver anexos)

⁹⁶ Possivelmente refere-se ao pátio, a cota superior que dá acesso ao último lanço de escadas que precede a entrada para o último piso da torre de raiz islâmica.

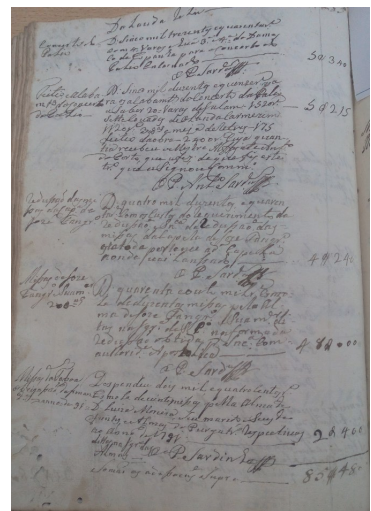
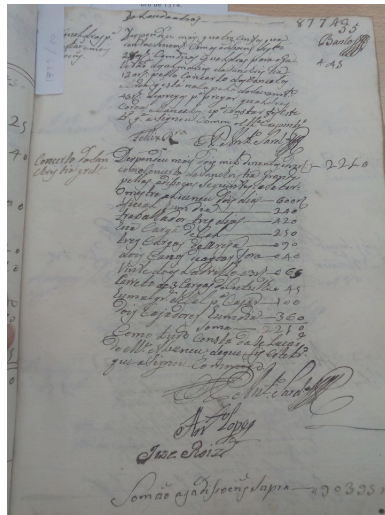
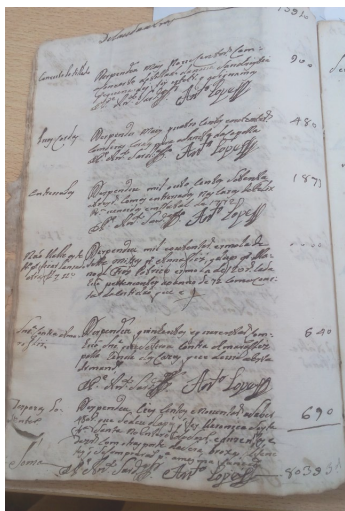
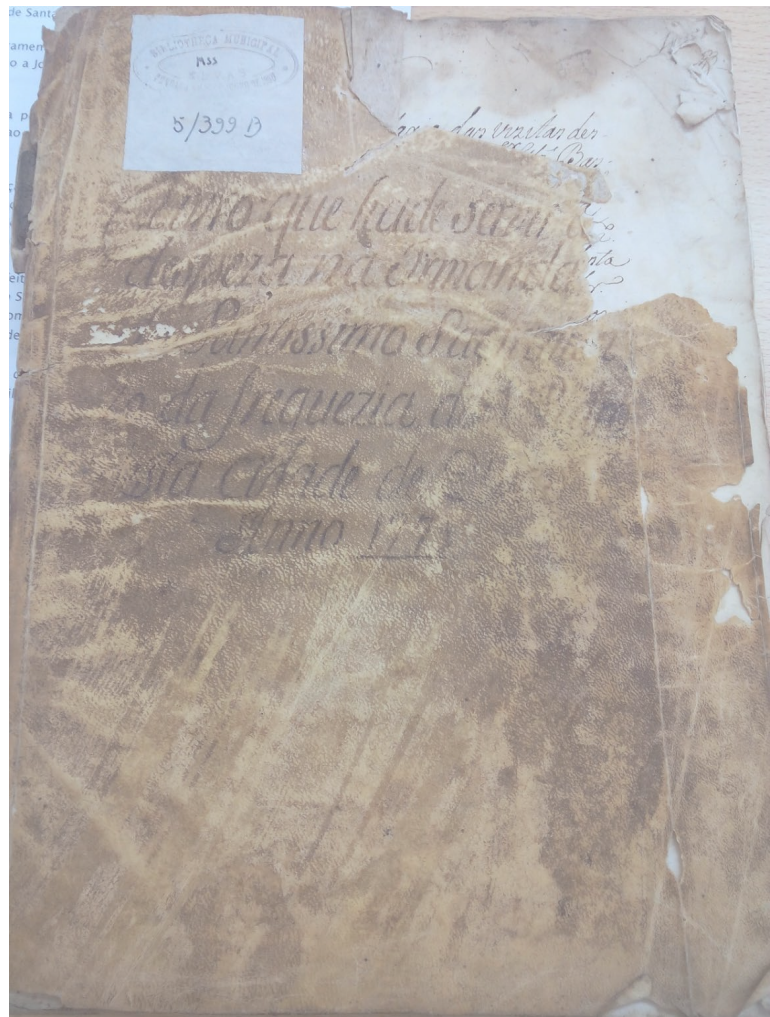


Figura 79 - Manuscritos encontrados na sacristia da Igreja de São Pedro, e que pertencem a um livro da Irmandade do Santissimo Sacramento de São Pedro, de 1771. (ver anexos)

dimensões – nomeadamente no espaço que atua, também, como acesso tanto ao “quarto do padre”⁹⁷ como ao pátio.

Identificaram-se, com base nos registos manuscritos da Irmandade, dois momentos de intervenção, um deles com maior importância e consequência no atual desenho da igreja de São Pedro.

As obras de maior intensidade, e que se encontram indiciadas em vários dos documentos e publicações recolhidos, foram realizadas na segunda metade do século XIX, pelo que na primeira metade do século XVIII não se encontram registos escritos de grandes intervenções, sendo apenas apresentado um restauro de alguns elementos.

A hipótese colocada como parte das alterações levadas a cabo nesta fase, porém, admite a introdução das capelas laterais no século XVIII e, como tal setecentistas. As capelas laterais do alçado sul surgem referidas pela primeira vez neste intervalo de tempo e, tendo em conta o restauro mencionado acima, é natural que tenham sido construídas na primeira metade do século XVIII, procurando, novamente, atualizar a linguagem e necessidades da igreja, mas agora no seu interior. A igreja incorpora então, três capelas laterais, duas das quais são completamente estucadas e trabalhadas em gesso, e a terceira uma obra totalmente realizada em mármore de Estremoz. Esta capela, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, situa-se do lado direito da igreja, no terceiro tramo, e possui de planta retangular. Antecedida por três degraus, e de arco abatido, abriga um retábulo em mármore, em tons rosados e cinzentos decorado com motivos vegetalistas. O trono presente na capela está rematado por um frontão curvilíneo assente sobre mísulas. A cobertura é de abóbada de berço, e o pavimento em mármore. A segunda das capelas laterais, e também situada do lado da Epístola, apresenta planta retangular e está decorada de modo exuberante com estuques de desenho elaborado. Pintados em tons de branco, azul, amarelo e vermelho, os elementos estucados procuram imitar o mármore e apresentam motivos vegetalistas. O seu retábulo está ladeado por colunas coríntias com o fuste de mármore cinzento, rematado com frontão que é interrompido por um medalhão central. Apresenta dois nichos rasgados nas paredes laterais, e dois óculos – que representam duas das poucas aberturas que a igreja apresenta. A terceira capela lateral, situada do lado do Evangelho⁹⁸, é a capela da Nossa Senhora da Paz, nome da santa que está assente no seu trono. Possui um arco de volta perfeita, assente

⁹⁷ Expressão usada por Graça Carvalho (única fonte oral recolhida), que toma conta da igreja de São Pedro, ao referir-se à divisão do segundo piso da torre sineira, onde atualmente se encontra ainda mobiliário referente a um quarto e um armário embutido no qual ainda se preservam registos da paróquia do século XX.

⁹⁸ Lado esquerdo da igreja, lado onde também se encontra o púlpito.



Figura 80 - Fotomontagem do alçado interior do lado do Evangelho



Figura 81 - Fotomontagem do alçado interior do lado da Epístola



Figura 82 - Frisos da fachada principal e da capela mor - ambos da mesma época de intervenção e que apresentam semelhanças de desenho.

sobre pilastras de secção quadrangular, e encontram-se novamente presentes elementos vegetalistas, mais concretamente nos seus capitéis. Esta capela é também estucada, pintada com cores e texturas que pretendem replicar o mármore.

A construção das capelas laterais, para além de acrescentar volumetria a sul, introduz neste objeto valor artístico que até então apenas se manifestava na cúpula ao gosto “clássico”.

Os restauros que se empreenderam nesta fase da intervenção centram-se em toda a fachada principal, possivelmente em 1877⁹⁹ e na parte da fachada a sul, que encerra as capelas laterais e a sacristia atual: “*A parte ao sul está na maior ruína.*”¹⁰⁰ Foram encontrados dois documentos, da mesma data, 12 de fevereiro de 1877, que providenciam orçamentos para trabalhos a efetuar na obra arquitetónica. Ambas as intervenções, que se assume terem ocorrido, são de grande encargo, e transfiguram formal e espacialmente o caso de estudo. O primeiro dos orçamentos encontrados remete para obras no telhado, abobadilho e revestimento da torre e respetivo muro – este último para colmatar a fenda mencionada em a *Revolução de Setembro*, no ano de 1876, consequência identificada do grande terramoto. O segundo orçamento, igualmente datado, é o mais curioso. Descreve a obra que é levada a cabo em paralelo com a do primeiro orçamento. Essa obra tem como objetivo a redução da pendente da cobertura que existia na altura: “*para dar menos ponto ao tilhado*”.¹⁰¹ Esta intervenção parece justificar uma alteração no perfil da igreja, que até esta data prevalece do crescimento da segunda fase com influências da construção mendicante. Com a redução da pendente dos mesmos, a perceção formal do edifício sofre alterações.

A fachada da igreja anterior ao século XVIII, e para a qual é são apresentadas duas propostas possíveis na segunda fase, não corresponde à fachada que atualmente encerra o corpo da igreja. O desenho presente do alçado nascente é atribuído a setecentos.¹⁰² A fachada perde o seu perfil basilical e apresenta-se agora mais larga, e mais baixa, já não contém a torre como elemento volumétrico legível (se alguma vez chegou a ser concluída), que apenas deixa a descoberto a pedra granítica que rematava a torre. O desenho curvilíneo do topo da fachada apresenta semelhanças de desenho com os motivos curvilíneos encontrados no trono da capela mor, dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Como indiciado pelo registo de orçamento de 1877, a cobertura da igreja

⁹⁹ Data inscrita na fachada: “R. – 1877.”

¹⁰⁰ MATTA, José Avelino da Silva e, *Anaes de Elvas*, 1937, p. 29 - descrição de 1859 que foi publicada pela primeira vez apenas anos mais tarde em 1915.

¹⁰¹ Manuscrito – orçamento – folha solta encontrada no Arquivo de Elvas, numa compilação de documentos referentes a despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Pedro (ver anexos)

¹⁰² KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Portalegre*, 1943, p.77-78

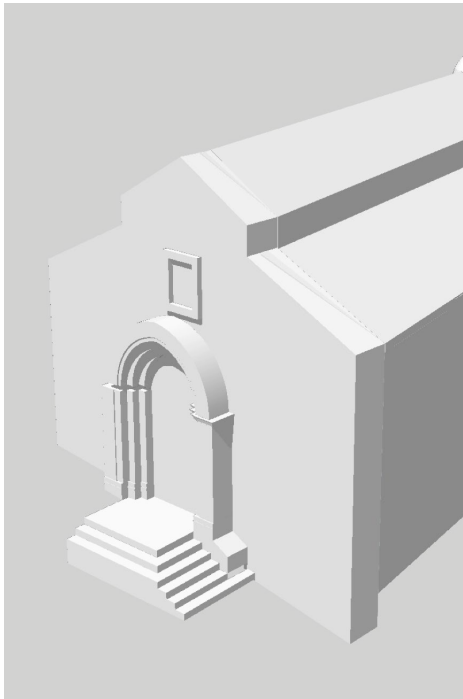


Figura 83 - Alçados das fases 2 e 4 (da esquerda para a direita) - A alteração no alçado ocorre em paralelo com a alteração da secção transversal da igreja de São Pedro

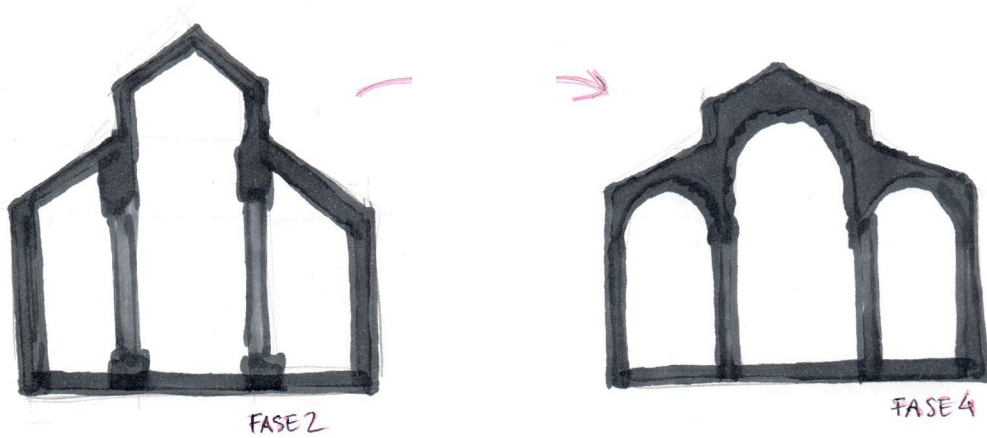


Figura 84 - Corte esquemático para ilustrar a alteração de secção decorrente das intervenções da fase 4, que alteraram a secção transversal de São Pedro

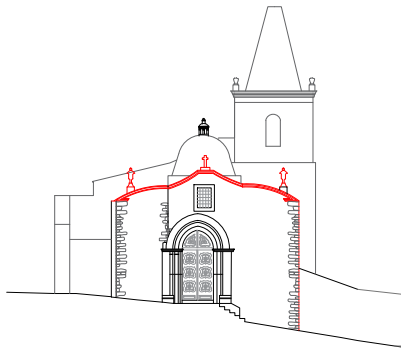
sofre alterações de pendente, facto que poderá ter influenciado a altura encontrada presentemente no caso de estudo.

Surge, fora dos registos das fontes primárias, uma indicação de que é entre 1817 e 1828 ¹⁰³ que o altar atual da igreja é construído. “(...) *mandou construir o altar atual, dando-lhe maior desenvolvimento, à custa da casa em que está depositado o primitivo altar (...)*”.¹⁰⁴ O intervalo de onze anos é apresentado como o mais provável para a construção do atual altar da capela mor, tendo em conta que o seu benfeitor, e uma das poucas figuras nominalmente associada a uma intervenção no objeto de estudo, o Bispo D. fr Joaquim de Menezes e Athaide, foi bispo de Elvas neste período de tempo. *A Revolução de Setembro* ¹⁰⁵, no qual figura o artigo que fornece esta informação, menciona ainda que o presente altar é, segundo o autor, de menor valor que o seu antecessor, e que o mesmo foi construído “à custa da casa em que está depositado o primitivo altar”. Parece, assim, indicar que uma das habitações adossada à igreja de São Pedro, viu as suas dimensões reduzidas devido ao aumento pretendido para a capela mor.

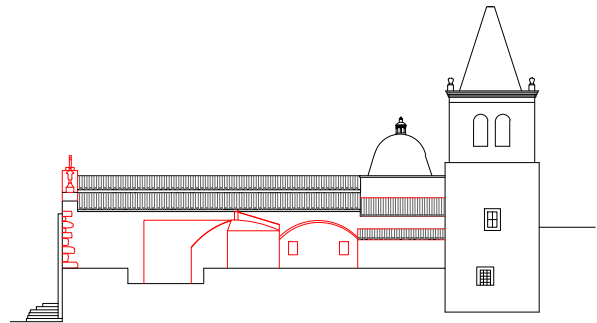
¹⁰³ AAVV - *Egreja de São Pedro em Elvas*, Revolução de Setembro, 1876

¹⁰⁴ Ibidem

¹⁰⁵ Ibidem



Alçado Poente



Alçado Sul

Figura 85

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Identificação de elementos da FASE 4 que se reconhecem no presente

■ Elementos da Fase 4

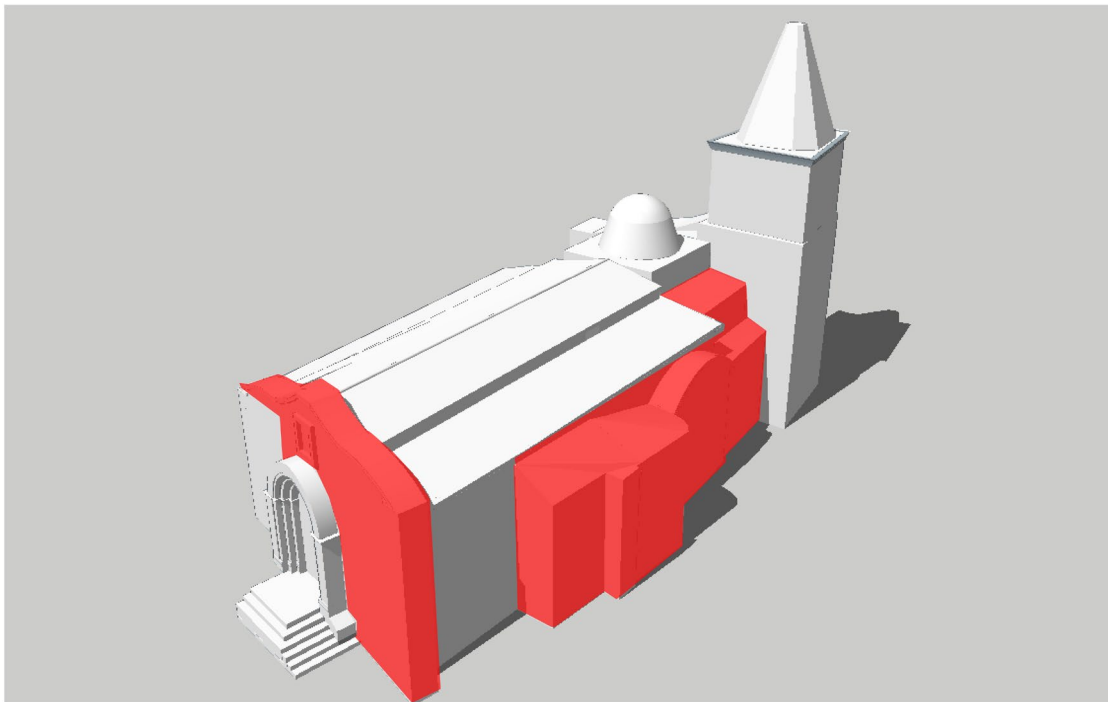
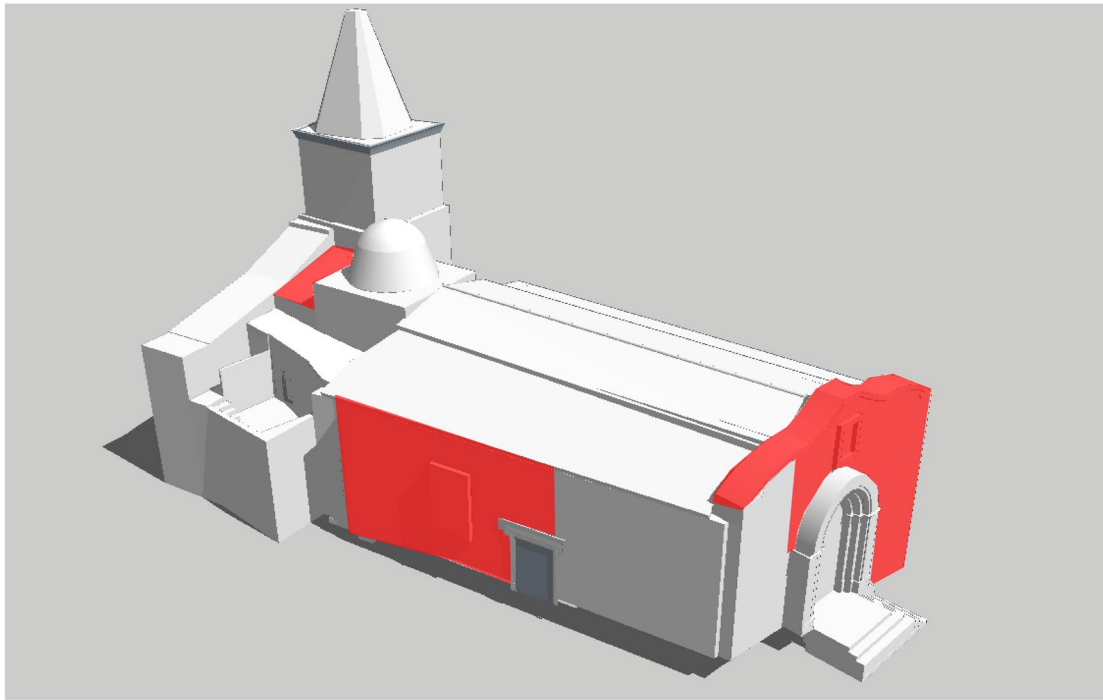


Figura 86 - Modelos 3D com a identificação dos elementos que se reconhecem no presente como pertencendo ao conjunto das intervenções lavadas a cabo na quarta fase

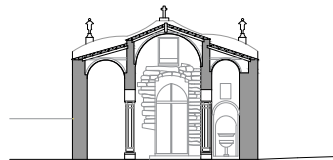
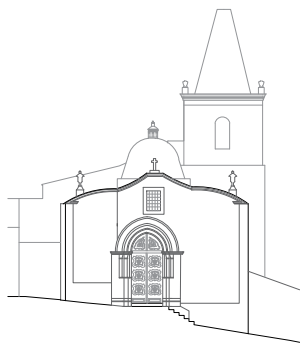


Figura 87

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Reconstituição hipotética em planta, corte e alçado de São Pedro na FASE 4

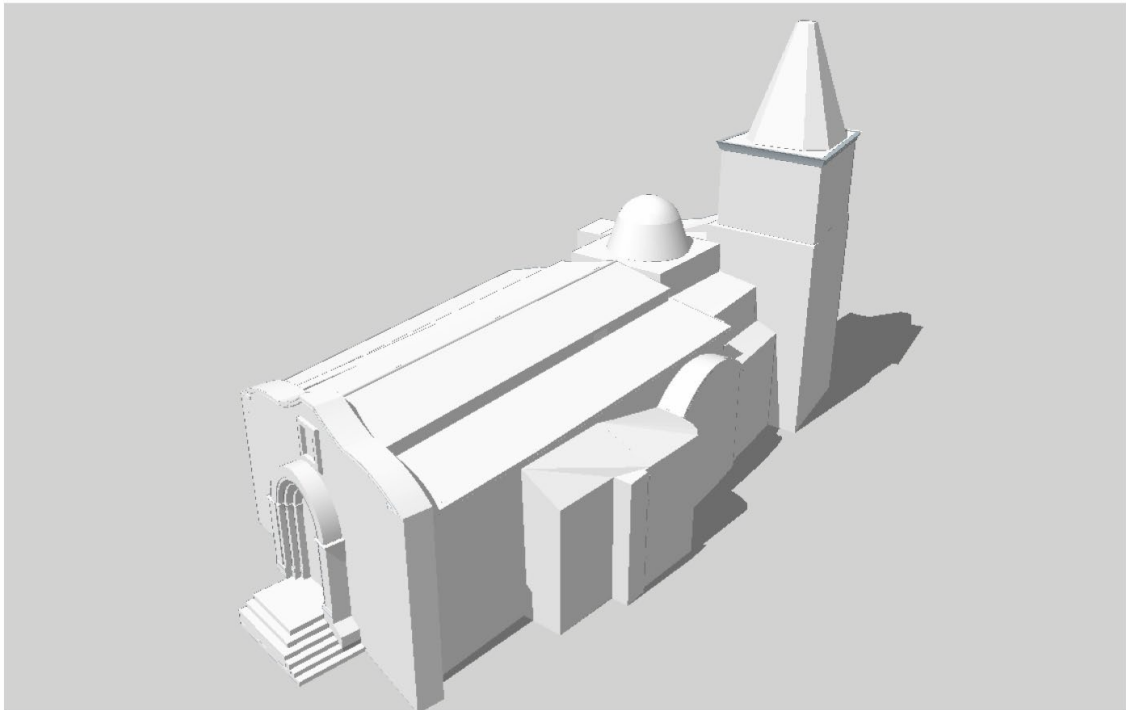
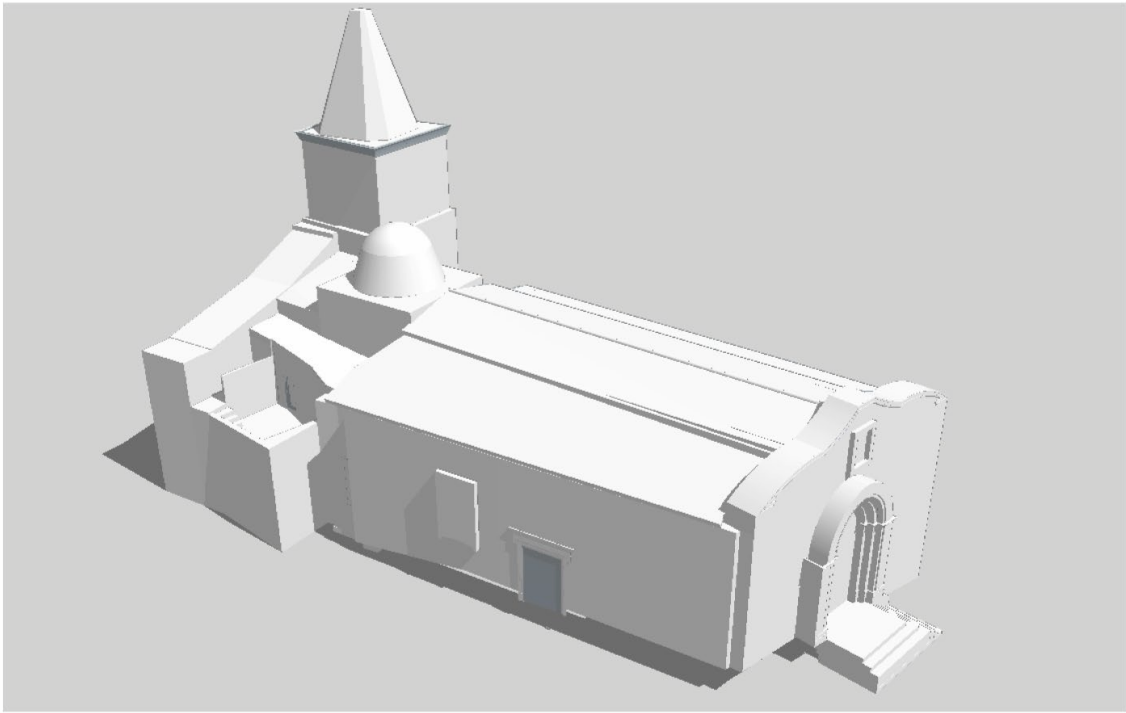
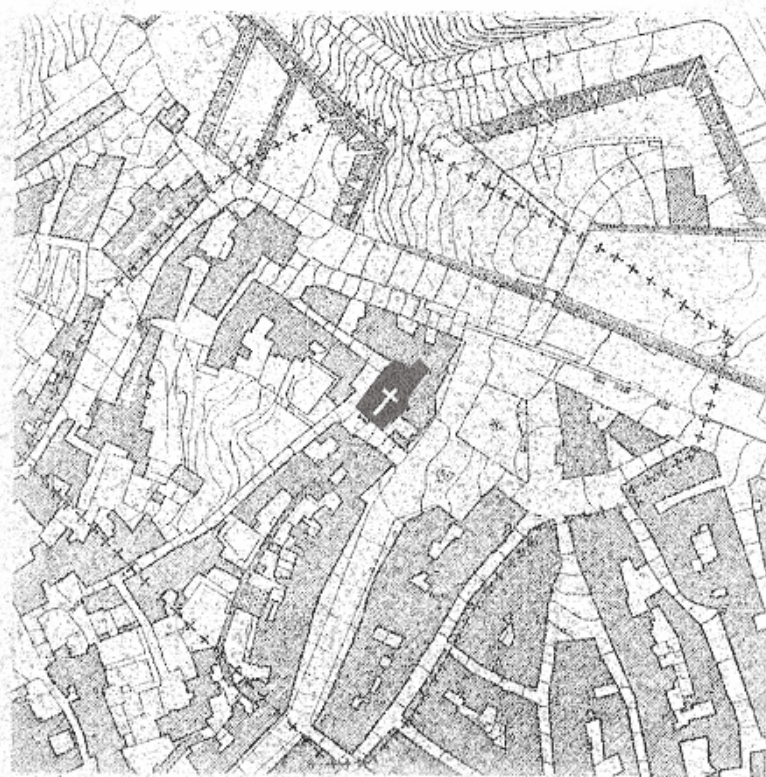


Figura 88 - Reconstituição tridimensional da igreja de São Pedro após as intervenções dos séculos XVIII e XIX

IGREJA DE S. PEDRO DE ILVAS
MONUMENTO NACIONAL
LIMITES DA ZONA DE PROTECÇÃO



LIMITES DA ZONA DE PROTECÇÃO - - - - -

0 5 10 20 30 40

Sistema de Informação

Figura 89 - Planta de implantação da Igreja de São Pedro em 1957 - documento do SIPA

DAS INTERVENÇÕES DA D.G.E.M.N.

O século XX em Portugal, e mais concretamente na área da arquitetura, é indissociável da ação protagonizada pela D.G.E.M.N. (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), instituição criada em 1929 com o intuito de reunir os serviços e obras em edifícios nacionais com valor patrimonial.¹⁰⁶

A última fase evolutiva identificada na igreja de São Pedro em Elvas engloba intervenções em curtos períodos de tempo compreendidos entre os anos de 1959 e 1986.¹⁰⁷

Os registos das alterações efetuadas no decorrer do século XX nada se assemelham à quantidade de informação disponível para as restantes fases evolutivas identificadas. Existe sobre este período de intervenções um apontamento mais completo e assertivo das modificações, uma vez que a entidade responsável pela maioria destas alterações foi a D.G.E.M.N.

Em 1959 foram empreendidos trabalhos de sondagem que culminaram com a remoção de vários elementos da construção existentes então. Procedeu-se, nomeadamente, à demolição dos tetos de fasquiado e abóbadas das naves da igreja e dos respetivos telhados; removeu-se uma *“verga do pórtico e coro-alto (...) e balaustrada do coro-alto”*¹⁰⁸.

O maior número de alterações levado a cabo neste século ocorreu entre os anos de 1960 e 1963, visando obras de restauro e conservação de elementos construtivos, bem como a reconstrução dos elementos demolidos nos trabalhos de sondagem de 1959. O objeto de estudo não sofreu alterações do ponto de vista volumétrico ou formal, as modificações empreendidas centraram-se maioritariamente em substituir elementos degradados, na colocação de degraus dentro do corpo do edifício e alterações de cotas (derivados da recolocação dos degraus). Procedeu-se à repavimentação das naves e execução do reboco das paredes interiores (ainda é possível perceber no seu estado atual que por baixo do reboco de cal, existiriam pinturas nas paredes da capela mor). As duas alterações de maior dimensão foram a construção dos telhados, demolidos então, e a remoção de alvenaria de modo a poder construir-se uma escada de acesso ao que era a antiga torre que em tempos ocupou parte da fachada.

¹⁰⁶ Neto, M.J.B. - *A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Intervenção no Património Arquitectónico em Portugal*, 1999

¹⁰⁷ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1858 [consultado a 10/07/2019]

¹⁰⁸ *ibidem*

“O país inteiro acordou hoje a tremer com a própria terra que tremia e com o pânico suscitado pelo maior abalo sísmico verificado em Portugal desde há (pelo menos) 70 anos (...)”¹⁰⁹

À semelhança do que sucedeu na segunda metade do século XVII, o país foi assolado por um novo abalo sísmico em 28 de fevereiro de 1969. O tremor foi sentido com particular intensidade no sul do país e Elvas não constituiu exceção. A igreja de São Pedro vê-se novamente afetada por um acidente de causas naturais que deixa para trás danos não especificados. Não se encontram registos de que nos primeiros anos que sucederam o abalo se tenham levado a cabo trabalhos de intervenção no edifício.

Seis anos após o terramoto, em 1975, os telhados dos anexos são reconstruídos.¹¹⁰ Devido ao estado ruinoso em que se encontravam, procedeu-se à reparação de tábuas dos tetos das naves e de uma fissura na parede lateral de uma das mesmas. Estas últimas intervenções possivelmente derivaram do sismo, tendo em conta o curto espaço de tempo entre os dois eventos.

As últimas alterações de que se encontra registo remontam aos anos de 1979 e 1985. Em nenhuma destas datas se tornou a intervir no interior do objeto arquitetónico – pelo menos não de modo a influenciar a forma e características que se encontram hoje presentes. Destacam-se intervenções realizadas no exterior e envolvente do edifício, e não no objeto arquitetónico em concreto. O terraço, possivelmente o que antecede o acesso ao último piso da torre sineira, foi alvo de obras de conservação em 1979, sendo que em 1985 se construiu uma instalação sanitária de apoio ao edifício (adossada ao terraço reparado). Ainda neste último ano se realizou uma intervenção em toda a instalação elétrica do edifício.

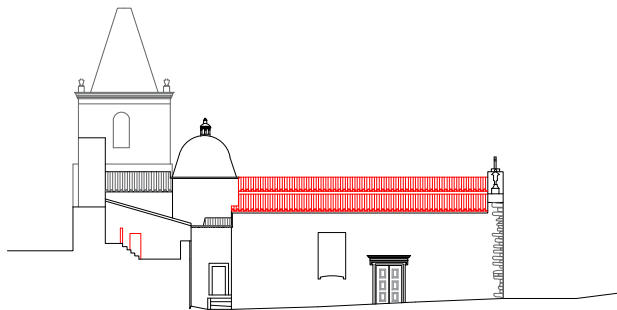
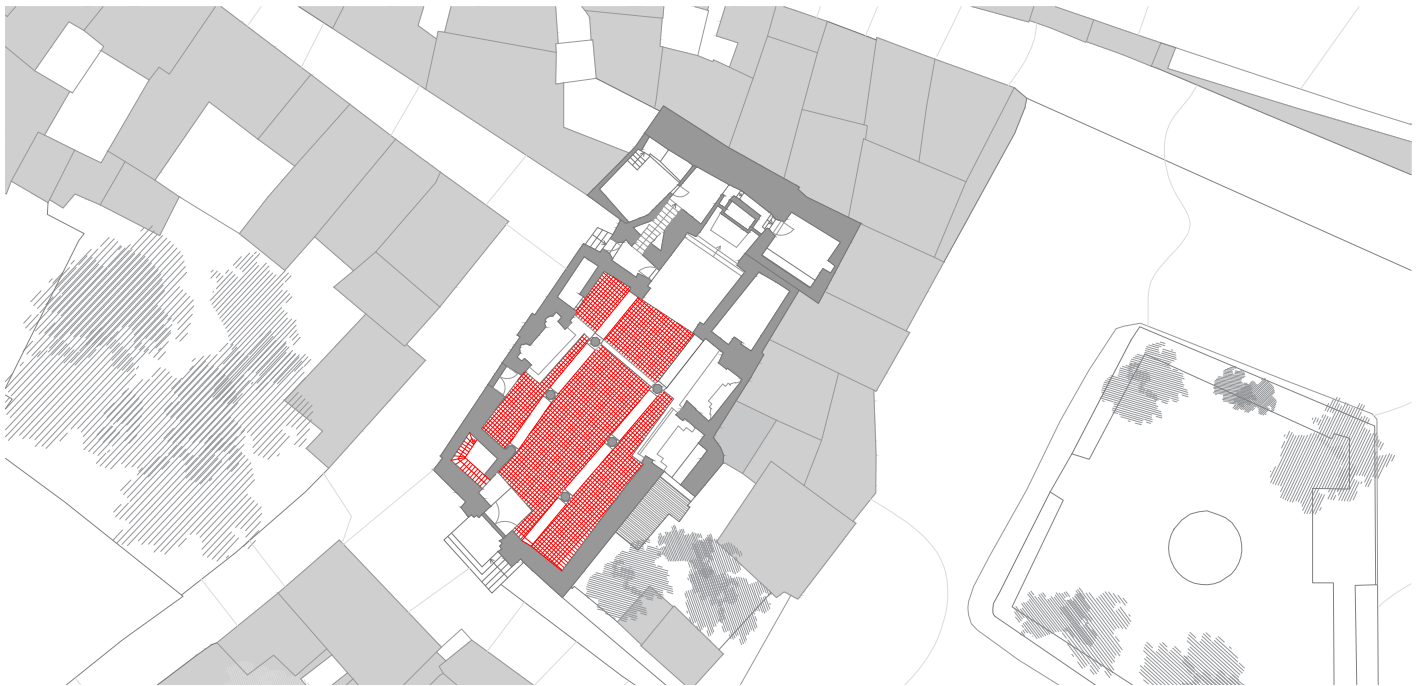
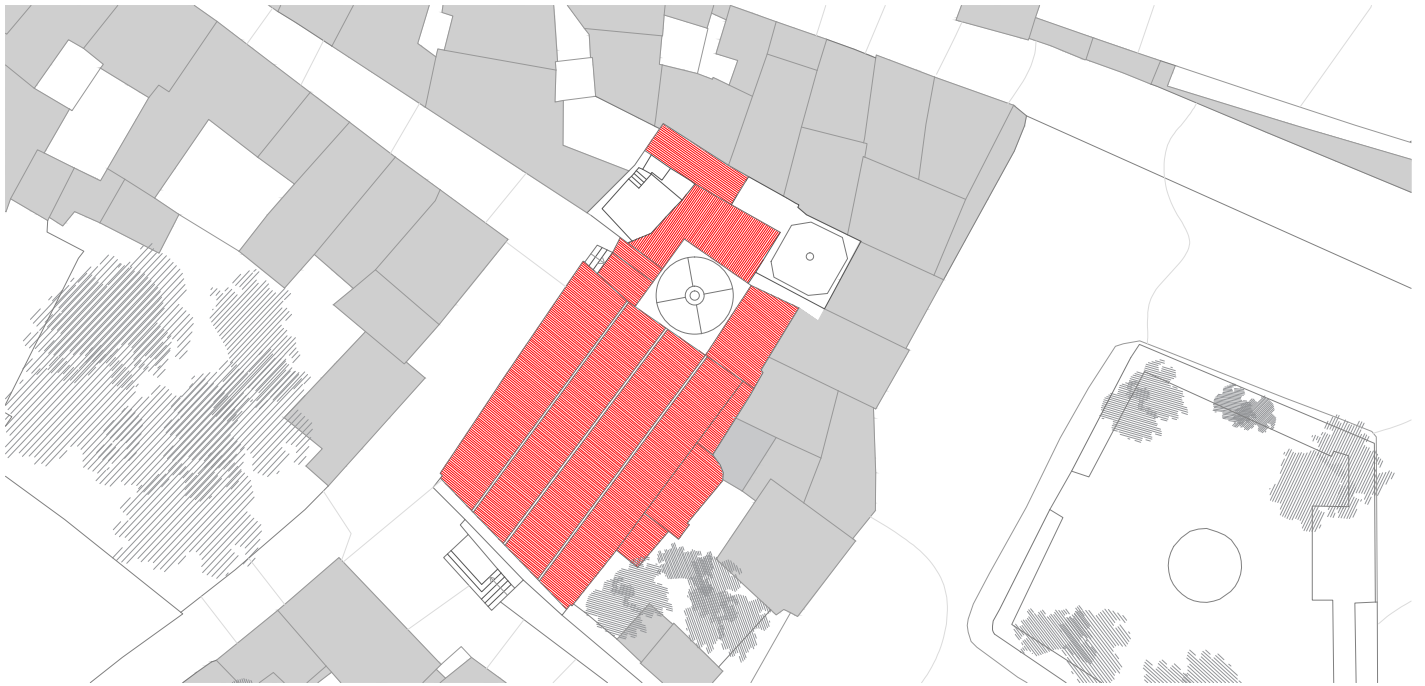
Após esta data, não existe mais nenhuma intervenção datada. Sabe-se, por fontes orais, que os habitantes da freguesia substituíram os mosaicos cerâmicos do quarto tramo da igreja – quando estes se encontravam desgastados - e que renovaram a pintura das paredes tanto das naves como da capela mor (intervenção que foi realizada com tinta plástica, e mais tarde substituída pela tradicional pintura com cal). A data destas alterações é desconhecida e até ao presente nada mais foi concretizado no edifício.

A existência destes registos mais recentes dos trabalhos efetuados em São Pedro no decorrer do século XX são da maior importância para a compreensão do edifício não só no próprio século, mas como registo dos elementos que estavam presentes na igreja antes das intervenções da

¹⁰⁹ Diário de Lisboa, sexta dia 28 de fevereiro de 1969 (figura 90)

¹¹⁰ Esta informação chega até aos dias de hoje a partir do registo encontrado no site dos Monumentos, cuja cronologia lista as intervenções levadas a cabo após o terramoto.

D.G.E.M.N. Ao contrário das fases anteriores, em que as hipóteses colocadas são especulativas, nesta quinta fase do edifício há registos concretos que resultam de um extenso trabalho de reparações levado a cabo não só na igreja de São Pedro, mas também a nível nacional.



Alçado Norte

Figura 93

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Identificação de elementos da FASE 5 que se reconhecem no presente

■ Elementos da Fase 5

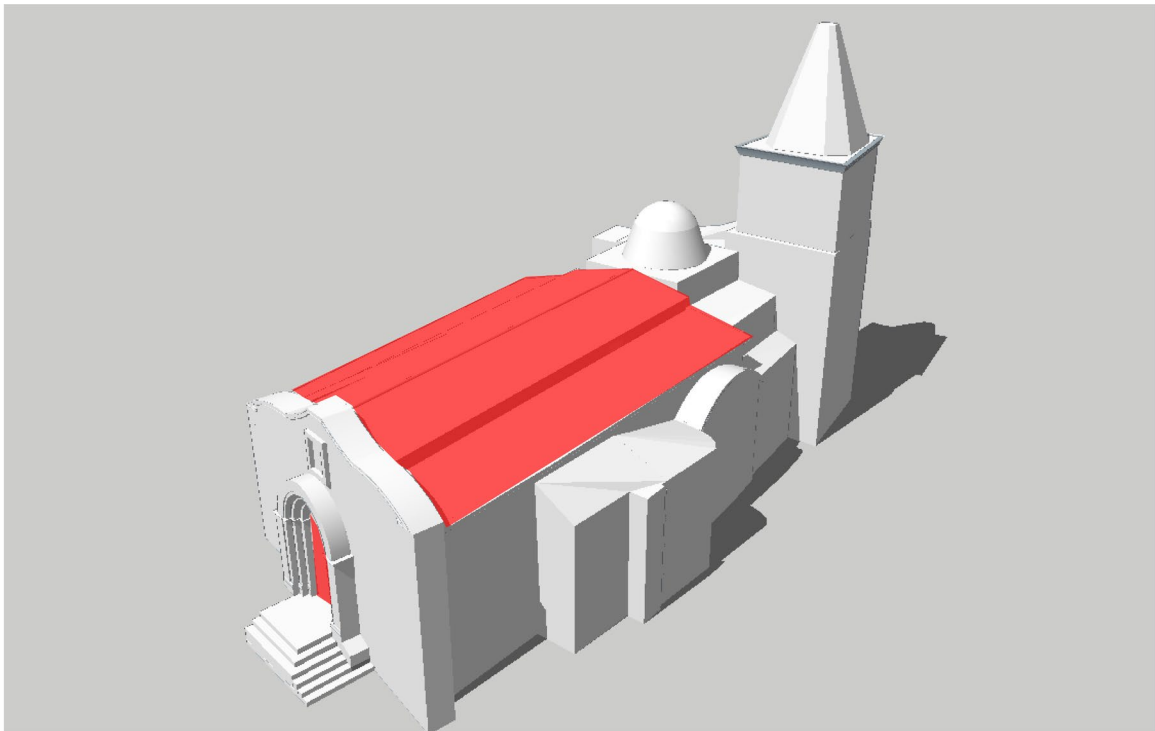
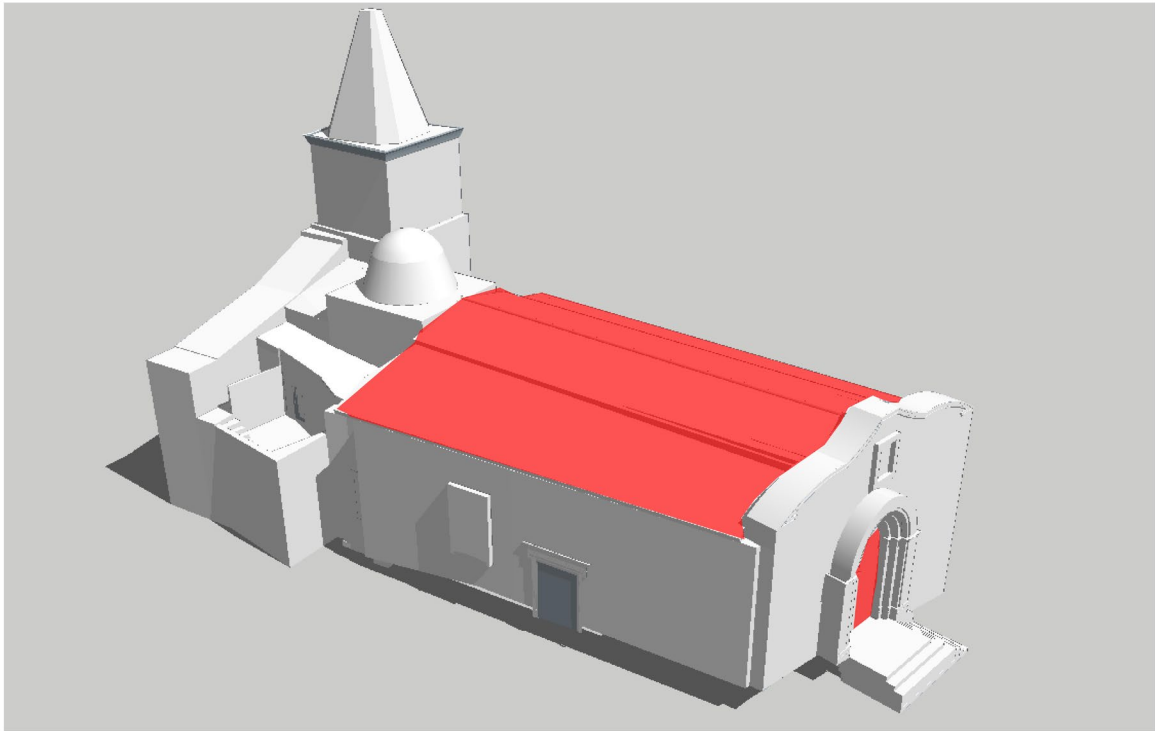


Figura 94 - Modelo 3D em que se identificam os elementos da quinta fase de intervenções e que ainda se encontram presentes nos dias de hoje

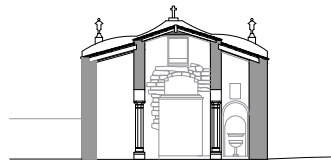
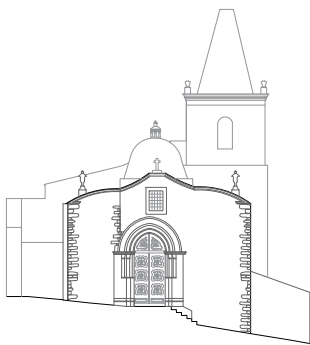


Figura 95

IGREJA DE SÃO PEDRO



ESCALA 1:500

Reconstituição hipotética em planta, corte e alçado de São Pedro na FASE 5

SÍNTESE CRONOLÓGICA

Finalizada a reconstituição das fases pode constatar-se que do século XIII poucos elementos chegam ao presente, sendo a base da torre e o portal principal os únicos a permanecer. A segunda fase revelou-se essencial para estabelecer um modelo espacial, o modelo de corte basilical, mendicante, que estabeleceu a base para a organização espacial que hoje se encontra no caso de estudo. Do terceiro período de intervenções mantêm-se todos os elementos construídos, do século XVII, responsáveis pelo novo porte da igreja de São Pedro e pela perceção do objeto no contexto da cidade. Os volumes acrescentados nesta fase mantêm-se atualmente com pouca intervenção, encontrando-se praticamente intocados. A quarta campanha de obras introduziu alterações significativas no conjunto, sendo responsável pelo aumento do número de capelas, que enriquecem o seu interior, e pela nova imagem dos alçados nascente e sul. Esta fase é também responsável por um grande número de elementos construídos remanescentes até à atualidade.

A última fase agrega o conjunto de intervenções levadas a cabo pela D.G.E.M.N, resultando maioritariamente de obras realizadas após 1969, tendo em vista a conservação da Igreja de São Pedro.

A conclusão da análise e reconstituição de cada fase, individualmente, resulta na compilação das mesmas num conjunto de imagens capazes de sintetizar e ilustrar os estratos existentes e a evolução da igreja de São Pedro.

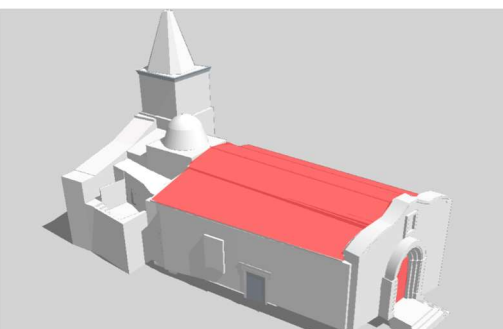
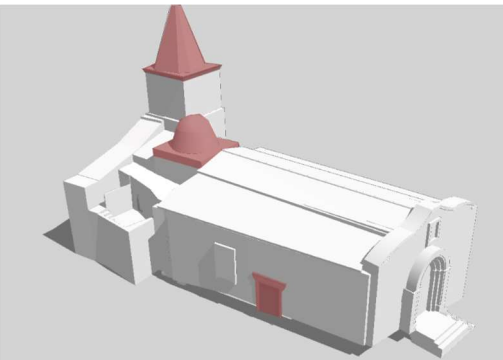
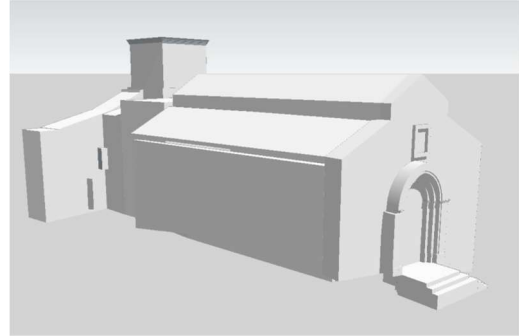
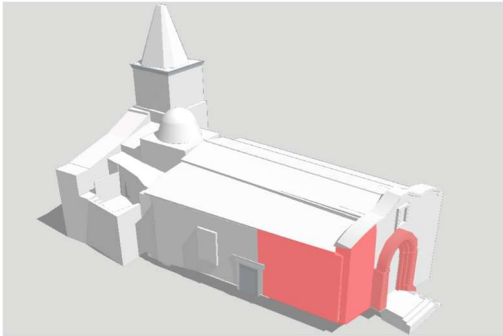
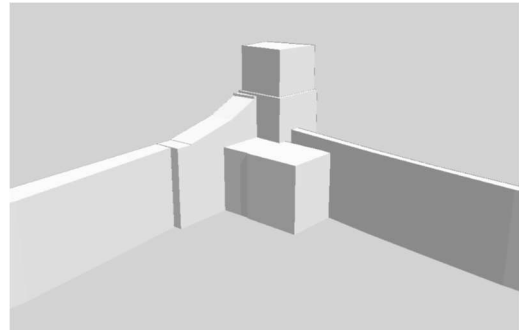
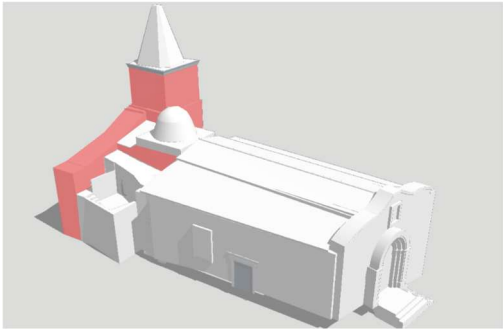


Figura 96 - Síntese dos elementos encontrados no presente de cada fase construtiva identificada

Figura 97 - Síntese das reconstituições do objeto e que permitem uma leitura cronológica da sua evolução

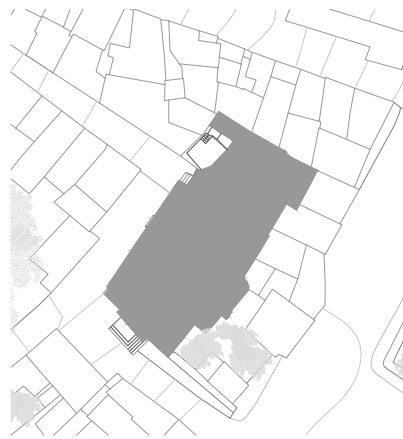
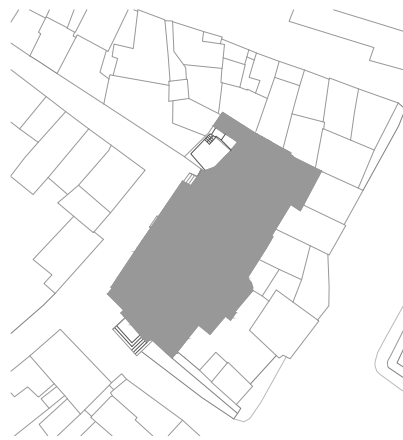
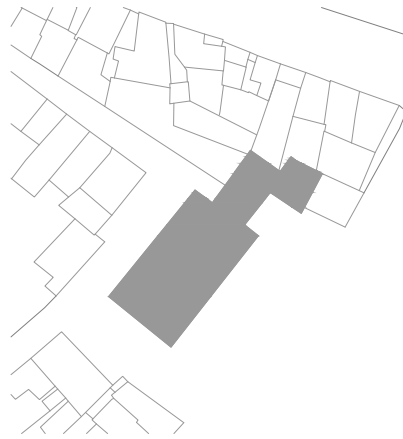
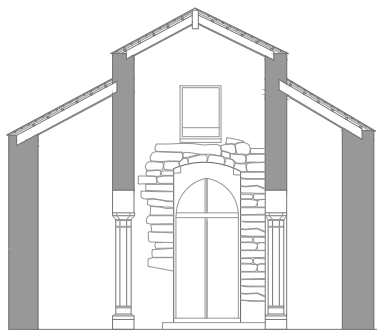
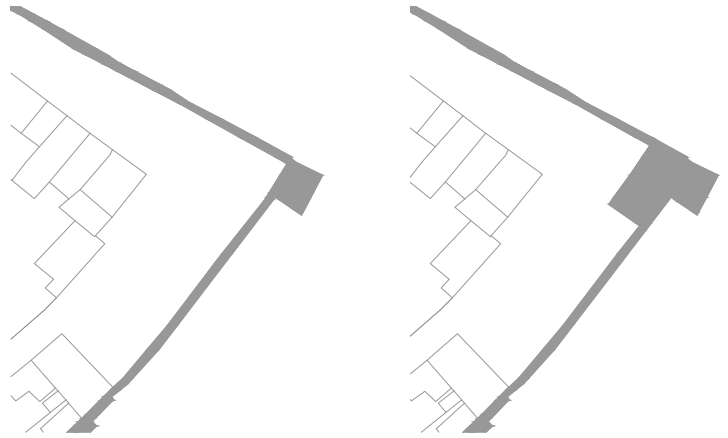
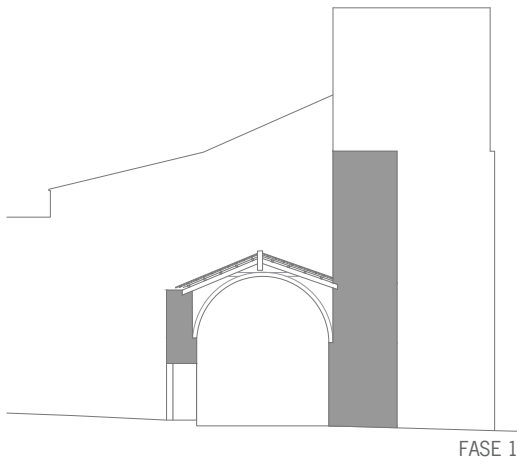


Figura 98
 IGREJA DE SÃO PEDRO ESCALA 1:250
 Evolução do objeto de estudo em corte_ FASES 1, 2, 4 e 5

ESCALA 1:1000
 Esquema da evolução do objeto de estudo em planta_ FASES 1, 2, 4 e 5

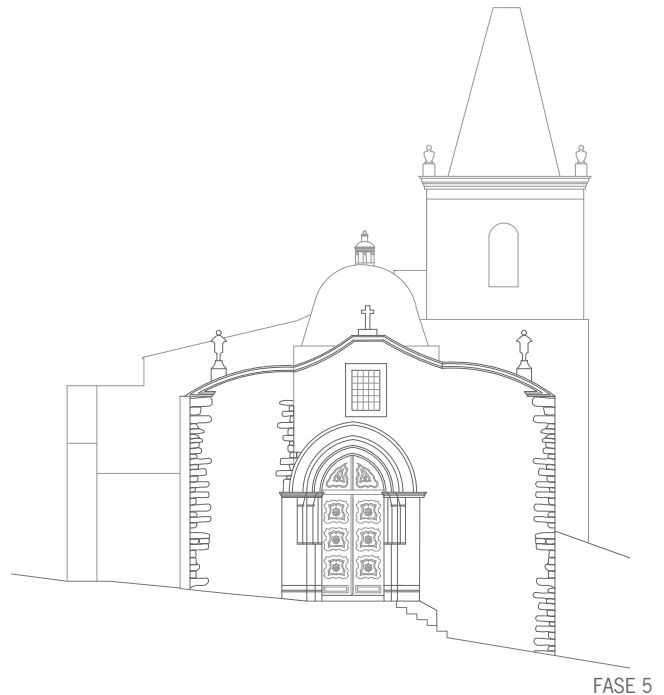
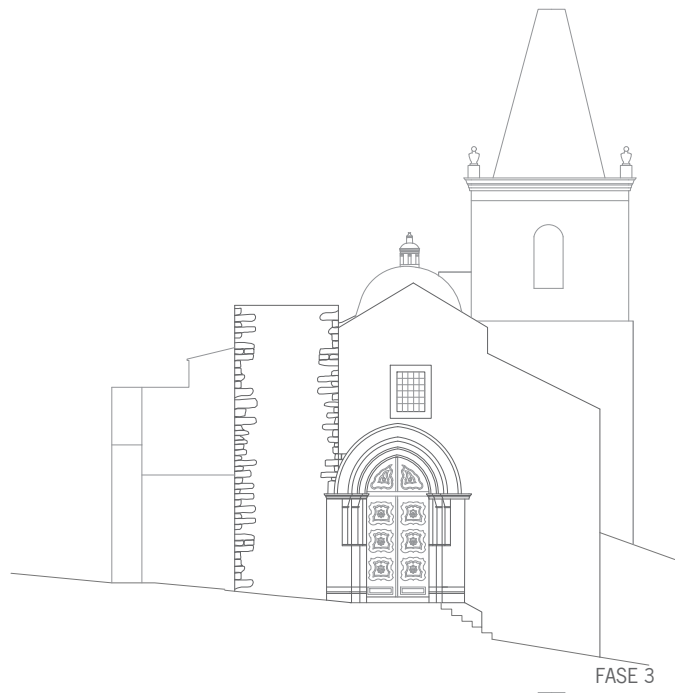
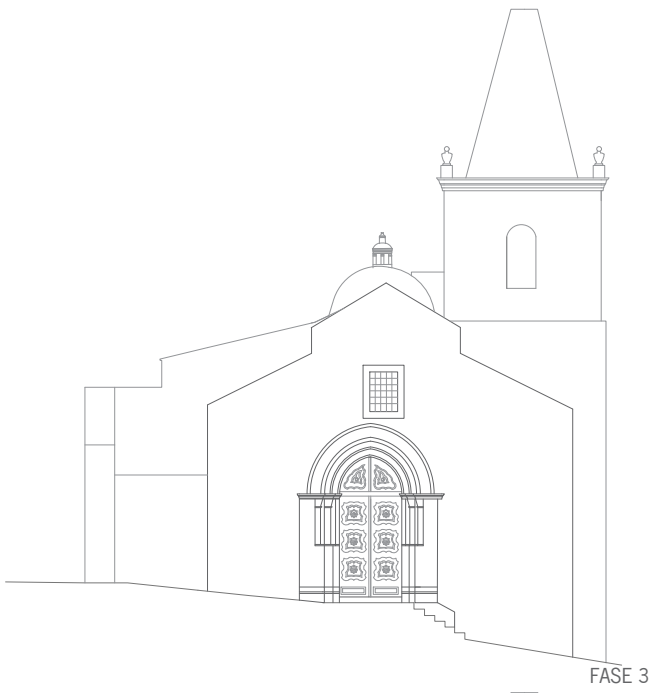
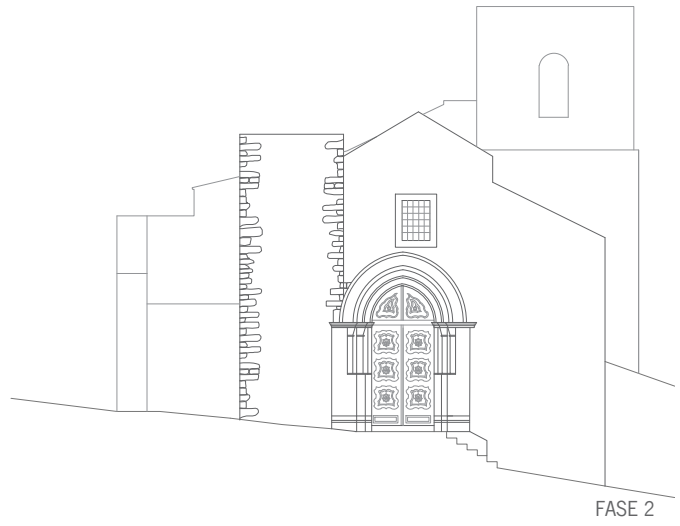
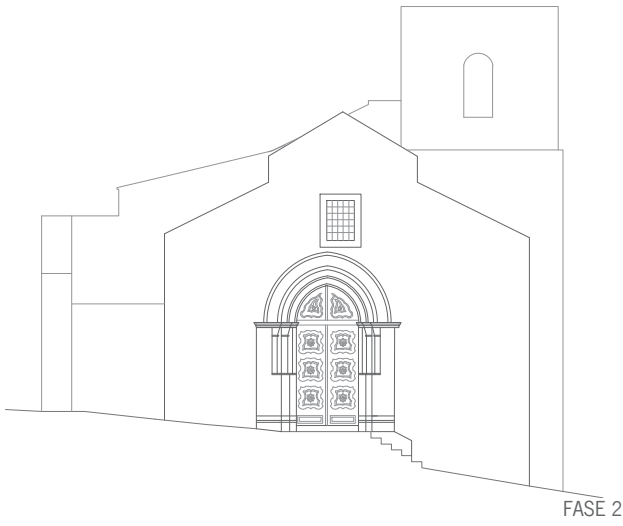


Figura 99
IGREJA DE SÃO PEDRO
Evolução do alçado nascente do objeto de estudo_ FASES 2, 3 e 4

ESCALA 1:250

3 | PARA UMA INTERPRETAÇÃO DA IGREJA DE SÃO PEDRO

Igrejas	
Distrito de Vianna	
Caminha — Igreja matriz de Caminha.	
Ponte da Barca:	
Igreja de Bravães.	
Igreja de Ponte da Barca.	
Vianna do Castello:	
Igreja de S. Claudio.	
Igreja de Santa Cruz.	
Distrito de Braga	
Povoa de Lanhoso — Igreja de Fonte Arcada.	
Barcellos — Igreja de Villar de Frades.	
Guimarães:	
Igreja de S. Miguel do Castello.	
Igreja de Nossa Senhora da Oliveira.	
Igreja de S. Domingos (claustro).	
Igreja de S. Martinho de Candoso.	
Distrito de Villa Real	
Montalegre — Igreja de S. Vicente da Chã.	
Distrito de Bragança	
Bragança — Igreja de Castro de Avellãs.	
Miranda — Igreja de Miranda (antiga Sé).	
Freixo de Espada-à-Cinta — Igreja de Freixo de Espada-à-Cinta.	
Torre de Moncorvo — Igreja matriz de Moncorvo.	
Distrito do Porto	
Povoa de Varzim — Igreja de S. Pedro de Rates.	
Villa do Conde:	
Igreja de S. Christovam de Rio Mau.	
Igreja matriz de Villa do Conde.	
Igreja de Santa Clara (1. ^a), comprehendendo os tumulos, designadamente os dos fundadores D. Afonso Sanches e D. Teresa Martins.	
Igreja de Azurara.	
Santo Tirso — Igreja de Roriz.	
Amarante — Igreja de S. Gonçalo, comprehendendo o claustro.	
Paredes — Igreja de Cetto.	
Penafiel:	
Igreja parochial de S. Martinho.	
Igreja de Paço de Sousa, comprehendendo o tumulo de Egas Moniz.	
Maia — Igreja de Aguas Santas.	
Porto:	
Igreja de S. Martinho de Cedofeita.	
Igreja dos Clerigos, designadamente a sua torre.	
Igreja de Santa Clara (2. ^a).	
Igreja de S. Francisco (1. ^a).	
Gaia — Igreja da Serra do Pilar.	
Distrito de Aveiro	
Aveiro — Igreja das Carmelitas.	
Aguada — Igreja da Trofa, comprehendendo os tumulos dos Lemos.	
Distrito de Viseu	
Lamego — Igreja de Santa Maria de Almacave.	
Resende — Igreja matriz de Carquere.	
Distrito da Guarda	
Villa Nova de Fozcoa — Igreja matriz de Villa Nova de	
Igreja de S. Vicente de Fora.	
Igreja (incompleta) de Santa Engracia.	
Igreja de S. Roque.	
Igreja de Chellas.	
Alcochete — Igreja de Alcochete.	
Setubal:	
Igreja de S. Tiago de Palmella, comprehendendo o tumulo de D. Jorge de Lencastre.	
Igreja do antigo mosteiro de Jesus.	
Igreja matriz de S. Julião.	
S. Tiago de Cacem — Igreja matriz de S. Tiago.	
Distrito de Portalegre	
Portalegre — Igreja de S. Bernardo, comprehendendo o tumulo de D. Jorge de Mello.	
Crato — Igreja de Flor da Rosa (ruinas), comprehendendo o tumulo de D. Alvaro Gonçalves Pereira.	
Elvas:	
Igreja, antiga Sé de Elvas.	
Igreja de S. Pedro.	
Igreja dos Dominicos.	
Igreja das Dominicicas.	
Distrito de Evora	
Evora:	
Igreja de S. Francisco (2. ^a).	
Igreja dos Loios, comprehendendo as campas de bronze.	
Igreja de Nossa Senhora do Espinheiro.	
Igreja da Cartuxa («Scala coeli»).	
Vianna de Alentejo — Igreja matriz de Vianna.	
Distrito de Beja	
Serpa — Igreja de S. Francisco (3. ^a).	
Castro Verde — Igreja das Chagas do Salvador.	
Mertola — Igreja matriz de Mertola.	
Distrito de Faro	
Tavira — Igreja parochial de Santa Maria.	
Capellas	
Distrito de Vianna	
Melgaço — Capella de Nossa Senhora da Orada.	
Distrito de Braga	
Braga — Capella de Nossa Senhora da Conceição (1. ^a).	
Distrito de Villa Real	
Villa Real — Capella de S. Brás (1. ^a), comprehendendo o tumulo de Teixeira de Macedo.	
Distrito de Aveiro	
Ihavo — Capella da Vista Alegre, comprehendendo o tumulo de D. Manuel de Moura Manuel, bispo de Miranda.	
Distrito de Coimbra	
Cantanhede — Capella de Varziella.	
Distrito de Leiria	
Leiria — Capella de S. Pedro.	
Alcobaga:	
Capella de S. Jorge (Aljubarrota).	
Capella de Nossa Senhora do Desterro.	

Figura 100 - Excerto do Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 junho 1910, onde foi publicada a classificação da Igreja de São Pedro de Elvas a Monumento Nacional

A igreja de São Pedro de Elvas foi classificada como Monumento Nacional, e assim definida pela lei Imóvel de interesse público, pelo decreto de lei Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 junho 1910.

“Um bem considera-se de interesse nacional quando a respetiva proteção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação, sendo que para os bens imóveis classificados como de interesse nacional, sejam eles monumentos, conjuntos ou sítios, adotar-se-á a designação monumento nacional”.¹¹¹

O património edificado estabelece uma relação com a memória e com o tempo. As obras do passado podem ser convertidas em testemunho da história e da evolução construtiva. O edificado pode elevar-se à condição de monumento, tendo em conta a sua preservação e reconhecimento, na “manutenção da identidade”. Relativo ao monumento arquitetónico, no caso desta investigação a igreja de São Pedro, coloca-se em perspetiva, mais do que a sua função tipológica, o porquê do seu valor e a causa da sua insubstituibilidade, ambas questões pertinentes para a sua interpretação enquanto objeto edificado de valor patrimonial. Esta interpretação consiste, portanto, na preservação e salvaguarda do estado atual do conhecimento sobre São Pedro de Elvas, que suporta a memória e identidade do mesmo.

São Pedro de Elvas é sinónimo de herança e de história. Com uma história que atravessa nove séculos, que foi documentada e interpretada na presente dissertação, este edifício merece ser discutido enquanto monumento da cidade. É certo que tem sido relegada para um plano secundário de interesse e “sem notabilidade alguma antiga”¹¹², mas não pode ser esquecida na compreensão da sua envolvente nem na procura constante para se atualizar e responder ao avanço dos tempos. São Pedro não foi um projeto gestual e único, sem evolução, cuja construção e forma derivam apenas de um período temporal que é constantemente mantido e recuperado. O real valor do objeto de estudo reside na agregação de elementos singulares na sua volumetria e que conformam a sua espacialidade. O edifício em questão proporciona um entendimento da cidade que não se restringe apenas a uma época, mas sim a uma narrativa que atravessa quase todo o período de existência de Portugal. Por si só a Igreja de São Pedro é de enorme importância para Elvas e um dos fatores de distinção territorial que conserva marcas de outras épocas e que incita à procura de respostas. Este monumento nacional integra os “grupos de construções

¹¹¹ DGPC, Secretariado do Estado da Cultura. <[Http://www.patrimoniocultural.pt](http://www.patrimoniocultural.pt)>. [consultado a 10/08/2019]

¹¹² MATTA, José Avelino da Silva e, *Annaes de Elvas*, 1937, p. 29

isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência”.¹¹³

Apesar do estado atual de conservação do edifício, no qual se denotam patologias relacionadas com a humidade, mas que no geral se demonstra bem cuidado, é possível que, num futuro ainda distante, volte a sofrer intervenções (ainda que não de grande porte). Foi, portanto, da maior relevância desenvolver um conjunto de indicações, sustentadas pela investigação levada a cabo nesta dissertação, que valorizem a obra em estudo e as suas características arquitetónicas. A história da igreja de São Pedro é singular em vários aspetos, e é necessário atribuir a devida importância a cada elemento, bem como situá-lo no seu contexto histórico e construtivo. A interpretação da importância desses elementos, que são introduzidos na construção do templo em intervalos temporais distintos, é subjetiva, mas essencial na compreensão do objeto arquitetónico em estudo. Torna-se necessário valorizar os elementos ou características que, na igreja de São Pedro, se tornaram uma permanência e que chegaram praticamente intactos à atualidade. Destacam-se particularmente os três primeiros momentos construtivos, referentes aos séculos XIII, XIV-XVI e XVII. Apesar da construção iniciada aquando da tomada da cidade aos mouros não representar um elemento particularmente memorável – até porque é uma fase bastante difícil de reconstituir – a sua implantação, uma permanência na narrativa da obra, é um dos elementos que introduz valor na sua interpretação.

“Devíamos agora questionar (...) a importância relativa do sítio, da malha, do programa, do método, do tempo, etc.”¹¹⁴

Como já foi amplamente referido no subcapítulo correspondente à primeira fase do processo evolutivo, a torre sineira atual corresponde a uma das torres da segunda cerca de muralhas de Elvas islâmica. A questão da implantação junto, e adossado a parte da cintura de muralhas, é um dos componentes da análise que a transforma e que estabelece o posicionamento da mesma face à cidade. Se esta justaposição se deveu apenas à falta de recursos na época ou de uma decisão intencional, não é possível saber em concreto. No entanto, e considerando a atividade construtiva e arquitetónica que se desenvolve no contexto regional em que está inserida, é possível que a agregação tenha sido, também, intencional.

¹¹³ Em 1972, reunida em Paris, a Unesco aprovou a Convenção sobre a Salvaguarda do Património Mundial, Cultural e Natural. A convenção definiu como património cultural. UNESCO. Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. 1972

¹¹⁴ PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa: Da Estética Barroca ao fim do Classicismo*, 2008, p.60 - 61

*“(...) a impressão provocada pela implantação do templo (...) seria decerto fortíssima, pelo contraste que introduziria face às construções circundantes. Em meio urbano o templo seria frequentemente o mais importante edifício em pedra – frequentemente complementado por uma estrutura defensiva, fosse castelo, muralha ou simplesmente torre (...)”.*¹¹⁵

A estrutura defensiva a que é agregada o “altar” inicial de São Pedro, está estrategicamente posicionada na proximidade de uma das portas da cidade, local onde até aos dias presentes, e tendo sofrido dois momentos de intervenção, permanece uma das entradas da cidade abaluartada.

“É ambígua a relação entre a cidade como um todo, a individualidade dos componentes e a importância relativa de cada um na leitura do todo. (...) A experiência acumulada na prática da intervenção e defesa do património edificado, tem vindo a demonstrar que a simples mudança de materiais, técnicas, cores ou texturas nos edifícios, altera de forma substancial a imagem e o carácter do espaço urbano.”¹¹⁶

A implantação de São Pedro não é a única característica que percorreu toda a sua história. O portal da entrada principal, em granito, destaca-se como um dos elementos mais antigos na construção, e também dos mais cenográficos. O portal em arco quebrado, não muito apontado, com arquivoltas, é marca da primeira fase construtiva de São Pedro, que estabeleceu as fundações para o edifício que reconhecemos hoje.

Dentro do que representavam os edifícios religiosos da cidade, tinham semelhante destaque as igrejas isoladas, como é o caso da igreja de São Pedro de Elvas, e os complexos conventuais. A sua importância em termos urbanísticos deve-se, essencialmente, ao facto de serem elementos capazes de atuar como polos de atração e de densificação do tecido da urbe, manifestando-se como importantes a sua massa e volumetria.¹¹⁷ No caso do objeto de estudo, a importância que a igreja poderia representar, após o seu crescimento na segunda fase, devia-se à escala mais reduzida da restante edificação da cidade e à proeminência da torre da antiga muralha.

“(...) a especulação fundiária (...) foi quase exclusivamente baseada nas iniciativas das Ordens religiosas. Implantaram preferencialmente os seus edifícios principais num local bem servido de

¹¹⁵ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O Mundo Românico*, 2007, p.33

¹¹⁶ Idem, *História da Arte Portuguesa: Da Estética Barroca ao fim do Classicismo* 2008, p.60 - 61

¹¹⁷ Ibidem, p.80

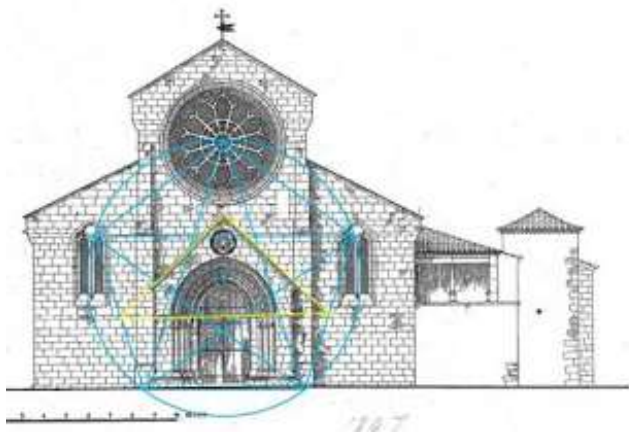


Figura 101 – Fachada (Ad Triangulum) de Santa Maria do Olival, Tomar

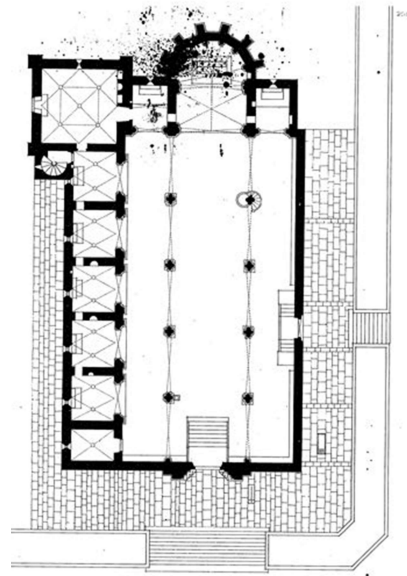


Figura 102 – Planta de Santa Maria do Olival, Tomar

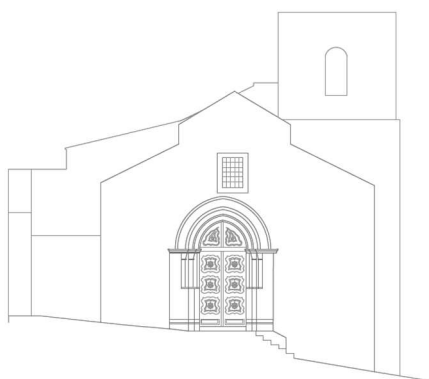


Figura 103 - Reconstituição do alçado de São Pedro na fase 2

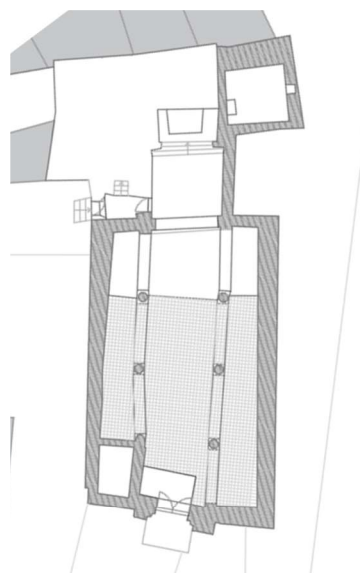


Figura 104 - Reconstituição da planta de São Pedro na fase 2

acessos, adjacente à malha urbana já tecida, (...). Estas características são especialmente verificáveis nas casas mendicantes (...).”

Implanta-se uma nova ideologia monástica: a dos frades mendicantes. Estas novas ordens com a sua defesa da ideologia da pobreza, impõem um novo “tipo” de igreja. O modelo por eles implantado vai servir como protótipo para muitos dos templos construídos a partir da segunda metade do século XIII, altura em que “(...) a implantação destas ordens adquire quase um valor nacional.”¹¹⁸ A igreja de São Pedro de Elvas cresce a par da cidade e do desenvolvimento arquitetónico que se observa no Alentejo. As influências que se especulam na obra em estudo advêm da igreja de Santa Maria do Olival que, como referido no subcapítulo da segunda fase apresentada, é um dos primeiros modelos estabelecidos a nível nacional do que representa o modelo mendicante. Não só esta igreja se situa mais a sul no país, como representa a influência da Ordem de Cristo, da qual São Pedro foi comenda, na interpretação do objeto de estudo.

Embora a arquitetura associada à Ordem do Templo em Portugal seja de cariz predominantemente militar, algumas construções de caráter exclusivamente religioso foram também erguidas pelos monges templários no nosso território. A atividade defensiva desta ordem trouxe consequências no povoamento do território português, particularmente nas regiões afetadas pelo processo de reconquista, uma vez que “quase todas as fortificações templárias deram origem a localidades (...).”¹¹⁹ Deste modo surgem construções do Templo não apenas de natureza militar, mas também de caráter religioso. Entre estas construções destaca-se a igreja de Santa Maria do Olival.

A construção deste templo surge enquadrada num cenário artístico até então predominantemente românico, iniciando-se a viragem construtiva na segunda metade do século XIII, após a edificação de Santa Maria de Alcobaça e as construções de Santarém¹²⁰. Tendo em conta as obras em curso na época, levantam-se questões sobre as fontes de influência no modelo implementado na igreja de Tomar. É necessário ter em conta o internacionalismo da Ordem do Templo que, segundo Paulo Pereira, permitia a importação de mão de obra e modelos mais avançados estilisticamente, embora Santa Maria do Olival se apresente mais despojada e com cobertura em madeira, características mais semelhantes a modelos nacionais do que internacionais. Dentro do modelo instituído na igreja tomarense, tem de se considerar a sua colocação no território, a sua relação

¹¹⁸ PEREIRA, Paulo, *Enigmas: Lugares Mágicos de Portugal*, 2004, p. 160

¹¹⁹ VILLAMARIZ, Catarina Paula Oliveira de Matos Madureira - *A Arquitectura Religiosa Gótica em Portugal no Século XIV: O Tempo dos Experimentalismos*, 2012, p.103

¹²⁰ PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa: O “Modo Gótico”*, 2007, p.31



Figura 105 – Alçado principal da Igreja do Convento de São Francisco, Santarém



Figura 106 – Interior da Igreja do Convento de Santa Clara, Santarém



Figura 107 -Perspetiva exterior de Santa Maria do Olival, Tomar



Figura 108 - Interior de Santa Maria do Olival, Tomar

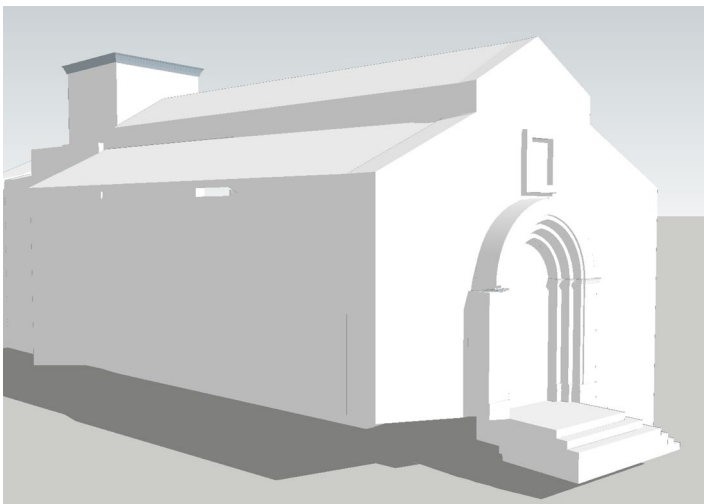


Figura 109 – Reconstituição tridimensional da fase 2 – correspondente à adoção do modelo basilical.



Figura 110 - Interior de São Pedro

de proximidade geográfica com os estaleiros acima referidos de Santarém e Alcobaça. A semelhança entre a divisão da igreja em três naves e da sua cobertura em madeira, bem como a “(...) tipologia nas arcadas (...)”¹²¹ apresentam-se como um ponto de contacto entre Santa Maria do Olival e as igrejas das ordens mendicantes (presentes na igreja de S. Francisco e de Santa Clara de Santarém). Essa proximidade leva a que seja ponto assente uma influência de um dos lados. Se Santa Maria do Olival não possuísse influencia mendicante, seria de espera que o seu modelo, e o de outras igrejas por ela influenciadas, se assemelhasse mais à obra de ¹²²Alcobaça do que às de Santarém. Tal não se verifica, mas sim a repetição, na igreja do Olival, do modelo definido em (quase) todos os edifícios mendicantes deste período. Afigura-se credível a possível influência das igrejas de Santarém em Tomar, encontrando “eco” em Santa Maria do Olival.

Entre a segunda e terceira fases construtivas identificadas dá-se um acontecimento na história da igreja católica que vem estabelecer alguns princípios morais e construtivos para reformar a instituição da igreja. É entre os anos de 1545 e 1563 que se realiza em Itália o Concílio de Trento – convocado pelo Papa Paulo III, de modo a estabelecer a unidade da fé e a disciplina eclesiástica e a responder à divisão vivida no seio da igreja. Este concílio antecede em poucos anos a criação oficial do Bispado de Elvas, em 1570 ¹²³, ano em que a cidade passa a possuir um poder religioso. Surgem, a partir desta data e embora apenas setenta anos mais tarde, os primeiros documentos escritos que dizem respeito às normas e deveres do Bispado de Elvas. São estes as *Primeiras Constituições Sinodais do Bispado de Elvas*, pelo quinto bispo da cidade, em 1633; e a *Relação do Bispado de Elvas*, de 1635. Estes dois documentos são dinamizados por D. Sebastião Noronha de Mattos¹²⁴ e fortemente influenciados pelo concílio que teve lugar quase um século antes. ¹²⁵ As publicações referentes ao bispado de Elvas são contemporâneas das intervenções identificadas do século XVII na igreja de São Pedro, embora apenas refiram que qualquer alteração nos edifícios religiosos só possa ser concretizada se tal for aprovado pelo bispado de Elvas. As intervenções desta terceira fase indicam uma intenção de construir alguns elementos ao gosto “clássico”, mas não podendo colocar de parte influências construtivas da arquitetura mudéjar que se faz sentir fortemente nas regiões do sul do país. O coruchéu que é colocado de modo a rematar

¹²¹ VILLAMARIZ, Catarina Paula Oliveira de Matos Madureira - *A Arquitectura Religiosa Gótica em Portugal no Século XIV: O Tempo dos Experimentalismos*, 2012, p.123

¹²² *Ibidem*

¹²³ PIMENTA, José Manuel, *Diocese de Elvas (1570-1636) Criação, Organização e Recepção Tridentina*, 2014, p.36

¹²⁴ Quinto bispo de Elvas

¹²⁵ Pode-se ler em tanto nas *Primeiras Constituições Sinodais do Bispado de Elvas* como no *Relação do Bispado de Elvas*, várias referências ao “concílio tridentino”.



Figura 111 - Cúpula de São Pedro com figuras carnavalescas

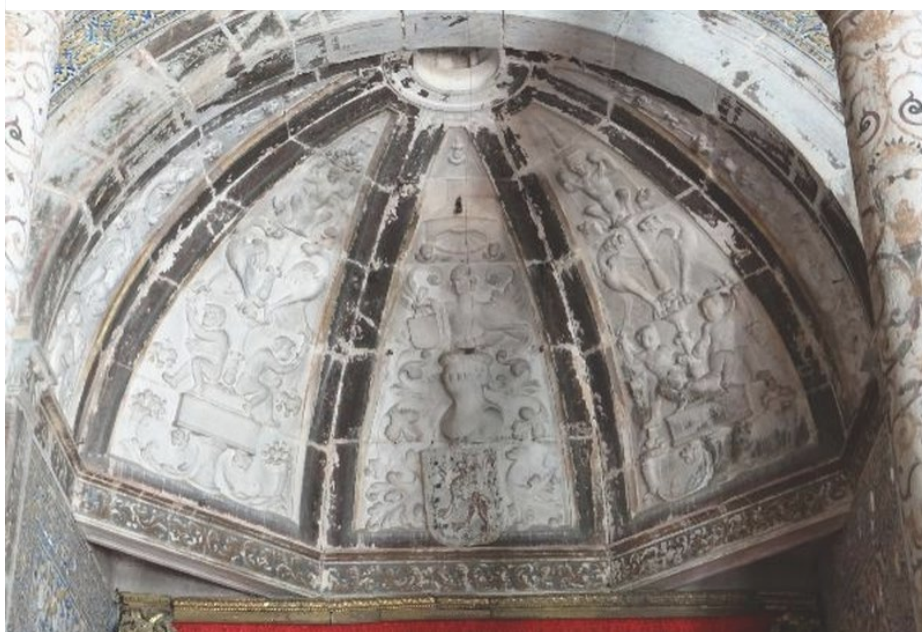


Figura 112 - Fotografia da meia cúpula da Igreja das Dominicás, Elvas

a torre sineira retoma a construção em tijolo de burro, elemento construtivo mais leve e que figura no modo de construir da região, e que esteve presente na fase inicial de construção da igreja de São Pedro. Este elemento exibe semelhanças com os coruchéus encontrados em exemplos de edifícios religiosos em cuja construção se manifestam elementos semelhantes a rematar contrafortes.

“As grandes superfícies brancas, despidas de ornamentação, contrastam vivamente com os materiais usados nas aberturas – o granito escuro, combinado ou não com o mármore branco da região de Estremoz.”¹²⁶

A cúpula, elemento associado ao Renascimento Italiano, é uma das formas estruturais das grandes igrejas do período arquitetónico iniciado em Itália e que se desenvolvem a partir do século XV. No final do século XVI, os transeptos com cúpulas eram populares em vários estados italianos e foram destacados em igrejas proeminentes como a Abadia de Santa Giustina em Pádua, a Catedral de Mântua, Igreja de Il Gesù em Roma e igreja de San Giorgio Maggiore em Veneza.¹²⁷ A cúpula de São Pedro é um elementos construtivos que não pode ser interpretado em conjunto com os restantes elementos do conjunto edificado. É um elemento autónomo, no sentido “artístico” que, como o portal da entrada lateral, se insere numa tentativa de engrandecer a obra com uma estrutura com um porte mais nobre. A hipótese construtiva para esta fase pode ter sido influenciada por uma igreja específica da cidade de Elvas, a igreja das Dominicás, construída entre 1543 e 1557, no antigo local de implantação de um edifício religioso da Ordem do Templo. Não só a cúpula da igreja é oitavada e apresenta um lanternim, como a sua capela mor é coberta por meia cúpula, com quatro gomos, onde estão representadas figuras clássicas. É, no entanto, e apesar das similaridades entre os dois casos, uma divergência no desenho e decoração dos elementos estruturais. Enquanto na igreja das Dominicás o trabalho das figuras se apresenta em mármore, possivelmente de Estremoz, e bem trabalhado, na cúpula do transepto de São Pedro a decoração da mesma foi concretizada em estuque e sem que lhe fosse atribuído artista ou mestre. O surgimento de centros arquitetónicos regionais, (...) apoiados por vezes em consequentes programas mecenáticos ou nascidos de circunstâncias meramente fortuitas, (...) [foi] evoluindo

¹²⁶ SILVA, Heitor, O fenómeno mudéjar no tardo-gótico alentejano, 2014, p.18

¹²⁷ a Abadia de Santa Giustina em Pádua cuja construção foi iniciada em 1532, a Catedral de Mântua que teve e sua cúpula acrescentada após 1540, Igreja do Il Gesù em Roma (1568-1580) e a igreja de San Giorgio Maggiore em Veneza, iniciada em 1566.



Figura 113 . Perspetiva da Igreja de São Pedro a partir da rua de São Pedro

localmente para soluções de realização fruste e grosseira, mas permeável a uma exuberância decorativa (...).”¹²⁸

Pode-se, ainda que de modo generalizado, dizer-se que a influência gótica e tardo-gótica – que advém do modelo basilical mendicante e do coruchéu da torre – e a influencia clássica – visível na cúpula do transepto – se juntam e justapõem, fundindo-se para nos entregar a base da volumetria e espacialidade da obra que chega até ao presente. A igreja de São Pedro de Elvas manifesta-se como um objeto híbrido que se revela no presente como o resultado da aglomeração de diversos elementos que remetem para épocas construtivas diferentes. É um templo cristão que narra, a partir das épocas que vivenciou, uma história construtiva com diversas influências, que foi obrigado a atualizar-se constantemente, quer para responder a questões de ordem natural, de crescimento demográfico ou até de impacto na sua implantação. Embora se conheçam algumas das figuras que estiveram, de algum modo, responsáveis pelo objeto de estudo, não é possível dizer-se que papel ao certo desempenharam na narrativa da igreja de São Pedro. Nunca se encontraram registos de mestres ou benfeitores que tivessem exercido a sua influência e vontade na construção da obra, pelo que a evolução construtiva observada parece resultar sempre da necessidade de responder a uma problemática ou situação (resposta que não foi sempre nem breve nem imediata).

Para a compreensão do valor patrimonial do caso de estudo, e de um ponto de vista já documentado e justificado relativo à salvaguarda do património, existem fontes generalistas onde é abordado o seu conceito, da sua história e das leis e normas internacionais para a sua preservação. O tema obriga ainda que se conheçam não apenas estas fontes, como é o caso das publicações de Françoise Choay¹²⁹, mas também as entidades e órgãos responsáveis pela gestão e ação sobre o património construído, e que delineiam as regras na manutenção e intervenção no mesmo. Acerca do restauro do património, Camilo Boito¹³⁰ desenvolveu uma série de importantes conceitos¹³¹ que ainda hoje são válidos e que vão de encontro ao trabalho desenvolvido nesta

¹²⁸ PEREIRA, Paulo, *Historia da Arte Portuguesa: Os Classicismos 2007*, p.23

¹²⁹ Duas das suas obras mais influentes são: *“As Questões do Património: Antologia para um Combate”* e *“A Alegoria do Património”*

¹³⁰ “Sem negar o valor artístico da obra, destaca [Camilo Boito] como preponderante o valor do monumento enquanto testemunho histórico.” VAZ, Raquel Maria, *Património: Intervir ou Interferir?*, 2009, p.23 - 24

¹³¹ Os oito princípios enumerados por Camilo Boito, em *Os Restauradores*, em 1884, são os seguintes:

1. respeito pela matéria original; 2. ideia de reversibilidade e distinguibilidade; 3. importância da documentação e de uma metodologia; 4. ênfase no valor documental dos monumentos; 5. evitar acréscimos e renovações que, se fossem necessários, deveriam ter carácter diverso do original,

dissertação: a validade atribuída às fases construtivas do monumento e o respeito por cada uma delas.

“As intervenções no património cultural, construído e paisagístico, devem por isso observar e cuidar das diversas valências e expressões que o caracterizam e que lhe conferem um carácter único e insubstituível, numa operação técnica pluridisciplinar integrada e exigente, determinante para a futura fruição pública dos monumentos singulares, conjuntos ou sítios e dos respetivos contextos que com eles possuem uma relação interpretativa e informativa.”¹³²

mas não poderiam destoar do conjunto; 6. complementos de partes deterioradas ou faltantes deveriam, mesmo se seguissem a forma primitiva, ser de material diverso ou ter inscrita a data de sua restauração ou, ainda, no caso das restaurações arqueológicas, ter formas simplificadas; 7. obras de consolidação deveriam limitar-se ao estritamente necessário, evitando-se a perda dos elementos característicos ou, mesmo, pitorescos; 8. respeitar as várias fases do monumento, sendo a remoção de elementos somente admitida se tivessem qualidade artística manifestamente inferior à do edifício. Ibidem.

¹³² DGPC, Secretariado do Estado da Cultura. <[Http://www.patrimoniocultural.pt](http://www.patrimoniocultural.pt)>. [consultado a 10/08/2019]

4 | SÍNTESE FINAL

O conjunto edificado da Igreja de São Pedro de Elvas é o testemunho material das intervenções levadas a cabo na procura pela constante atualização da construção, considerando a alteração constante no panorama da arquitetura religiosa em Portugal ao longo de nove séculos. Os elementos construtivos que compõem o objeto de estudo refletem um processo contínuo, mais ou menos espaçado no tempo dependendo do século e contexto. Todas as fases identificadas e pelas quais passou foram, de algum modo, essenciais para o volume que hoje se entende como a Igreja de São Pedro de Elvas.

Foi necessária a utilização de uma metodologia que auxiliasse o retirar de conclusões sobre cada fase construtiva identificada, que permitisse avançar na construção de hipóteses, e que contribuísse para a criação de conteúdo útil para o resultado final.

Num primeiro passo analisou-se e interpretou-se cada constituinte da obra, seguido pelo cruzamento das informações adquiridas de maneira a poder alcançar os conhecimentos necessário para proceder à especulação das intervenções e alterações morfológicas e sua respetiva reconstituição – desde o início da sua edificação até aos dias de hoje. É necessário salientar a importância particular de dois momentos: a expansão formal da volumetria levada a cabo na segunda fase (que atravessa três séculos) e que é hoje identificável como um dos elementos mais estáveis; e as extensas intervenções levadas a cabo entre os séculos XVIII e XIX – campanha de obras de dimensão considerável e que foi responsável pela maior parte das alterações que levaram à presente imagem do objeto de estudo. A igreja de São Pedro de Elvas reflete o seu valor na forma como se relaciona com a urbe, desde a sua primeira, e embrionária fase, até ao presente, demonstrando-se um objeto capaz de se adaptar e crescer com a envolvente. As ferramentas indispensáveis para concretizar os objetivos desejados foram os levantamentos efetuados (métrico e fotográfico), as fontes, escritas ou visuais, e o conhecimento adquirido do estudo das mesmas.

Todo o registo, contexto histórico-artístico e comparação, análise e reconstituição das fases e identificação de uma evolução cronológica (com o auxílio de modelos tridimensionais), se deveu à utilização das ferramentas supramencionadas.

Esta investigação, para além de produzir informação e registos sobre o objeto em estudo, pretende cooperar na interpretação da obra, refletindo sobre a importância de cada estrato e intervenção existente.

O trabalho apresentado pretende servir, portanto, como base para futuros estudos que pretendam aprofundar o conteúdo existente e aqui proposto, podendo levar a que no futuro se encontrem

outros indícios cuja fase não esteja bem determinada e fundamentada. Posto isto as fases identificadas e propostas neste trabalho são referidas como uma possível interpretação no entendimento contemporâneo. A obra estudada apresenta-se como palimpsesto, estratificado ao longo de nove séculos, e representa uma síntese evolutiva de várias épocas construtivas. As marcas das suas transformações estão registadas no edifício e apelam à sua preservação e valor patrimonial.

5 | BIBLIOGRAFIA

Biblioteca e arquivo municipal de Elvas:

Livro Antigo de S. Pedro de Elvas, nº 380

Outros recursos bibliográficos:

ALMADA, Vitorino de – *Elementos para um Dicionário de Geographia e Historia Portuguesa. Conselho de Elvas – Apontamentos Manuscritos* [s.l.] [s.n.] [s.d.]

ALMEIDA, Maria José De Melo Henriques de - *Ocupação Rural Romana No Actual Concelho De Elvas*. Faculdade De Letras, Universidade De Coimbra, 2000

ARMAS, Duarte de – *Livro das Fortalezas*. Lisboa, ed. Império, 1943

AAVV, *Padroado Real* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-03 15:15:11].

AZEVEDO, Pedro de – *Capítulos do conselho de Elvas apresentados em côrtes. Elvas*, 1914

BARBOSA, Inácio de Vilhena - *As Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa que têm Brasão de Armas*. Lisboa, 1860.

BARROS, Maria Filomena Lopes de – *Mourarias e Cidade: Discursos e Espaços*. In *Evolução da paisagem urbana: cidade e periferia*, coord. Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo. Edição CITCEM, 2014, p.271-283

BORRAS GUALIS, Gonzalo. *El arte mudéjar: estado actual de la cuestión*. En AGUILAR, María Dolores et al. *Mudéjar Iberoamericano: Una expresión cultural de dos mundos*. I. Henares y R. López Guzmán (eds.). Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1993, p. 9-19.

CARVALHO, Sérgio Luís - *Cidades medievais portuguesas: Uma introdução ao seu estudo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989

CHUECA GOITIA, F, *Arquitectura Muçulmana Peninsular e sua influência na Arquitectura Cristã*, (Exposição de documentação fotográfica), Lisboa, Fund. Cal. Gulbenkian, 1962.

CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri/ CIDEHEUS – Universidade de Évora, 2013

CORREIA, Virgílio, «*A Arte: o século XV*», in *História de Portugal*, vol. IV, Barcelos, Portucalense Editora, 1932.

COSTA, Adelaide Millán - *O discurso político dos concelhos portugueses na baixa Idade Média : convergências e especificidades : o caso de Elvas*. In "Des(a)fiando discursos [Em linha]: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques". Lisboa : Universidade Aberta, 2005.

COSTA, António Carvalho da, *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Tomo primeyro [-terceyro] /Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, 1706-1712. - 3 vol.

DENTINHO, Maria – *Elvas – monografia*. Évora: Câmara Municipal de Évora,1989.

FERNANDES, Hermenegildo - *Os mouros e a mouraria em Elvas: alguns problemas de topografia genética*. Monumentos: Revista semestral de edificios e monumentos. Lisboa: Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. ISSN 0872-8747, N.º. 28 ,2008.

GAMA, Eurico – *Catálogo dos Pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas*. Coimbra, 1963

GAMA, Eurico, *Elvas: Rainha da Fronteira*. Câmara Municipal de Elvas, Elvas, 1986

GAMITO, Teresa Júdice – *O castro de Segóvia (Elvas, Portugal)*, ponto fulcral na primeira fase das Guerras de Sertório. O Arqueólogo Português, Série IV: 5,(1987) p149-160

GARRINHAS, João - *Elvas, de uma perspetiva passada, à análise dinâmica habitacional recente*. Elvas Caia: Revista Internacional de Cultura e Ciência. Elvas. Edições Colibri. ISSN 1645-6416. N.º 2 (2004) p. 153-178

KEIL, Luis - *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre*. Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes,1943

MATALOTO, Rui e Catarina Costeira - *O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo)*. Revista Portuguesa De Arqueologia. volume 11. número 2. (2008)

MOREIRA , Rafael, *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal* , Lisboa, 1991

MORGADO, Amílcar – *Elvas – Praça de Guerra (Arquitectura Militar)*. Câmara Municipal de Elvas. Caderno Cultural. N.º7. Elvas: Grupo de Apoio e Dinamização Cultural, [1993].

Padroado Real in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-03 15:15:11]. Disponível na Internet:
[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$padroado-real](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$padroado-real)

PEREIRA, Gabriel - «*A Torre das Águias*», Serões, vol. VII, Lisboa, 1902

PEREIRA, Paulo - *Lugares mágicos de Portugal : templários e templarismos*- 1ª ed. Lisboa : Círculo de Leitores, 2010.

PEREIRA, Paulo - *História da arte portuguesa. O mundo romântico (século XI-XIII)*. Jorge Rodrigues. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007.

PEREIRA, Paulo - *História da arte portuguesa: O "modo" gótico (século XIII-XV)*. José Alberto Seabra Carvalho. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007.

PEREIRA, Paulo - *História da arte portuguesa: Do "modo" Gótico ao Manuelino (séculos XV-XVI)*. Maria José Goulão. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007.

PEREIRA, Paulo - *História da arte portuguesa: Do renascimento ao maneirismo (séculos XVI-XVII)*. Sylvie Deswarte-Rosa. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2008.

PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa: Da Estética Barroca ao fim do Classicismo*, 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2008.

PIMENTA, José Manuel Pasadas Figueira - *Diocese de Elvas (1570-1636): Criação, Organização e Recepção Tridentina*. Dissertação Final sob orientação de Doutor David Sampaio Barbosa. 2014. Texto Policopiado.

PINTO, Maria do Carmo Teixeira – *Os Cristãos Novos de Elvas no Reinado de D.João IV: Heróis ou Anti-heróis?* Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Universidade Aberta. Orientação de Profª Doutora Maria José Ferro Tavares. 2003. Texto Policopiado.

ROSSA, Walter, Margarida da Conceição, Luísa Trindade – *Raia e Cidade*. Monumentos: Revista semestral de edifícios e monumentos. Lisboa: Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. Nº. 28, 2008.

SAMPAYO, Mafalda Ferreira de - *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas (séc VIII-XIII)*. Tese de mestrado, Desenho Urbano, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2001. Texto Policopiado.

SAMPAYO, Mafalda Ferreira de - *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas. Elvas Caia*. Revista Internacional de Cultura e Ciência. Elvas. Edições Colibri. Nº 6, 2008, p. 11-25.

SOUSA, Armindo de - *Fronteira e Representação Parlamentar na Idade Média Portuguesa* – Revista da Faculdade de Letras.

TORRES, Cláudio, MACÍAS, Santiago, *"A arquitectura e as artes"(período islâmico)*, in História de Arte Portuguesa, vol. I, Lisboa, 1995.

TORRES, Cláudio, Santiago Macias, *O legado islâmico em Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1998.

VARELA, Cónego Aires - *Theatro das Antiguidades de Elvas, etc*. Elvas, 1915.

VIEIRA DA SILVA, José Custódio, *O tardo-gótico na arquitectura. A arquitectura religiosa do Alto Alentejo*, Lisboa, Horizonte, 1989.

VILLAMARIZ, Catarina Paula Oliveira de Matos Madureira - *A Arquitectura Religiosa Gótica em Portugal no Século XIV: O Tempo dos Experimentalismos*, Lisboa 2012.

VITERBO, J. M. de Sousa, *Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e construtores portugueses ou ao serviço de Portugal*, Lisboa, 1899-1922.

<http://www.jf-caiasaopedroalcacova.pt/a-freguesia/historia/> [consultado a 20/09/2017]

<http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az/imovel.aspx?id=1417>[consultado a 20/09/2017]

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1858[consultado a 10/12/2017]

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70258> [consultado a 27/08/2019]

<http://tombo.pt/f/elv10> [consultado a 29/01/2018]

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4239910> [consultado a 29/01/2018]

http://fundis.cidehus.uevora.pt/unidade_instalacao/8231/PT_ASP_DP_CB_BP_CB_C_001_Mc001 [consultado a 20/09/2017]

http://fundis.cidehus.uevora.pt/unidade_instalacao/7802/PT_ASP_CSE_A_002_Lv001 [consultado a 14/06/2018]

<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/de507.html> [consultado a 14/06/2018]

http://fundis.cidehus.uevora.pt/fundo/582/Camara_Eclesiastica_de_Elvas [consultado a 22/05/2017]

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4611790> [consultado a 16/04/2018]

<http://www.portalegre-castelobranco.pt/contactos.php> [consultado a 20/09/2017]

BIBLIOGRAFIA DE IMAGENS

Figura 1 - excerto da Carta topográfica da cidade de Elvas – carta nº414. Carta topográfica fornecida pelo departamento de Geografia e Planeamento da Universidade do Minho.

Figura 2 - Montagem de ortofotomapa de parte da cidade de Elvas que identifica da Igreja de São Pedro.

Figura 3 - Esquema de fontes

Figura 4 - Imagens do processo de levantamento métrico levado a cabo no decorrer da investigação

Figura 5 - ALBERNAZ, João Teixeira, I, fl. 1602-1649 - mapa do séc. XVII que ilustra a localização de Elvas. http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=689 [consultado a 26/12/2018]

Figura 6 - Ilustração da Sé de Elvas - autor e data desconhecidos

Figura 7 - Portugal - Mapa das Fortalezas Fronteiriças ilustrado por Brás Pereira em 1642 - parte integrante de cópia de aguarelas sobre o Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas. Imagem que ilustra os limites de Portugal e no qual está representada a cidade de Elvas. <http://purl.pt/24908> [consultado a 26/12/2018]

Figura 8 - Esquema desenhado por Fernando Correia, que ilustra o perímetro da cidade de Elvas quando esta ainda se encontrava sob domínio árabe. Identifica as possíveis portas da cidade à data, muitas das quais ainda se consegue ler no malha da urbe atual. CORREIA, Fernando Branco – Elvas na Idade Média, 2013, p.68

Figura 9 - Montagem sobre uma fotografia atual da cidade a partir das portas de São Vicente, de uma possível localização da segunda cerca islâmica (a amarelo torrado) - importante na implantação da igreja de São Pedro. A imagem destacada inclui as torres que faziam parte dessa cerca e que persistem na malha da cidade na atualidade.

Figura 10 - Montagem do mapa de Fernando Correia sobre uma imagem de satélite atual de Elvas. A imagem ilustra os pontos de entrada na urbe aquando da reconquista da cidade de Elvas, apresentando as ordens religiosas e entidades que tomaram posse das portas da mesma e juntos às quais se ergueram “altares” (segundo a publicação Theatro das Antiguidades). A vermelho mais escuro estão representadas as portas e a vermelho vivo a Igreja de São Pedro.

Figura 11 - Arco do Bispo

Figura 12 - Arco da Encarnação ou Porta Nova

Figura 13 - Antiga Porta do Templo ou dos Santos

Figura 14 - Identificação das torres atuais (e troços de muralha) que pertenciam à segunda cerca islâmica e que definiam o perímetro da cidade.

Figura 15 - - Atuais Portas de S. Vicente, próximas do que teriam sido as Portas dos Banhos ou Porta Ferrada.

Figura 16 - Torre e troços de muralha que sobreviveram à expansão e evolução de Elvas - próxima da torre sineira do caso de estudo.

Figura 17 - Capa do Inventário Artístico de Portalegre

Figura 18 - Capa da monografia Annaes de Elvas

Figura 19 – Capa do Theatro das Antiguidades, por Aires Varela

Figura 20 - Retrato do Rei D. Dinis. <https://www.escritas.org/pt/bio/d-dinis> [consultado a 16/09/2019]

Figura 21 - Brasão de D. António Matos de Noronha.
<http://solaresebrasoes.blogspot.com/2018/01/armas-de-d-antonio-matos-de-noronha.html> [consultado a 20/10/2019]

Figura 22 - Retrato de D. Sebastião Matos de Noronha.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastião_de_Matos_de_Noronha [consultado a 20/10/2019]

Figura 23 - Francisco de Alincourt, Planta da praça de Elvas com seus fortes adjacentes : que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sñr. Dom Fran.co X.er de Noronha, ten.te gen.al dos Reaës Exercitos de S. A. R. e governador por comiçaõ regia, mandou levantase o coronel Fran.co d'Alincourt à planta das vezinhanças da campanha the alcance da artilharia de ponto em branco, para mostrar tudo quanto he prejudicial à fortificação da praça / Fran.co d'Alincourt delineavit ano 1802.
http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=689 [consultado a 26/12/2018]

Figura 24 - Retrato de D. Martinho de Oliveira, arcebispo de Braga.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_Pires_de_Oliveira [consultado a 26/12/2018]

Figura 25 - Capa de volume da Ordem de Cristo. <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/ordem-de-cristo/> [consultado a 26/12/2018]

Figura 26 - Selo dos Templários – Ordem do Templo.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_dos_Templários [consultado a 26/12/2018]

Figura 27 - Fotografia tirada a partir do exterior da cidade, enquadrando as portas de São Vicente, anteriormente conhecidas como portas dos banhos ou porta ferrada, e a Igreja de São Pedro.

Figura 28 - Francisco de Alincourt, Planta da praça de Elvas com seus fortes adjacentes : que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sñr. Dom Fran.co X.er de Noronha, ten.te gen.al dos Reaës Exercitos de S. A. R. e governador por comiçaõ regia, mandou levantase o coronel Fran.co d'Alincourt à planta das vezinhanças da campanha the alcance da artilharia de ponto em branco, para mostrar tudo quanto he prejudicial à fortificação da praça / Fran.co d'Alincourt delineavit ano 1802.
http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=689 [consultado a 26/12/2018]

Figura 29 – Planta do levantamento efetuado com legenda dos espaços

Figura 30 - Indícios de materiais utilizados na construção da igreja de São Pedro

Figura 31 – Desdobrável com desenhos do levantamento métrico

Figura 32 – Desdobrável com levantamento fotográfico

Figura 33 – Desdobrável com imagens do modelo tridimensional efetuado no decorrer da investigação

Figura 34 - Fotografia da cruz que coroa a fachada principal e na qual está inscrito o seguinte: E 1227 R 1877

Figura 35 - Esquemas de processo sobre a possível implantação e forma da primeira fase construtiva

Figura 36 - Fotografias aproximadas do portal do século XIII

Figura 37 - Alçado Poente onde está assinalado o portal identificado como pertencendo ao século XIII, e como elemento sobrevivente até aos dias de hoje.

Figura 38 - Identificação em fotografia da torre adaptada a torre sineira e que pertencia à segunda cerca islâmica

Figura 39 - Parte da muralha da cidade de Elvas no período da Reconquista

Figura 40 - Perspetiva tirada a partir da muralha da fortaleza abaluartada que mostra a torre de São Pedro e o seu alinhamento com as torres que ainda se encontram visíveis.

Figura 41 - Portal principal

Figura 42 - Vestígios de parede de tijolo

Figura 43 – Representação de elementos identificados no objeto atual pertencentes à primeira fase

Figura 44 - Modelos 3D onde se apresentam os elementos que se identificam atualmente como pertencendo ao edifício da Igreja de São Pedro no século XIII. Está assinalado tanto o portal em cantaria como a torre sineira.

Figura 45 - Reconstituição da Fase 1 da evolução construtiva de São Pedro

Figura 46 - Reconstituição de modelo tridimensional, em duas perspetivas, que procura mostrar a hipótese formulada para a construção da Igreja de São Pedro na sua Primeira fase

Figura 47 - Perspetiva de Elvas desenhada por Duarte D'Armas no seu Livro das Fortalezas

Figura 48 - Troços da muralha Fernandina que ainda se encontram presentes na cidade de Elvas. Particular ênfase na torre, a única que permanece intacta. <http://www.cm-elvas.pt/descobrir/project-item/muralha-fernandina/> [consultado a 06/07/2019]

Figura 49 - Identificação sobre perspetiva de Duarte D'Armas da cidade de Elvas, do Livro das Fortalezas onde se identificam (da esquerda para a direita): Convento de São Domingos, Torre da Igreja de São Pedro (hipotética representação junto à Porta da cidade) e o castelo.

Figura 50 - Fotomontagem de fotografias tiradas do mesmo ponto de vista da fig. anterior, ilustrando os mesmos elementos (da esquerda para a direita): o convento de São Domingos, a torre sineira da Igreja de São Pedro e o castelo.

Figura 51 - Vestígios da parede da torre na fachada principal da igreja e que pode nunca ter sido concluída.

Figura 52 - Desenho de processo da volumetria de São Pedro, caso a torre na fachada tivesse sido concluída

Figura 53 - Vestígio da parede da torre na fachada principal pelo exterior.

Figura 54 - Arcos quebrados e parede da torre, perspetiva interior

Figura 55 - Vista interior de São Pedro - Arcos quebrados

Figura 56 - Vista interior de Santa Maria do Olival - Arcos quebrados.
<https://www.flickr.com/photos/8724323@N06/5850286671> [consultado a 14/08/2019]

Figura 57 - Modelo 3D do alçado principal de São Pedro na segunda fase

Figura 58 - Vista exterior do alçado principal de Santa Maria do Olival.
http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=237&identificador=ct161_pt [consultado a 14/08/2019]

Figura 59 - Representação de elementos identificados no objeto atual pertencentes à segunda fase

Figura 60 - Modelo 3D - Identificação de elementos presentes na atualidade no conjunto e que se identificam como pertencentes às intervenções da segunda fase identificada.

Figura 61 - Reconstituição da Fase 2 da evolução construtiva de São Pedro

Figura 62 - Modelos 3D - Reconstituição da Igreja de São Pedro durante a sua segunda fase construtiva. Igreja com corpo de três naves e fachada tripartida que permite leitura da espacialidade.

Figura 63 - Cerco de Elvas, 1659. Gravura de Pedro de Santa Colomba, 1662.
http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=689 [consultado a 10/08/2019]

Figura 64 - Cúpula e Coruchéu da Igreja de São Pedro - exterior

Figura 65 - Interior da cúpula de São Pedro

Figura 66 - Interior da cúpula da Igreja das Dominicadas em Elvas.

Figura 67 - Exterior da Igreja das Dominicadas em Elvas. <https://discover-alentejo.com/igreja-das-dominicas/> [consultado a 10/08/2019]

Figura 68 - Portal lateral do século XVII de São Pedro

Figura 69 - Remate interior do Coruchéu cónico que remata a torre sineira

Figura 70 - Interior do coruchéu

Figura 71 - Exterior do coruchéu

Figura 72 - Interior da cúpula

Figura 73 - Exterior da cúpula

Figura 74 - Representação de elementos identificados no objeto atual pertencentes à terceira fase

Figura 75 - Modelos 3D - Identificação dos elementos presentes na atualidade que foram construídos ou acrescentados à igreja na terceira fase identificada

Figura 76 - Reconstituição da Fase 3 da evolução construtiva de São Pedro

Figura 77 - Reconstituição tridimensional da terceira fase construtiva de São Pedro

Figura 78 - Pormenor da planta militar de Elvas de 1806, onde se encontram assinaladas as igrejas inseridas no tecido urbano à data. G.E.A.E.M., nº1615. É um dos poucos mapas encontrados no decorrer deste trabalho que ilustra o interior da cidade e a sua malha urbana para além do seu perímetro abaluartado. CORREIA, Fernando Branco – Elvas na Idade Média, 2013, p.314

Figura 79 - Manuscritos encontrados na sacristia da Igreja de São Pedro, e que pertencem a um livro da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Pedro, de 1771.

Figura 80 - Fotomontagem do alçado interior do lado da

Figura 81 - Fotomontagem do alçado interior do lado da

Figura 82 - Frisos da fachada principal e da capela mor - ambos da mesma época de intervenção e que apresentam semelhanças de desenho.

Figura 83 - Alçados das fases 2 e 4 (da esquerda para a direita) - A alteração no alçado ocorre em paralelo com a alteração da secção transversal da igreja de São Pedro

Figura 84 - Corte esquemático para ilustrar a alteração de secção decorrente das intervenções da fase 4, que alteraram a secção transversal de São Pedro

Figura 85 - Representação de elementos identificados no objeto atual pertencentes à quarta fase

Figura 86 - Modelos 3D com a identificação dos elementos que se reconhecem no presente como pertencendo ao conjunto das intervenções lavadas a cabo na quarta fase

Figura 87 - Reconstituição da Fase 4 da evolução construtiva de São Pedro

Figura 88 - Reconstituição tridimensional da igreja de São Pedro após as intervenções dos séculos XVIII e XIX

Figura 89 - Planta de implantação da Igreja de São Pedro em 1957.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1858 [consultado a 30/03/2017]

Figura 90 - Notícia do Diário de Lisboa sobre o terramoto de 1969 e suas repercussões.

<https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/ha-50-anos-deu-se-o-segundo-maior-sismo-em-portugal> [consultado a 12/07/2019]

Figura 91 - Planta de São Pedro, de 1957 - documento do SIPA.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1858 [consultado a 30/03/2017]

Figura 92 - Cortes Esquemáticos de 1957 - documento do SIPA.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1858 [consultado a 30/03/2017]

Figura 93 - Representação de elementos identificados no objeto atual pertencentes à quinta fase

Figura 94 - Modelo 3D em que se identificam os elementos da quinta fase de intervenções e que ainda se encontram presentes nos dias de hoje

Figura 95 - Reconstituição da Fase 5 da evolução construtiva de São Pedro

Figura 96 - Síntese dos elementos encontrados no presente de cada fase construtiva identificada

Figura 97 - Síntese das reconstituições do objeto e que permitem uma leitura cronológica da sua evolução

Figura 98 - Síntese dos cortes evolutivos e respetivas plantas – correspondentes às 5 fases da igreja de São Pedro

Figura 99 - Síntese da evolução dos alçados – correspondentes a 4 das 5 fases da igreja de São Pedro

Figura 100 - Excerto do Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 junho 1910, onde foi publicada a classificação da Igreja de São Pedro de Elvas a Monumento Nacional.

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/decsmaria/Decreto23_06_1910.pdf [consultado a 02/09/2019]

Figura 101 – Fachada (Ad Triangulum) de Santa Maria do Olival, Tomar.

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/decsmaria/Decreto23_06_1910.pdf [consultado a 15/10/2018]

Figura 102 – Planta de Santa Maria do Olival, Tomar.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6537 [consultado a 15/10/2018]

Figura 103 - Reconstituição do alçado de São Pedro na fase 2

Figura 104 - Reconstituição da planta de São Pedro na fase 2

Figura 105 – Alçado principal da Igreja do Convento de São Francisco, Santarém.
<https://www.visitarportugal.pt/d-santarem/c-santarem/santarem/convento-sao-francisco> [consultado a 15/09/2019]

Figura 106 – Interior da Igreja do Convento de Santa Clara, Santarém.
https://www.researchgate.net/figure/Igreja-de-Santa-Clara-de-Santarem-Naves_fig5_321168402
[consultado a 15/09/2019]

Figura 107 - Perspetiva exterior de Santa Maria do Olival, Tomar. <http://viagem-no-tempo-com-a-turma-de-hgp.blogspot.com/> [consultado a 15/09/2019]

Figura 108 - Interior de Santa Maria do Olival, Tomar.
http://www.conventocristo.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=237&identificador=ct161_pt [consultado a 15/09/2019]

Figura 109 – Reconstituição tridimensional da fase 2 – correspondente à adoção do modelo basilical.

Figura 110 - Interior de São Pedro

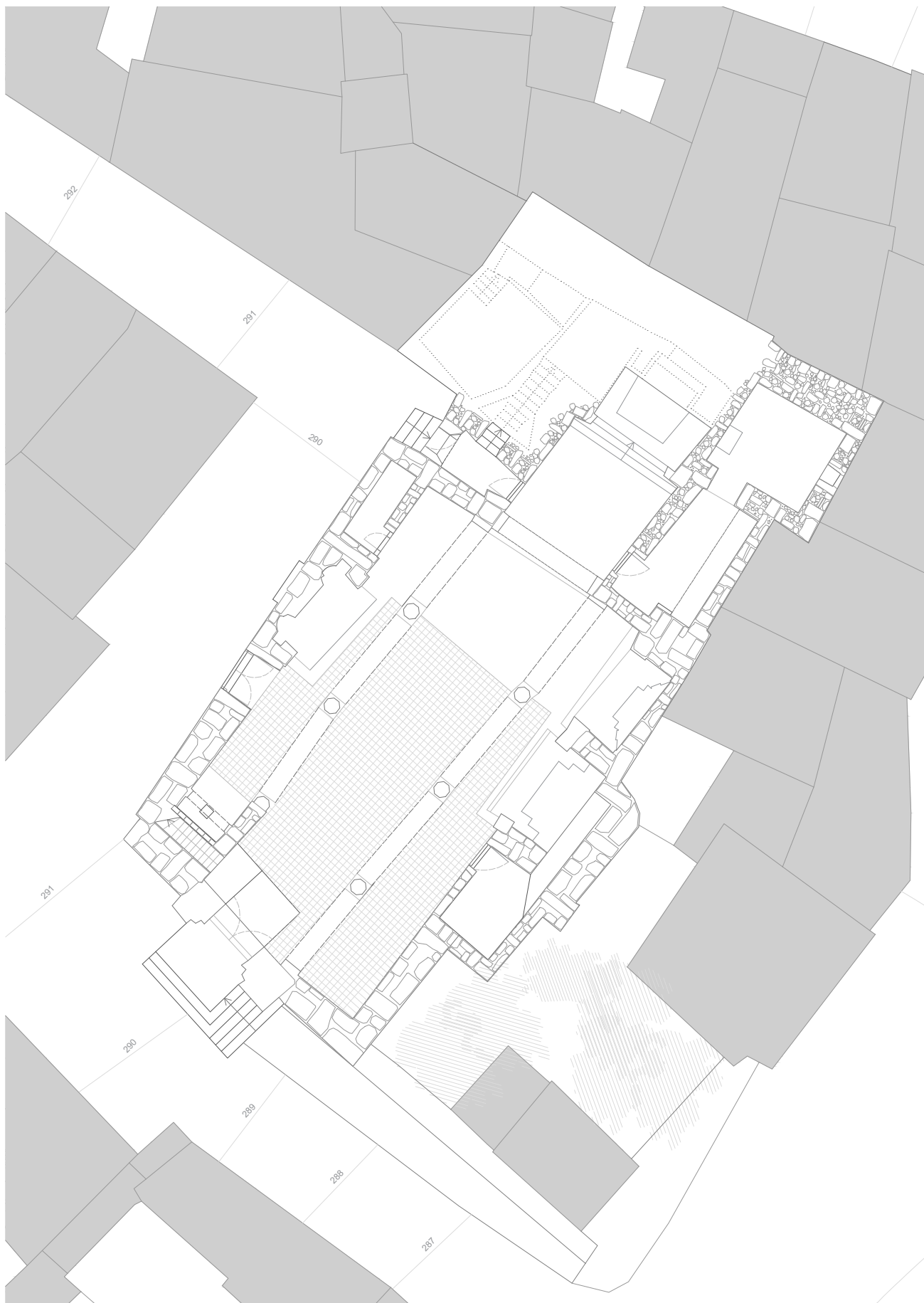
Figura 111 - Cúpula de São Pedro com figuras carnavalescas

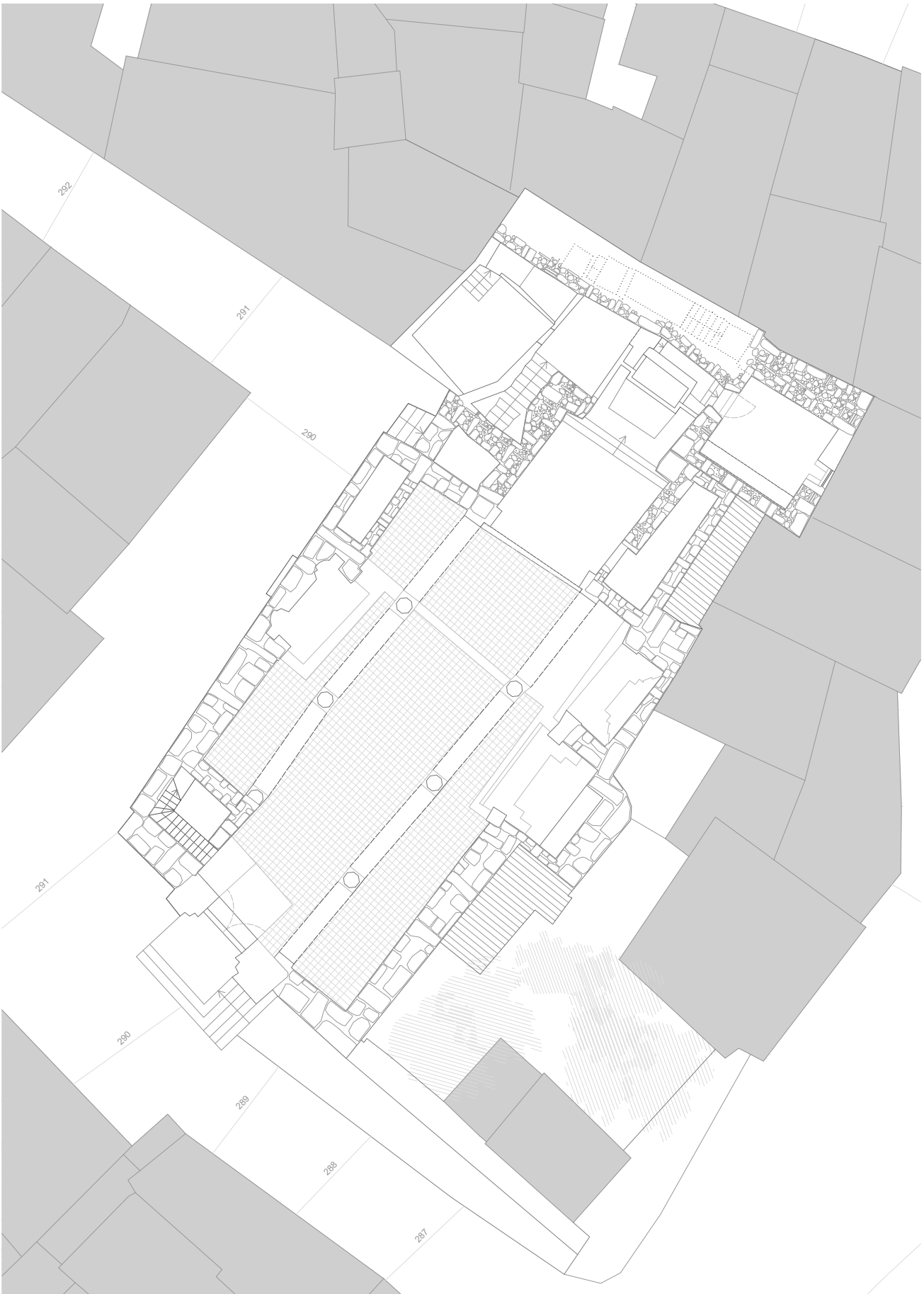
Figura 112 - Fotografia da meia cúpula da Igreja das Domínicas, Elvas

Figura 113 - Perspetiva da Igreja de São Pedro a partir da rua de São Pedro

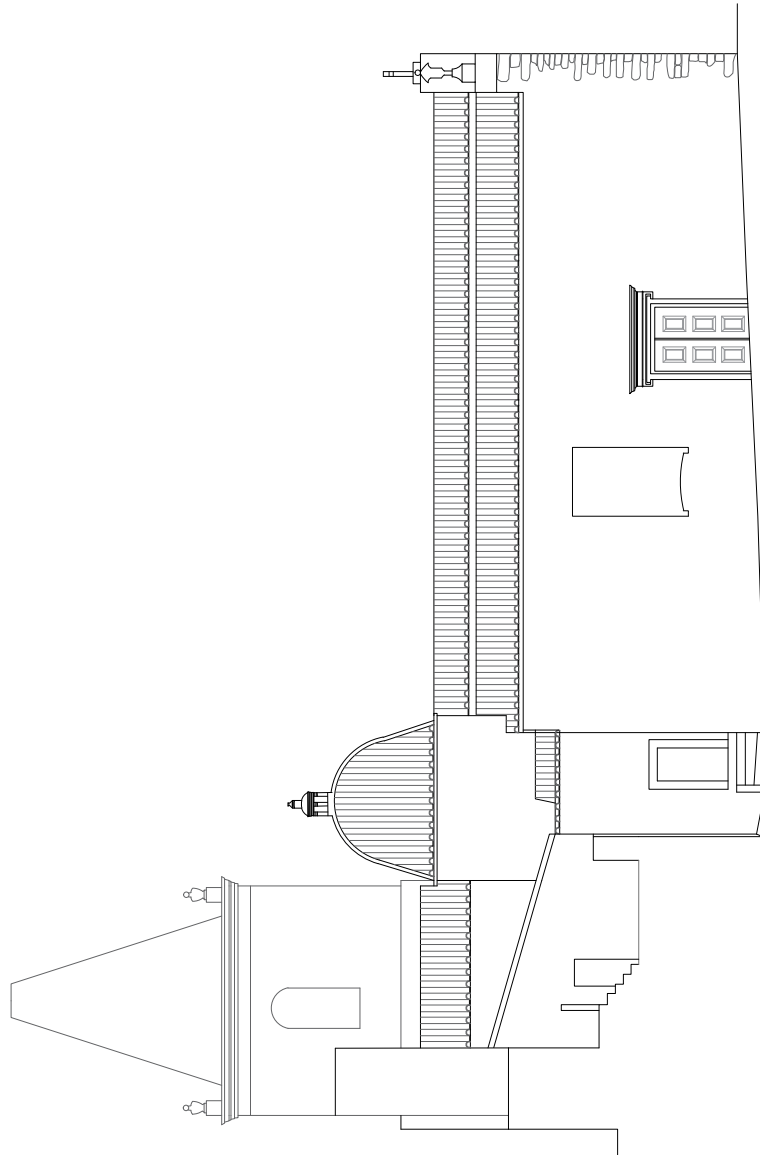
ÍNDICE ANEXOS

1 Levantamento métrico _ Escala 1:200	162
2 Manuscritos da Irmandade do Santissimo Sacramento da Igreja de São Pedro	171

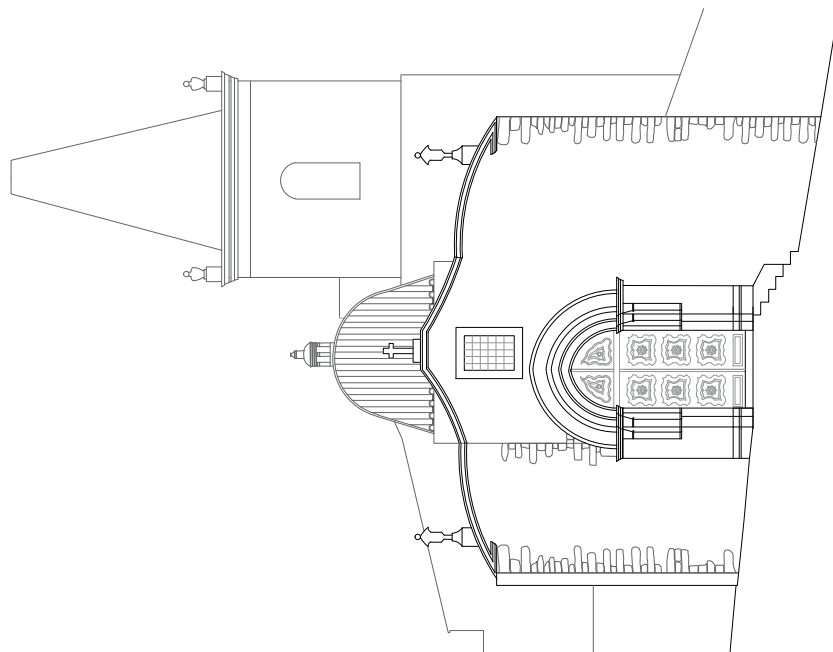






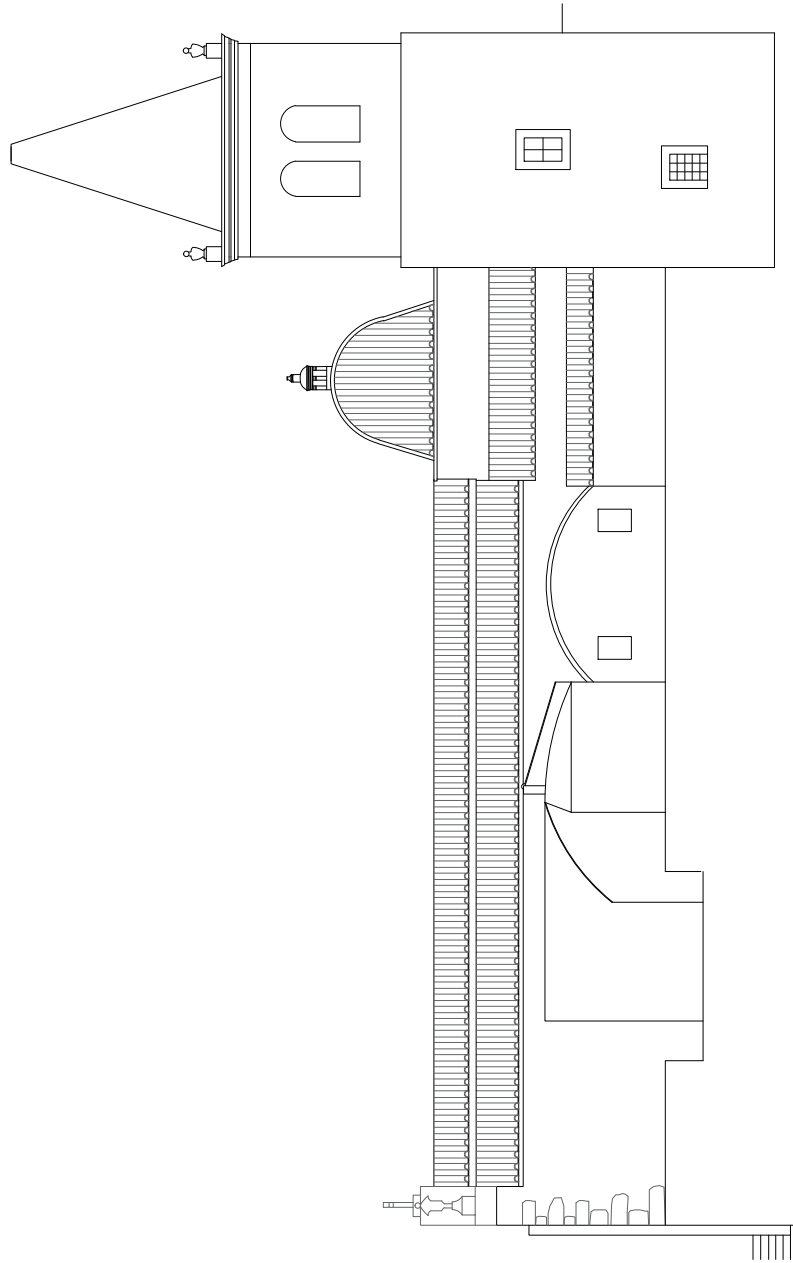


Alçado Norte

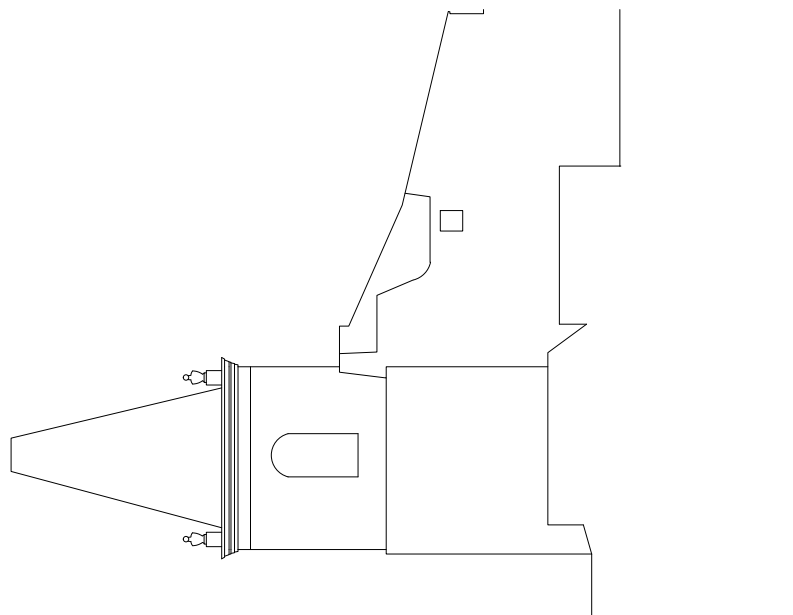


Alçado Poente



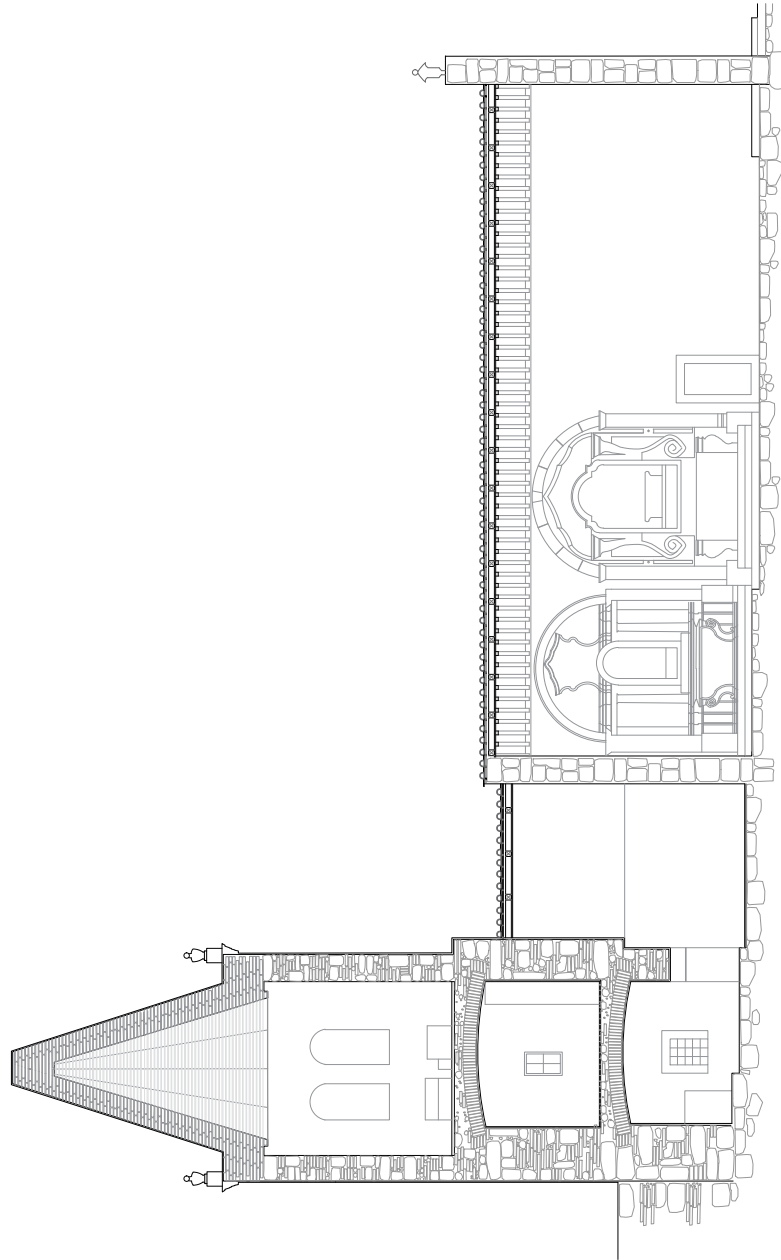


Alçado Sul

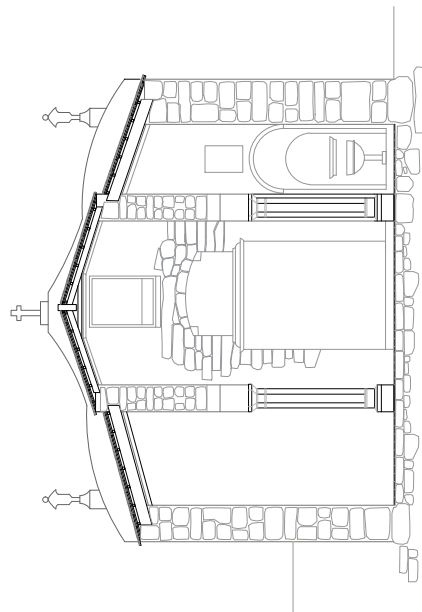


Alçado Nascente

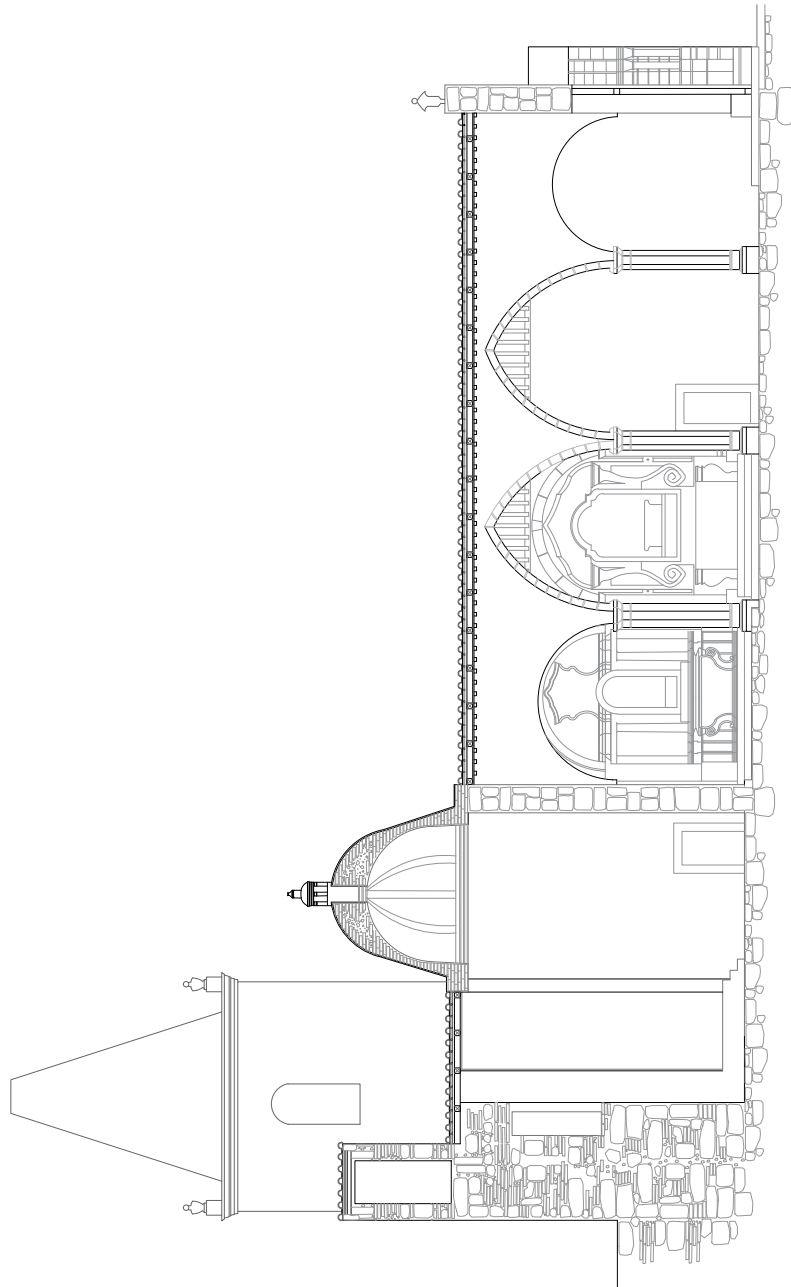




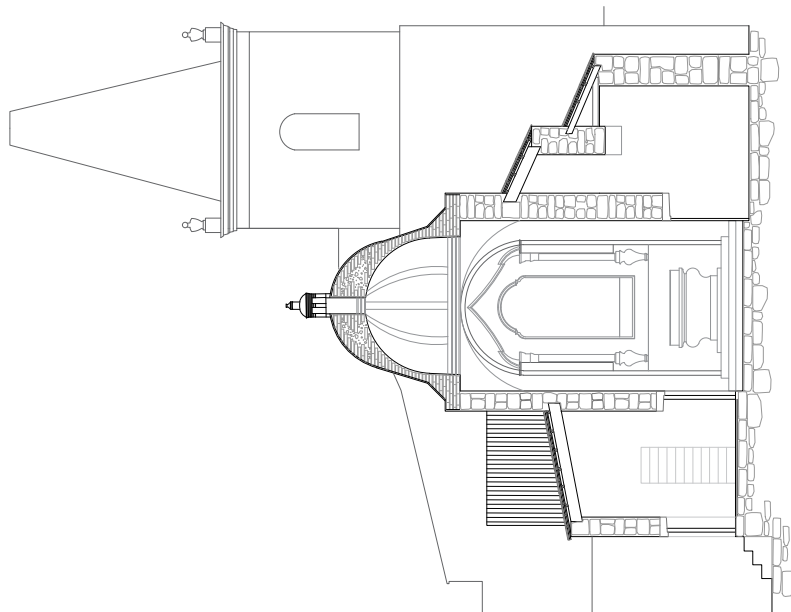
Corte BB'



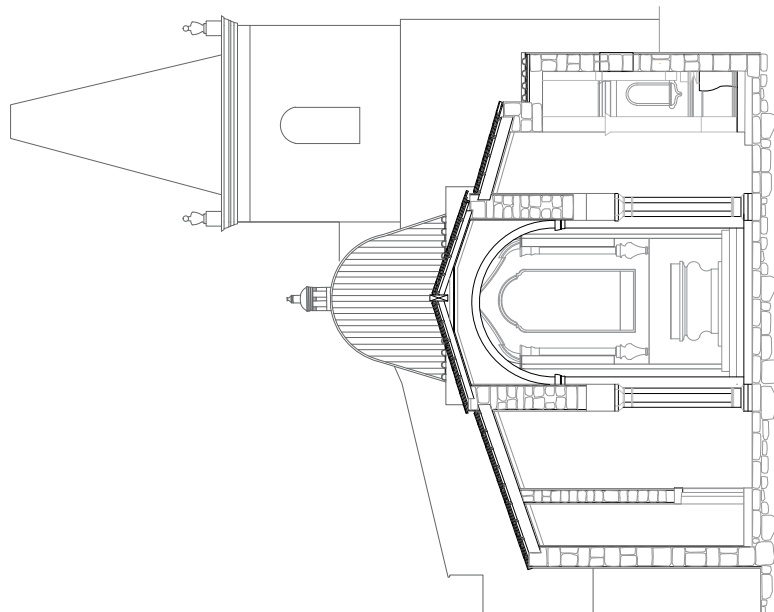
Corte AA'



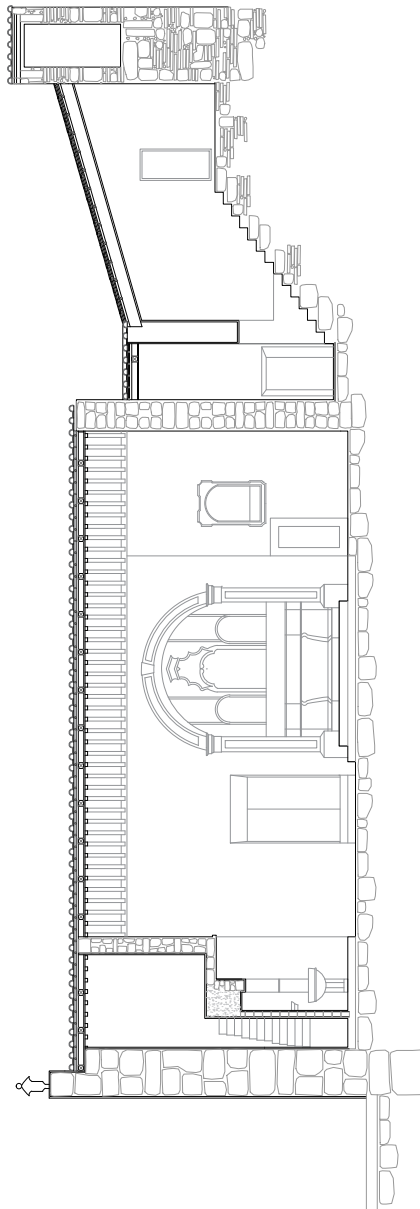
Corte DD'



Corte CC'



Corte EE'



Corte GG'

Orçamento da despesa que se fez com a obra
 a baixo declarado, na paróquia de São Pedro
 desta Cidade d'El-Rey, a abobadilha, telhados
 e a torre e muro, e revestimento da torre e muro
 pertencente a dicta.

a saber.

Metros quadrados de a abobadilha.

18^m, por 10^m, por foz 180^m - 14840 -- 3314200

Metros quadrados de Telhado

25^m, por 18^m, por foz 450^m - 540 -- 2524720

3 torcos de comprimento 5^m, 5 - 34500 -- 104500

Revestimento da Torre e Muro -

pertencente a dicta - - - - - 1504000

para andaimes e a ferramentas para dicta - 1504000

Summa 8944420

Choz = 12 = Fevereiro 1877

O Avanco da Camara, Antonio de S. Bruno

ANEXO 2.3 – Manuscrito da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Pedro – Orçamento para abobadilho, telhados e revestimento da torre e muro pertencente à mesma. (1877)

Orçamento que fiz do trabalho de Carpintaria na Igreja de São Pedro, para preparar e cobrir o telhado com novas madeiras e para as ferras novas tudo costar as urnas todas pelo modo das mesmas partes ao trabalho

Ferras	24 cruzes	a 960	23,040
Peças de São João	50	a 400	12,000
Ferras para em maderar e para as ferras			34,000
Trinta dias de trabalho		a 480	14,400
Somma RS			52,440

Para guarda pe' o seguinte

Sete barreiras ou peças de 24 palmos	a 4200	8400	
Ferras	14 cruzes a 950	13,300	
Ferras		2400	
Trinta e seis dias de trabalho	a 480	17,280	
Somma RS			41,520

Para fazequiar o seguinte

Madeiras 7	a 5000	35,000	
Bijus	18 faxes a 600	10,800	
Ferras para em maderar e fazequiar		4,500	
Trabalho 42 dias	a 480	20,160	
Somma RS			70,460

Cláus 12 de Fevereiro de 1877
o Carpinteiro

Simão de Souza

ANEXO 2.4 – Manuscrito da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Pedro – Orçamento para alteração da pendente dos telhados, bem como a colocação de partes novas nos mesmos.(1877)

